

Números da coleção	Comprimento oblíquo	Comprimento máximo	Diâmetro da cabeça	Menor diâmetro transversal da diáfise	Maior diâmetro antero-posterior da diáfise	Faceta da face anterior do colo, etc.	Largura da articulação inferior	Platimeria			Curvatura		Angulo de torsão	Comprimento do colo	Angulo do colo	Obliquidade da diáfise
								Diâmetro antero-posterior	Diâmetro transversal	Índice	Flecha máxima	Índice				
446	m/m	m/m	m/m	m/m	m/m	m/m	m/m	m/m	m/m	m/m	m/m	°	m/m	°	°	
448	434	436	49	25	29	Pres.	74	28	31	90	56	12.9	6	65	116	10
449	465	466	47	27	33	Pres.	78	30	35	86	62	13.3	2	69	120	7
451	449	451	42	25	28	Pres.	71	23	28	82	59	13.1	15	63	128	6
452	482	489	48	27	30	.....	72	30	32	94	60	12.4	7	66	133	12
454	432	437	45	24	24	Pres.	75	24	28	86	53	12.2	21	62	124	12
455	447	452	45	23	27	Pres.	73	26	27	96	56	12.5	17	60	136	10
456	436	437	44	26	32	Pres.	75	25	31	81	54	12.3	10	63	126	7
457	447	451	48	26	31	Aus.	76	25	31	81	64	14.3	15	68	127	12
458 <sup>17</sup>	442	445	47	26	31	Pres.	72	27	32	84	61	13.8	12	65	130	9
459	439	441	45	31	31	Pres.	69	28	31	90	58	13.2	7	65	125	11
460	438	441	45	27	32	Pres.	72	28	31	90	64	14.6	12	64	130	10
461 <sup>18</sup>	448	453	47	24	32	Pres.	78	29	30	97	62	13.8	7	62	140	9
462 <sup>19</sup>	450	451	49	29	34	Aus.	79	28	31	90	68	15.1	23	67	130	3
463	405	407	45	25	28	Pres.	70	24	30	80	57	14.0	4	64	125	10
465 <sup>20</sup>	438	440	47	26	29	Pres.	77	26	31	84	62	14.1	0	73	121	10
467	416	418	45	27	27	Pres.	72	25	30	83	59	14.1	17	66	129	8
468 <sup>21</sup>	430	433	44	28	29	Pres.	74	28	31	90	59	13.7	22	67	127	8
469 <sup>22</sup>	483	485	48	26	32	Pres.	76	29	32	91	63	13.0	16	71	135	8
470 <sup>23</sup>	434	437	47	26	31	Pres.	75	27	31	87	62	14.2	13	66	131	11
471 <sup>24</sup>	467	471	48	27	33	Pres.	77	27	32	84	59	12.6	12	67	137	9
472 <sup>25</sup>	427	428	45	24	29	...	70	24	30	80	57	13.3	4	55	121	7
473	430	433	47	26	27	Aus.	79	28	33	85	55	12.3	21	63	130	10
474	440	442	45	26	27	Pres.	77	26	30	87	54	12.2	11	66	131	8
476 <sup>26</sup>	461	465	47	23	27	Aus.	75	26	26	100	56	12.1	28	62	140	8
477	438	442	50	27	34	Aus.	80	28	40	70	64	14.5	31	64	121	8
478	471	475	50	28	32	Pres.	82	28	34	82	64	13.5	11	76	131	10
480 <sup>27</sup>	462	467	49	27	30	Pres.	77	28	31	90	61	13.2	23	64	126	10
482 <sup>28</sup>	437	439	45	27	29	Pres.	78	30	34	88	60	13.7	10	66	125	6
483 <sup>29</sup>	465	469	48	28	33	Pres.	77	29	34	85	61	13.1	11	68	127	7
484	430	436	49	28	34	Pres.	83	26	32	81	62	14.4	15	67	124	12
487 <sup>30</sup>	455	458	45	26	32	Pres.	76	29	32	91	64	14.0	6	68	128	10
488	442	446	47	27	28	Pres.	73	26	34	76	54	12.2	6	67	128	8
490 <sup>31</sup>	444	445	48	27	30	Pres.	78	30	32	94	58	13.0	10	67	125	7
491 <sup>32</sup>	424	426	44	27	29	Pres.	76	26	33	79	60	14.1	5	66	115	7
492 <sup>33</sup>	441	448	42	26	31	Pres.	74	25	30	83	55	12.4	3	58	129	13
494	453	456	49	27	29	Pres.	76	25	32	78	58	12.8	2	69	130	8
494	397	400	43	25	28	Aus.	74	24	30	80	57	14.3	0	57	124	9

Número da coleção	Comprimento oblíquo	Comprimento máximo	Diâmetro da cabeça	Menor diâmetro trans-versal da diáfise	Maior diâmetro antero-posterior da diáfise	Faceta da face anterior do colo, etc.	Largura da articulação inferior	Platimeria			Curvatura		Angulo de torção	Comprimento do colo	Angulo do colo	Obliquidade da diáfise
								Diâmetro antero-posterior	Diâmetro trans-versal	Índice	Flecha máxima	Índice				
497 <sup>34</sup>	m/m 449	m/m 456	m/m 51	m/m 27	m/m 29	m/m Pres.	m/m 79	m/m 29	m/m 31		m/m 62		° 12	m/m 66	° 132	° 13
498	453	455	47	23	30	Pres.	75	28	30	93	61	13.4	14	66	130	8
499	455	457	46	23	30	Aus.	75	27	29	93	61	13.4	15	68	130	8
500 <sup>35</sup>	427	429	45	25	30	Pres.	73	26	29	90	57	13.3	14	61	128	5

<sup>1</sup> Fossa hipotrocanteriana.

<sup>2</sup> Vestígios de 3.º trocânter.

<sup>3</sup> Vestígios de 3.º trocânter.

<sup>4</sup> Vestígios de fossa hipotrocanteriana.

<sup>5</sup> Vestígios de 3.º trocânter.

<sup>6</sup> Fossa hipotrocanteriana e vestígios de 3.º trocânter.

<sup>7</sup> 3.º trocânter.

<sup>8</sup> Vestígios de fossa hipotrocanteriana.

<sup>9</sup> Vestígios de 3.º trocânter.

<sup>10</sup> Vestígios de 3.º trocânter.

<sup>11</sup> 3.º trocânter.

<sup>12</sup> Fossa hipotrocanteriana.

<sup>13</sup> Vestígios de 3.º trocânter.

<sup>14</sup> Fossa hipotrocanteriana.

<sup>15</sup> Anormal no 3.º superior.

<sup>16</sup> Grande fossa hipotrocanteriana.

<sup>17</sup> Vestígios de 3.º trocânter e sinais de fratura no terço médio.

<sup>18</sup> Grande linha áspera.

<sup>19</sup> Fossa hipotrocanteriana.

<sup>20</sup> Vestígios de 3.º trocânter.

<sup>21</sup> Grande linha áspera.

<sup>22</sup> Fossa hipotrocanteriana.

<sup>23</sup> Grande pilastra.

<sup>24</sup> Vestígios de fossa hipotrocanteriana. Cabeça e grande trocânter anormais.

<sup>25</sup> Vestígios de 3.º trocânter e de fossa hipotrocanteriana.

<sup>26</sup> 3.º trocânter e vestígios de fossa hipotrocanteriana.

<sup>27</sup> Vestígios de fossa hipotrocanteriana.

<sup>28</sup> Fossa hipotrocanteriana.

<sup>29</sup> Grande 3.º trocânter. Fractura no terço médio.

<sup>30</sup> 3.º trocânter.

<sup>31</sup> Vestígios de 3.º trocânter.

<sup>32</sup> Vestígios de fossa hipotrocanteriana.

<sup>33</sup> Vestígios de fossa hipotrocanteriana.

<sup>34</sup> Fossa hipotrocanteriana. Vestígios de 3.º trocânter.

<sup>35</sup> Vestígios de 3.º trocânter.

NOTA. — Nesta tabela e nas seguintes, os números em egípcio representam valores aproximados.

TABELA IV  
Colecção de Coimbra

Fêmures ♂ esquerdos

Números da colecção	Comprimento obliquo	Comprimento máximo	Diâmetro da cabeça	Menor diâmetro trans-versal da diáfise	Maior diâmetro antero-posterior da diáfise	Faceta da face anterior do colo, etc.	Largura da articulação inferior	Platimeria			Curvatura		Angulo de torsão	Comprimento do colo	Angulo do colo	Obliquidade da diáfise
								Diâmetro antero-posterior	Diâmetro trans-versal	Índice	Flecha máxima	Índice				
302 <sup>1</sup>	425	427	45	26	29	Pres.	69	27	30	90	56	13.1	— 1	69	137	7
304 <sup>2</sup>	448	450	42	27	27	Pres.	71	25	30	83	63	14.0	19	62	122	8
305	442	447	50	26	32	Pres.	76	28	30	93	65	14.7	15	67	129	13
306 <sup>3</sup>	455	461	48	27	29	Pres.	75	28	31	90	62	13.6	25	64	124	10
307 <sup>4</sup>	490	494	50	27	33	Pres.	80	28	33	85	65	13.2	9	73	131	10
309	441	443	45	27	30	Pres.	75	25	31	81	63	14.2	15	59	129	9
310 <sup>5</sup>	409	416	46	27	29	.....	72	26	32	81	59	14.4	14	66	119	14
312 <sup>6</sup>	432	433	47	31	30	Aus.	73	27	33	82	60	13.8	5	62	132	5
313	437	440	45	23	31	Pres.	72	26	27	96	60	13.7	8	63	130	9
317 <sup>7</sup>	477	486	46	25	32	.....	79	28	31	90	62	12.9	17	66	133	13
318 <sup>8</sup>	420	422	47	24	27	Pres.	73	26	30	87	56	13.3	— 1	65	125	9
319	434	436	43	23	30	.....	73	24	26	92	53	12.2	18	59	128	6
320 <sup>9</sup>	424	428	47	26	29	Pres.	77	27	31	87	62	14.6	11	64	122	12
321	445	450	46	22	27	Pres.	75	25	26	96	54	12.1	15	62	141	10
323	432	433	44	28	28	Pres.	75	25	34	76	57	13.2	1	61	122	8
325	414	416	45	25	28	Pres.	74	24	31	77	60	14.5	23	62	125	8
326	445	451	44	25	26	Aus.	73	25	28	89	56	12.5	— 1	59	133	12
329 <sup>10</sup>	466	468	49	29	31	Pres.	80	30	31	97	62	13.3	16	65	132	5
330 <sup>11</sup>	464	465	51	28	29	Pres.	75	26	35	74	60	12.9	21	69	125	9
331 <sup>12</sup>	435	436	50	28	42	Pres.	80	29	34	85	64	14.7	9	63	119	11
332	468	469	46	25	29	Aus.	72	27	30	90	57	12.1	14	72	130	9
333 <sup>13</sup>	448	453	46	28	29	Aus.	72	27	31	87	60	13.3	16	64	122	13
334 <sup>14</sup>	499	500	51	38	35	Pres.	83	28	43	65	70	14.0	15	80	110	9
336	453	458	48	30	32	Pres.	76	27	35	77	65	14.3	18	63	125	12
337 <sup>15</sup>	435	437	46	27	28	.....	76	26	32	81	57	13.1	17	61	121	8
338 <sup>16</sup>	456	459	46	26	29	.....	76	28	33	85	57	12.5	10	63	122	8
339 <sup>17</sup>	437	440	44	28	29	Pres.	77	28	35	80	60	13.7	— 4	61	134	9
341	488	493	49	27	31	Pres.	74	30	34	88	61	12.5	4	66	132	12
342	443	447	46	26	28	Pres.	73	27	33	82	59	13.3	4	69	131	12
343 <sup>18</sup>	465	467	50	27	31	.....	79	29	31	94	69	14.8	21	68	133	8
344	433	469	45	24	27	Aus.	73	25	27	93	63	13.6	14	63	128	13

Número da colecção	Comprimento oblíquo		Comprimento máximo	Diâmetro da cabeça	Menor diâmetro transversal da diáfise	Maior diâmetro antero-posterior da diáfise	Faceta da face anterior do colo, etc.	Largura da articulação inferior	Platimeria			Curvatura		Angulo de torsão	Comprimento do colo	Angulo do colo	Obliquidade da diáfise
	m/m	m/m							Diâmetro anterior	Diâmetro transversal	Índice	Flecha máxima	Índice				
345 <sup>19</sup>	431	432	49	26	30	....	79	26	32	81	65	15.0	13	65	119	9	
347 <sup>20</sup>	471	474	46	29	38	Aus	76	28	31	90	65	13.8	8	66	139	9	
348	431	435	47	25	26	Pres.	70	24	30	80	59	13.6	16	66	128	12	
349	445	449	45	26	28	....	71	27	31	87	54	12.1	17	62	125	10	
350	408	409	43	26	26	Pres.	74	25	29	86	53	12.9	12	60	124	9	
351	439	442	45	26	30	Pres.	73	28	31	90	60	13.6	11	63	123	10	
352	455	457	43	26	27	Pres.	71	24	30	80	55	12.0	8	60	128	10	
353 <sup>21</sup>	438	442	46	25	31	....	75	28	31	90	58	13.2	— 1	64	133	9	
354 <sup>22</sup>	430	432	44	24	26	Pres.	71	25	33	76	51	11.8	9	66	122	10	
355 <sup>23</sup>	480	482	52	26	31	....	78	25	33	76	64	13.3	17	67	127	7	
356 <sup>24</sup>	433	435	44	28	29	Pres.	74	27	29	93	58	13.3	19	66	132	8	
360 <sup>25</sup>	411	416	43	26	28	Pres.	73	25	33	76	53	12.8	7	56	117	13	
362 <sup>26</sup>	440	446	49	29	33	Pres.	76	29	38	76	61	13.8	— 4	64	121	13	
363 <sup>27</sup>	411	415	46	25	28	Pres.	76	24	30	80	58	14.1	20	58	124	10	
365 <sup>28</sup>	456	458	48	27	30	....	78	27	31	87	59	12.9	32	59	130	8	
366 <sup>29</sup>	472	472	50	29	32	Pres.	80	27	33	82	63	13.2	— 1	75	125	8	
368 <sup>30</sup>	471	473	46	29	29	....	75	28	33	85	61	12.9	10	63	123	10	
369	433	434	48	27	29	Pres.	72	25	32	78	57	13.1	13	62	124	8	
370	444	445	48	29	31	Aus.	75	26	36	72	61	13.7	12	58	128	7	
371 <sup>31</sup>	441	444	48	28	30	Pres.	78	28	33	85	57	12.9	4	66	122	11	
373	438	440	47	27	31	Pres.	72	28	34	82	59	13.5	7	58	117	9	
374	433	434	48	26	33	Pres.	76	28	33	85	64	14.7	11	59	120	7	
375	434	436	46	24	26	Aus.	75	24	32	75	52	11.9	— 2	66	135	5	
377	455	457	46	23	29	Aus.	71	27	29	93	62	13.6	29	66	127	8	
378	425	431	46	28	27	Pres.	73	26	33	79	62	14.5	11	66	120	13	
382 <sup>32</sup>	463	468	49	27	33	Pres.	79	28	36	78	64	13.8	0	75	120	13	
383	436	438	46	25	28	....	72	26	31	84	58	13.3	8	63	126	8	
384 <sup>33</sup>	456	459	45	25	29	Aus.	72	26	34	76	62	13.6	28	59	124	10	
385 <sup>34</sup>	437	440	45	27	29	Pres.	72	27	32	84	58	13.2	14	63	122	11	
387	422	426	45	24	28	....	72	26	29	90	56	13.2	15	64	130	11	
389 <sup>35</sup>	453	456	45	29	32	Pres.	73	30	33	91	65	14.3	14	69	125	9	

<sup>1</sup> Grande linha áspera<sup>2</sup> Fossa hipotrocantérica.<sup>3</sup> Vestígios de 3.º trocânter.<sup>4</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.<sup>5</sup> Fossa hipotrocantérica.<sup>6</sup> Fossa hipotrocantérica. Anormal no terço médio.<sup>7</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.<sup>8</sup> Grande linha áspera.<sup>9</sup> 3.º trocânter.

- <sup>10</sup> Grande linha áspera.
- <sup>11</sup> Fossa hipotrocantérica.
- <sup>12</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica. Enorme linha áspera no terço inferior.
- <sup>13</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>14</sup> 3.º trocânter. Fossa hipotrocantérica. Fractura do pequeno trocânter. Extremamente robusto e um pouco anormal.
- <sup>15</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>16</sup> 3.º trocânter. Fossa hipotrocantérica.
- <sup>17</sup> Fossa hipotrocantérica.
- <sup>18</sup> Pilastra nítida.
- <sup>19</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>20</sup> Vestígios de 3.º trocânter. Fractura no terço médio.
- <sup>21</sup> Grande linha áspera.
- <sup>22</sup> Vestígios de 3.º trocânter.
- <sup>23</sup> Fossa hipotrocantérica.
- <sup>24</sup> Vestígios de 3.º trocânter. Grande linha áspera.
- <sup>25</sup> Vestígios de 3.º trocânter.
- <sup>26</sup> Fossa hipotrocantérica.
- <sup>27</sup> Grande linha áspera.
- <sup>28</sup> Vestígios de 3.º trocânter.
- <sup>29</sup> Fossa hipotrocantérica. Vestígios de 3.º trocânter.
- <sup>30</sup> Fractura no terço inferior.
- <sup>31</sup> 3.º trocânter.
- <sup>32</sup> Grande pilastra.
- <sup>33</sup> 3.º trocânter.
- <sup>34</sup> Fossa hipotrocantérica. Vestígios de 3.º trocânter.
- <sup>35</sup> Vestígios de 3.º trocânter. Grande pilastra.

TABELA V  
 Coleção de Coimbra  
 Fémures ♀ direitos

Numeros da collecção	Comprimento obliquo	Comprimento máximo	Diámetro da cabeça	Menor diámetro transversal da diáfise	Maior diámetro antero-posterior da diáfise	Faceta da face anterior do corpo, etc.	Largura da articulação inferior	Platimeria			Curvatura		Angulo de torsão	Comprimento do colo	Angulo do colo	Obliquidade da diáfise
								Diámetro antero-posterior	Diámetro transversal	Índice	Flecha máxima	Índice				
234 <sup>1</sup>	m/m 390	m/m 392	m/m 37	m/m 20	m/m 23	Aus.	m/m 60	m/m 20	m/m 28	m/m 71	m/m 52	m/m 13.3	° 30	m/m 54	° 127	° 8
244	390	395	39	23	27	Pres.	61	23	28	82	52	13.3	— 6	57	127	12
246 <sup>2</sup>	389	394	42	23	23	Pres.	67	21	28	75	52	13.3	28	61	128	12
251 <sup>3</sup>	405	406	39	25	20	Pres.	66	25	33	76	61	15.0	4	55	115	8
258 <sup>4</sup>	378	380	40	23	25	....	65	23	28	82	53	14.0	22	52	120	7
259	412	418	41	23	27	Pres.	66	23	28	82	54	13.1	7	60	128	11
260 <sup>5</sup>	400	403	39	24	26	Pres.	67	21	31	68	54	13.5	30	55	123	8
270	436	441	41	24	31	Pres.	66	25	30	83	60	13.7	28	57	129	11
271 <sup>6</sup>	394	400	43	25	28	Aus.	66	26	32	81	61	15.4	25	55	116	12
273 <sup>7</sup>	377	378	39	25	25	Aus.	66	24	28	86	56	14.8	18	54	125	4
304 <sup>8</sup>	396	401	43	24	25	Pres.	67	21	31	68	56	14.1	12	57	117	14
306	396	402	41	25	30	Aus.	66	27	31	87	59	14.8	25	54	120	11
307 <sup>9</sup>	410	412	43	27	28	Pres.	68	25	33	76	58	14.1	16	51	125	7
308	413	418	40	23	27	Pres.	67	22	28	79	58	14.0	15	55	130	12
315 <sup>10</sup>	423	424	41	27	27	Pres.	64	24	30	80	52	12.2	16	60	131	5
317 <sup>11</sup>	392	398	41	24	24	Pres.	67	24	28	86	52	13.2	22	59	122	13
318 <sup>12</sup>	432	434	41	27	31	Pres.	63	26	33	79	56	12.9	13	58	120	7
329	396	400	40	24	28	Pres.	69	23	26	88	55	13.8	13	60	127	12

Números da colecção	Comprimento obliquo	Comprimento máximo	Diâmetro da cabeça	Menor diâmetro transversal da diáfise	Maior diâmetro antero-posterior da diáfise	Faceta da face anterior do colo, etc.	Largura da articulação inferior	Platimeria			Curvatura		Angulo de torsão	Comprimento do colo	Angulo do colo	Obliquidade da diáfise
								Diâmetro antero-posterior	Diâmetro transversal	Índice	Flecha máxima	Índice				
332	423	425	41	27	29	Pres.	70	26	29	90	60	14.1	13	62	131	5
333 <sup>13</sup>	411	416	43	28	28	Pres.	67	25	32	78	57	13.8	-16	63	125	11
338 <sup>14</sup>	388	392	38	23	26	Aus.	65	23	27	85	55	14.1	16	56	122	11
339 <sup>15</sup>	408	410	43	24	26	Aus.	68	26	28	93	54	13.2	25	58	124	7
340 <sup>16</sup>	411	415	42	23	27	Aus.	67	24	28	86	56	13.6	31	57	125	9
341 <sup>17</sup>	380	384	41	24	27	Pres.	64	24	29	83	56	14.7	-2	54	122	12
344 <sup>18</sup>	396	402	38	22	25	Aus.	63	22	26	85	52	13.3	12	50	127	12
349 <sup>19</sup>	380	383	39	23	25	Pres.	69	21	29	72	53	13.9	4	51	110	11
351	431	434	40	25	29	Pres.	66	23	30	77	56	12.9	13	60	127	9
353	393	398	40	23	25	Pres.	63	23	26	88	55	13.9	13	53	126	10
354 <sup>20</sup>	405	408	40	23	26	Pres.	65	23	27	85	53	13.0	16	56	132	8
358	411	414	39	24	27	.....	63	25	26	96	52	12.6	7	55	127	9
365 <sup>21</sup>	421	424	41	25	27	Pres.	67	24	30	80	55	13.0	13	57	117	9
370 <sup>22</sup>	396	400	41	24	29	Pres.	66	24	29	83	60	15.1	25	57	125	12
382 <sup>23</sup>	412	419	42	25	30	Pres.	67	23	29	79	64	15.5	10	59	123	14
387	390	395	40	22	26	.....	63	22	27	81	55	14.1	-5	56	130	11
398	382	384	40	23	27	Pres.	67	23	29	79	54	14.1	24	51	128	7
402 <sup>24</sup>	374	378	40	24	25	Aus.	64	22	32	69	53	14.1	4	52	123	11
403 <sup>25</sup>	408	411	42	25	29	Pres.	70	26	28	93	56	13.7	15	63	140	7
406	417	422	44	25	26	Pres.	69	24	30	80	55	13.1	21	61	121	11
412 <sup>26</sup>	419	422	44	24	27	Aus.	67	23	33	70	61	14.5	34	56	120	8
414 <sup>27</sup>	384	389	40	23	26	Pres.	65	25	30	83	55	14.3	0	59	132	11
418 <sup>8</sup>	432	433	43	23	32	Pres.	67	25	28	89	59	13.6	-3	63	132	5
422	403	409	43	26	27	Pres.	70	27	36	75	57	14.1	0	65	111	14
424 <sup>29</sup>	405	408	41	23	27	Pres.	65	23	30	77	56	13.5	19	55	128	8
426	400	404	37	25	26	Pres.	62	27	31	87	56	14.0	1	53	121	11
431	414	417	42	22	26	Aus.	62	24	27	89	55	13.2	13	54	121	9
432 <sup>30</sup>	410	414	42	22	24	Aus.	67	22	35	63	53	12.9	28	57	126	10
437	403	424	41	23	28	Aus.	65	24	30	80	55	12.7	10	54	117	9
440	380	381	42	25	26	.....	67	24	30	80	52	13.6	-5	55	121	7
445	433	438	43	24	28	Aus.	67	25	31	81	57	13.1	22	56	129	10
447	368	371	40	22	25	Pres.	64	25	29	86	53	14.3	4	56	124	12
450	394	396	41	26	29	Pres.	65	26	31	84	55	13.9	4	62	125	10
453 <sup>31</sup>	392	394	40	22	26	Pres.	63	24	27	89	57	14.5	13	56	131	9
464 <sup>32</sup>	406	411	41	24	27	.....	68	23	30	77	57	14.0	24	61	129	12
466 <sup>33</sup>	387	390	40	22	27	Aus.	65	22	30	73	55	14.2	13	56	131	10
475 <sup>31</sup>	421	423	42	24	29	.....	67	25	30	83	60	14.2	19	53	132	7

Números da coleção	Comprimento oblíquo	Comprimento máximo	Diâmetro da cabeça	Menor diâmetro transversal da diáfise	Maior diâmetro antero-posterior da diáfise	Faceta da face anterior do corpo, etc.	Largura da articulação inferior	Platimeria			Curvatura		Angulo de torsão	Comprimento do colo	Angulo do colo	Obliquidade da diáfise
								Diâmetro antero-posterior	Diâmetro transversal	Índice	Flecha máxima	Índice				
479 <sup>35</sup>	m/m 398	m/m 401	m/m 38	m/m 22	m/m 26	Aus.	m/m 63	m/m 22	m/m 28	79	m/m 54	13.5	° 15	m/m 51	° 119	° 9
481	386	388	38	23	24	.....	<b>62</b>	22	28	79	52	13.4	— 5	55	128	5
485 <sup>36</sup>	392	398	40	27	27	Pres.	65	24	31	77	60	15.3	6	53	120	15
486 <sup>37</sup>	405	408	39	25	28	Pres.	66	21	32	66	56	13.8	—12	55	120	11
489 <sup>38</sup>	404	407	39	24	28	Pres.	67	26	32	81	55	13.6	10	56	124	10
493	391	394	42	25	25	Pres.	70	24	27	89	54	13.8	0	60	136	8
495	420	425	41	23	26	Pres.	68	25	26	96	53	12.6	6	62	124	13
496	404	408	39	23	26	Pres.	66	23	27	83	53	13.1	22	54	129	11

- <sup>1</sup> Fossa hipotrocantérica.
- <sup>2</sup> 3.º trocânter.
- <sup>3</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica. Grande curvatura transversal.
- <sup>4</sup> Vestígios de 3.º trocânter e de fossa hipotrocantérica.
- <sup>5</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>6</sup> 3.º trocânter e fossa hipotrocantérica.
- <sup>7</sup> 3.º trocânter.
- <sup>8</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>9</sup> Fossa hipotrocantérica.
- <sup>10</sup> 3.º trocânter.
- <sup>11</sup> Vestígios de 3.º trocânter.
- <sup>12</sup> Fossa hipotrocantérica.
- <sup>13</sup> Fossa hipotrocantérica.
- <sup>14</sup> Vestígios de 3.º trocânter.
- <sup>15</sup> 3.º trocânter e fossa hipotrocantérica.
- <sup>16</sup> Vestígios de 3.º trocânter e de fossa hipotrocantérica.
- <sup>17</sup> Vestígios de 3.º trocânter e de fossa hipotrocantérica.
- <sup>18</sup> Vestígios de 3.º trocânter e de fossa hipotrocantérica.
- <sup>19</sup> Fossa hipotrocantérica. Condilos deformados.
- <sup>20</sup> Fossa hipotrocantérica.
- <sup>21</sup> Fossa hipotrocantérica. Vestígios de 3.º trocânter.
- <sup>22</sup> Vestígios de 3.º trocânter.
- <sup>23</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>24</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>25</sup> 3.º trocânter.
- <sup>26</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>27</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>28</sup> Grande pilastra.
- <sup>29</sup> Fossa hipotrocantérica.
- <sup>30</sup> Grande 3.º trocânter.
- <sup>31</sup> 3.º trocânter. Fossa hipotrocantérica.
- <sup>32</sup> Grande 3.º trocânter. Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>33</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>34</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>35</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.
- <sup>36</sup> 3.º trocânter. Fossa hipotrocantérica.
- <sup>37</sup> Fossa hipotrocantérica.
- <sup>38</sup> Vestígios de 3.º trocânter.

TABELA VI  
Colecção de Coimbra

Fémures ♀ esquerdos

Números da colecção	Comprimento obliquo	Comprimento máximo	Diâmetro da cabeça	Menor diâmetro transversal da diáfise	Maior diâmetro antero-posterior da diáfise	Faceta da face anterior do colo, etc.	Largura da articulação inferior	Platimeria			Curvatura		Angulo de torsão	Comprimento do colo	Angulo do colo	Obliquidade da diáfise
								Diâmetro antero-posterior	Diâmetro transversal	Índice	Flecha máxima	Índice				
301 <sup>1</sup>	m/m 417	m/m 419	m/m 41	m/m 22	m/m 23	Aus.	m/m 63	m/m 27	m/m 31	m/m 87	m/m 54	m/m 12.9	° 2	m/m 58	° 128	° 7
303	412	416	40	24	27	Pres.	68	24	30	80	57	13.8	13	58	130	10
308	389	392	37	23	24	...	60	21	28	75	51	13.1	9	54	129	10
311 <sup>2</sup>	397	403	38	23	25	Aus.	63	23	27	85	51	12.9	17	50	129	12
314	392	396	39	23	25	Aus.	64	24	27	89	53	13.4	14	55	127	12
315	420	422	43	25	28	Pres.	69	24	31	77	60	14.2	14	65	121	12
316 <sup>3</sup>	406	408	39	24	24	....	62	21	30	70	51	12.5	19	51	123	7
322	420	422	43	25	25	Pres.	70	25	30	83	57	13.5	28	59	122	8
324 <sup>4</sup>	415	420	39	23	24	Pres.	64	21	28	75	52	12.5	5	57	128	8
327	413	416	39	23	28	Aus.	66	23	30	77	61	14.7	25	54	120	10
328 <sup>5</sup>	421	423	42	26	30	Pres.	70	28	31	90	57	13.5	8	60	126	8
335	393	397	41	25	25	Pres.	65	23	30	77	51	12.9	0	58	128	12
340 <sup>6</sup>	374	383	41	26	24	Pres.	68	23	33	70	53	14.1	28	56	120	16
346 <sup>7</sup>	436	440	43	26	27	Pres.	68	26	31	84	59	13.5	— 2	59	125	11
357 <sup>8</sup>	377	379	40	22	25	Aus.	64	21	26	81	54	14.3	11	52	133	8
358	415	421	40	25	32	Pres.	68	23	29	79	52	12.5	— 6	55	129	14
359 <sup>9</sup>	427	432	42	27	28	....	64	27	32	84	59	13.8	12	56	121	12
361	403	407	40	23	26	Pres.	65	24	26	92	56	13.8	0	59	127	12
364 <sup>10</sup>	401	406	40	24	26	Aus.	67	22	32	69	56	13.9	18	53	125	13
367 <sup>11</sup>	414	415	40	24	27	Pres.	67	26	27	96	56	13.5	9	57	125	7
372 <sup>12</sup>	402	406	39	26	27	Pres.	69	26	32	81	54	13.4	— 2	54	122	12
376	400	404	40	25	27	Pres.	64	24	32	75	54	13.5	2	55	120	11
379 <sup>13</sup>	376	378	38	24	24	Aus.	60	24	32	75	54	14.3	22	50	122	9
380	407	410	40	25	24	Pres.	68	26	33	79	54	13.2	0	56	121	11
381	402	404	39	24	28	Pres.	65	22	27	81	55	13.6	— 12	57	127	9
388 <sup>14</sup>	415	419	43	23	26	Aus.	68	22	28	79	54	13.0	10	54	133	10
390 <sup>15</sup>	408	411	42	26	25	Pres.	70	25	30	83	54	13.2	14	60	133	9
396 <sup>16</sup>	406	411	41	24	26	....	65	24	32	75	54	13.3	5	56	120	12
398 <sup>17</sup>	397	399	42	26	29	Pres.	70	24	29	83	58	14.6	19	58	129	8
406	398	404	40	28	29	Aus.	65	25	32	78	58	14.5	20	56	122	13
407	386	389	38	24	25	Aus.	64	22	28	79	55	14.2	12	55	120	11



Números da colecção	Comprimento obliquo	Comprimento máximo	Diâmetro da cabeça	Menor diâmetro trans-versal da diáfise	Maior diâmetro antero-posterior da diáfise	Faceta da face anterior do colo, etc.	Largura da articulação inferior	Platimeria			Curvatura		Angulo de torsão	Comprimento do colo	Angulo do colo.	Obliquidade da diáfise
								Diâmetro antero-posterior	Diâmetro trans-versal	Índice	Flecha máxima	Índice				
409	m/m 410	m/m 415	m/m 38	m/m 20	m/m 25	Aus.	63	m/m 21	m/m 26	81	52	12.6	— 2	m/m 56	° 140	° 11
413 <sup>18</sup>	395	398	40	23	24	Aus.	66	21	28	75	53	13.4	9	55	127	9
418	400	403	40	24	26	Aus.	63	21	30	70	54	13.5	17	52	131	10
421 <sup>19</sup>	398	402	43	24	27	Pres.	65	26	33	79	61	15.3	37	54	121	11
431	386	389	38	23	27	Aus.	62	23	29	79	55	14.2	11	54	121	12
438	382	387	41	24	28	Aus.	65	24	28	80	56	14.6	1	57	120	12
446	410	414	38	23	26	Pres.	66	22	28	79	51	12.4	19	58	132	11
448 <sup>20</sup>	373	374	40	25	26	Pres.	63	20	31	65	53	14.2	6	50	119	9
455	393	397	41	25	26	Pres.	67	24	30	80	55	13.9	9	61	125	11
457	411	414	43	28	28	.....	68	25	32	78	58	14.1	17	54	125	8
461 <sup>21</sup>	403	406	43	24	29	Pres.	65	25	30	83	60	14.8	31	57	123	10
462 <sup>22</sup>	408	411	42	23	28	Aus.	67	22	27	81	56	13.7	18	58	128	10
463	377	381	38	21	23	Aus.	65	21	26	81	54	14.5	20	53	122	11
465 <sup>23</sup>	376	378	39	24	31	Pres.	66	27	31	87	58	15.4	10	58	130	11
468 <sup>24</sup>	377	379	38	23	27	Pres.	63	21	27	78	57	15.1	25	56	123	9
470 <sup>25</sup>	437	443	42	25	28	Pres.	67	24	29	83	57	13.0	9	60	133	12
477	408	411	39	26	28	Pres.	63	26	28	93	52	12.7	5	55	126	11
478	368	369	40	22	25	.....	64	21	30	70	53	14.4	17	53	125	7
479 <sup>26</sup>	391	393	39	26	25	Pres.	67	22	29	76	52	13.2	9	59	120	10
484 <sup>27</sup>	402	409	39	23	26	Pres.	63	24	29	83	55	13.6	— 8	57	120	15
486 <sup>28</sup>	408	410	42	25	26	Pres.	67	23	27	85	56	13.7	12	56	129	7
496 <sup>29</sup>	406	410	42	24	25	Aus.	67	24	29	83	53	13.0	19	53	130	11
498	372	375	42	24	26	.....	67	24	28	86	57	15.3	13	61	127	9
499 <sup>30</sup>	403	407	42	26	27	Aus.	65	23	30	77	59	14.6	28	57	127	10
502	369	375	37	22	25	Pres.	61	22	27	81	51	13.8	12	50	126	13
503	417	423	41	25	25	Pres.	67	24	28	86	54	12.9	5	61	120	15
504	399	405	40	21	24	Pres.	66	22	25	88	58	14.5	10	56	118	13
506 <sup>31</sup>	383	385	40	24	27	Pres.	66	21	30	70	57	14.8	16	55	127	10
512 <sup>32</sup>	385	387	39	24	25	Pres.	64	23	32	72	53	13.7	11	57	118	10
516 <sup>33</sup>	437	440	42	25	28	Aus.	68	24	28	86	54	12.3	7	61	134	9
522	397	400	40	23	25	Aus.	65	23	29	79	53	13.3	12	56	121	11
524 <sup>34</sup>	388	393	39	24	28	Aus.	66	24	28	86	58	14.9	14	56	130	11

<sup>1</sup> 3.º trocânter. Fossa hipotrocantérica.

<sup>2</sup> Vestígios de 3.º trocânter e de fossa hipotrocantérica.

<sup>3</sup> Vestígios de 3.º trocânter e de fossa hipotrocantérica.

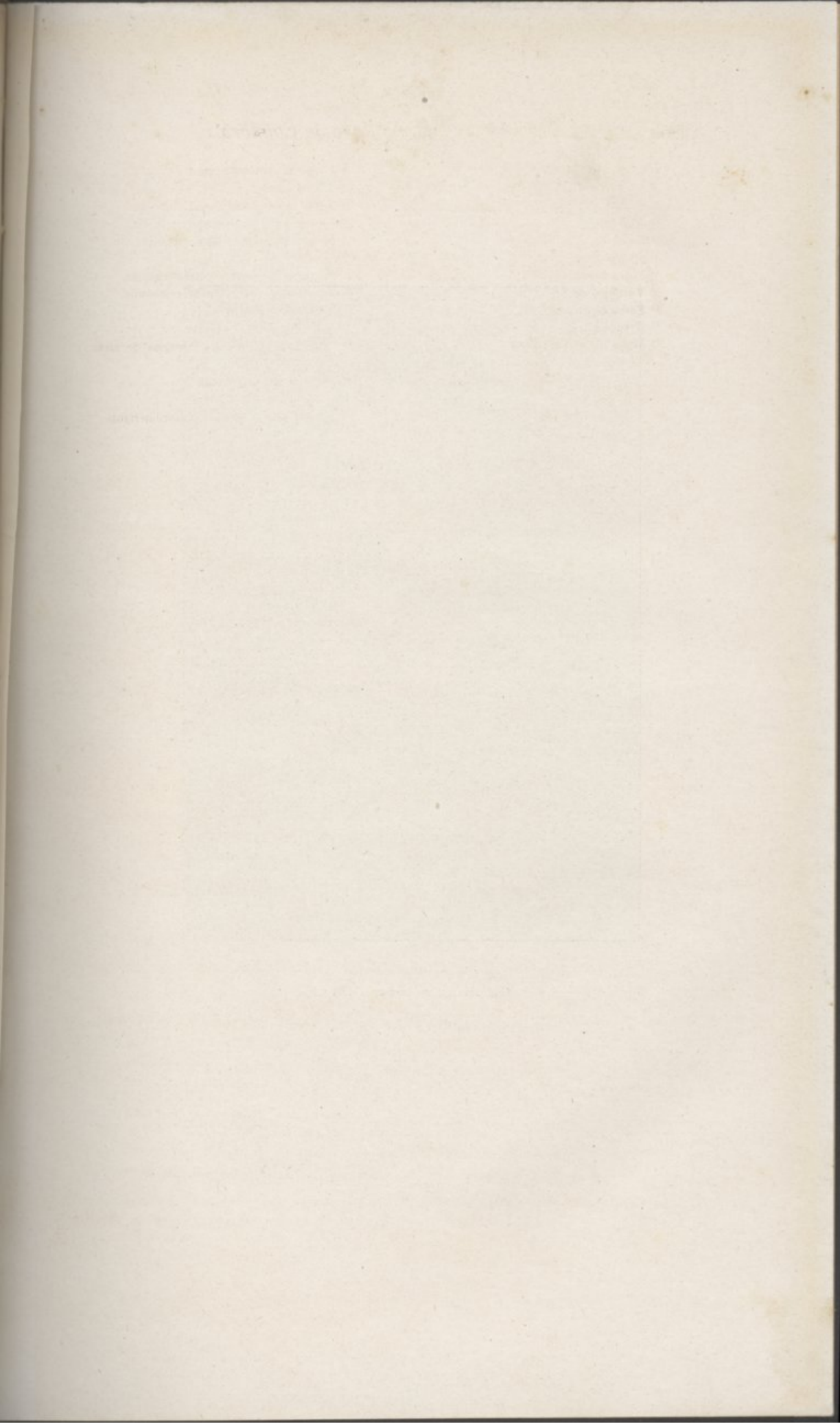
<sup>4</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.

<sup>5</sup> 3.º trocânter. Grande curvatura transversal.

<sup>6</sup> 3.º trocânter. Fossa hipotrocantérica.

<sup>7</sup> Vestígios de fossa hipotrocantérica.

- <sup>8</sup> Fossa hipotrocanteriana.  
<sup>9</sup> 3.º trocânter.  
<sup>10</sup> Grande fossa hipotrocanteriana.  
<sup>11</sup> Vestígios de 3.º trocânter.  
<sup>12</sup> Fossa hipotrocanteriana.  
<sup>13</sup> 3.º trocânter.  
<sup>14</sup> Fossa hipotrocanteriana.  
<sup>15</sup> Vestígios de 3.º trocânter.  
<sup>16</sup> Fossa hipotrocanteriana.  
<sup>17</sup> Grande pilastra.  
<sup>18</sup> Fossa hipotrocanteriana.  
<sup>19</sup> 3.º trocânter. Fossa hipotrocanteriana.  
<sup>20</sup> Fossa hipotrocanteriana. Vestígios de 3.º trocânter.  
<sup>21</sup> Fossa hipotrocanteriana.
- <sup>22</sup> Fossa hipotrocanteriana.  
<sup>23</sup> 3.º trocânter.  
<sup>24</sup> Fossa hipotrocanteriana.  
<sup>25</sup> Vestígios de 3.º trocânter.  
<sup>26</sup> Fossa hipotrocanteriana. Vestígios de 3.º trocânter.  
<sup>27</sup> Vestígios de fossa hipotrocanteriana.  
<sup>28</sup> Vestígios de fossa hipotrocanteriana.  
<sup>29</sup> Fossa hipotrocanteriana.  
<sup>30</sup> Fossa hipotrocanteriana.  
<sup>31</sup> Grande linha áspera. Vestígios de fossa hipotrocanteriana.  
<sup>32</sup> Fossa hipotrocanteriana.  
<sup>33</sup> Vestígios de 3.º trocânter.  
<sup>34</sup> 3.º trocânter. Fossa hipotrocanteriana.





PROF. JOSÉ FERREIRA MARNOCO E SOUSA

(Falecido em 17 de março de 1916)

## Dr. José Ferreira Marnoco e Sousa

(NOTAS BIOGRÁFICAS)

No dia 17 de março de 1916, faleceu em Coimbra, depois de um cruciante sofrimento de dois meses, o professor dr. JOSÉ FERREIRA MARNOCO E SOUSA, na idade de quarenta e sete anos incompletos, pois nascera em 29 de agosto de 1869.

O falecimento do exímio professor constituiu uma perda enorme para a Universidade, para Coimbra e para o país, como vão mostrá-lo as despretenciosas notas descritivas da sua vida de doutrinador e de homem de acção.

Depois de ter feito o curso de sciências ecclesiásticas no Seminário do Pôrto, matriculou-se na Faculdade de Direito no ano lectivo de 1890-1891, concluindo a sua formatura no dia 27 de junho de 1895.

A sua vida académica foi toda votada ao estudo, revelando desde logo as duas grandes qualidades que haviam de sinalar toda a sua existência — uma forte intelligência servida por uma forte vontade, as quais explicam o prodígio da sua obra scientifica, que é imensa, para uma vida relativamente curta.

Assim o reconheceu a Faculdade de Direito, a qual, tendo-o laureado com as honras de *accessit* no terceiro, quarto e quinto ano da formatura, durante a qual escrevera o seu primeiro ensaio scientifico — *Syntheses financeiras*<sup>1</sup>, lhe conferiu a informação final de *Muito Bom, com 16 valores*, o que, segundo as praxes académicas do tempo, significava uma sugestão, se não um convite, para os actos grandes e para o ingresso no professorado.

Dêsse modo o interpretou MARNOCO E SOUSA, vindo para Coimbra preparar-se para o acto de licenciatura, que fez no dia 25 de abril de 1896, e para o qual escreveu a sua segunda obra — *Impedimentos do*

---

<sup>1</sup> Êste trabalho foi primeiro publicado na revista scientifica de Coimbra — *O Instituto*, vol. xli, págs. 1, 104, 269 e 319, com o título de *Estudos financeiros*, aparecendo depois em separata com o título indicado no texto.

*casamento no direito portuguez*, por cuja leitura ninguém diria que pudesse ser estudada, organizada e escrita em vinte dias, tal era o prazo legal para a composição da dissertação de licenciatura. Essa dissertação foi por certo uma grande prova do poder da sua percepção e do seu trabalho. O acto de licenciatura mereceu-lhe informação igual à da formatura, isto é, *Muito Bom, com 16 valores*.

Seguindo o seu caminho de emérito trabalhador, desde logo se preparou para o acto de conclusões magnas, para o qual escreveu, como dissertação inaugural, o livro que tem o título — *Das letras no direito commercial portuguez*, que é uma das suas melhores obras e cujo mérito bem se manifesta no facto de a edição se haver esgotado rápidamente, como esgotado já está o 1.º volume da segunda edição da mesma obra, publicada em 1905 e 1906 com o título de — *Letras, livranças e cheques*. O acto teve lugar nos dias 4 e 5 de novembro de 1897, realizando-se o doutoramento no dia 5 de dezembro do mesmo ano. Mais cedo teria defendido teses e se teria doutorado, se o serviço da Faculdade o permitisse. Ainda o acto de conclusões foi classificado com a informação de *Muito Bom, com 16 valores*.

A breve trecho foi aberto concurso para o provimento de algumas vagas de professores substitutos na Faculdade de Direito, ao qual se apresentou o dr. MARNOCO E SOUSA e para o qual escreveu a — *Execução extraterritorial das sentenças civis e commerciaes*, que é um trabalho notável de investigação histórica, de organização científica e de interpretação do direito positivo. Prestou as provas do concurso nos dias 26 de abril, 3 e 10 de maio de 1898, foi nomeado professor substituto da Faculdade por decreto de 26 de maio do mesmo ano, e foi promovido a professor catedrático por decreto de 9 de janeiro de 1902, exercendo quasi ininterruptamente o magistério até que a doença veio prostrá-lo no dia 14 de janeiro e a morte roubá-lo no dia 17 de março de 1916.

Professou, pois, cêrca de dezasete anos e meio. Foi um ciclo assombroso de trabalho, formidável de actividade. Professor, escritor, administrador, o seu labor é constante, a sua cerebração é febril, a sua pênna é incansável, a sua acção é prodigiosa.



I. *O professor*. Depois de concluídas as provas do concurso e ainda antes de nomeado professor substituto, foi o dr. MARNOCO E SOUSA convidado pela Faculdade de Direito para reger a cadeira de direito romano, nos poucos dias que restavam do ano lectivo.

Nos anos lectivos de 1898-1899 e 1899-1900, foi incumbido da

regência da cadeira de direito eclesiástico comum, à qual procurou imprimir uma orientação inteiramente inconfessional, em harmonia com as tendências do seu espírito e com o que êle considerava as ideias do seu tempo. Não deu à estampa as lições feitas durante êsses cursos, mas essas lições foram litografadas e aí se pode observar a sua preocupação de sempre — esgotar o estudo dos assuntos e fornecer aos seus alunos todos os elementos necessários para o completo conhecimento das questões. A bibliografia é sempre riquíssima, o conhecimento das fontes é completo, a documentação é perfeita <sup>1</sup>.

Nos mesmos anos lectivos de 1898-1899 e 1899-1900, regeu, em acumulação, de janeiro a maio, a cadeira de *Direito publico*, publicando em 1900 as *Lições de direito politico*, que foram a fonte principal da sua obra — *Direito politico, Poderes do Estado. Sua organização segundo a sciencia politica e o direito constitucional portuguez*, dada à estampa em 1910. As lições de 1900 e a obra de 1910 foram a base doutrinal e crítica do seu trabalho — *Constituição politica da República Portuguesa*, dada à publicidade em 1913.

O professor MARNOCO E SOUSA não era um empirista que fórmulasse ou resolvesse problemas de direito politico sem subordinar o seu estudo a um critério superior que orientasse o seu espírito com segurança. E assim é que os seus trabalhos de publicista se vasam nos moldes da escola histórica coordenada com as teorias sociológicas e da psicologia colectiva. A orientação do professor publicista é assim exposta na obra — *A Faculdade de Direito e o seu ensino*, da qual o dr. MARNOCO foi um dos colaboradores: «No impedimento do sr. dr. FREDERICO LARANJO, foi a cadeira de direito público regida pelo professor MARNOCO E SOUSA, nos anos lectivos de 1898-1899 e de 1899-1900. As suas lições, que se encontram impressas, sob o titulo de *Lições de direito politico*, orientam-se pelas doutrinas da escola italiana, dando ao mesmo tempo uma grande atenção às teorias sociológicas e da psicologia colectiva, que então começava a fazer applicações muito interessantes aos problemas políticos. . . A escola a que obedecem as doutrinas destas lições é ainda a escola histórica, modificada pelas doutrinas do evolucionismo crítico de HERBERT SPENCER, pois é ela a única que permite imprimir às reformas politicas a verdadeira orientação a seguir. Segundo a escola histórica-evolucionista, não se podem admitir instituições politicas independentes da realidade concreta das condições de cultura dum povo. Por isso, as reformas

---

<sup>1</sup> *Direito eclesiastico*, prelecções feitas pelo dr. MARNOCO E SOUSA, nos anos lectivos de 1898-1899 e 1899-1900.

políticas não podem ser construções lógicas do espírito humano, mas adaptações graduais e contínuas do Estado às variáveis condições do meio ambiente. Não é a álgebra de reformadores aprioristas que pode triunfar na vida política das sociedades, mas a fôrça da evolução. A investigação do melhor govêrno, diz LÉON DUGUIT, é quimérica. É o A, B, C da sciência política que o melhor govêrno é de facto o que se encontra melhor adaptado à sociedade que rege, para desempenhar a missão que lhe incumbe»<sup>1</sup>.

Não desconhecia o dr. MARNOCO nem a doutrina da construção jurídica do Estado formulada pela escola alemã de LABAND, MAYER e JELLINEK, nem a doutrina do *realismo* jurídico de DUGUIT, mas nenhuma dessas doutrinas pôde ainda dominar o seu espírito, que se conservou dentro da escola histórico-evolucionista, marcando assim a sua obra a influência que a mesma escola exerceu na evolução das doutrinas políticas em Portugal.

No ano lectivo de 1900-1901 começou a reger a cadeira de economia política, em que se fixou como professor catedrático e em que professou quasi seguidamente durante o largo período de quinze anos, isto é, até que a doença e a morte vieram roubá-lo à Universidade e ao país. Foi aí o grande baluarte do seu trabalho. Ora expondo as teorias gerais da economia política, sempre segundo a mais recente lição dos factos e das doutrinas, ora versando um capítulo especial das sciências económicas, não havia facto económico que não chamasse a sua observação, nem sistema científico que não fosse por êle estudado e apreciado. Pela fieira do seu espírito incansável passavam tanto as realidades da vida económica como a interpretação doutrinal que dessas realidades era formulada pelos homens de sciência, de modo a os seus discípulos poderem ver os factos através duma fórmula científica.

Dêsse labor formidável são testemunho estas publicações:

a) *Lições de economia social*, feitas na Universidade de Coimbra ao curso do 2.º ano jurídico do ano de 1900-1901;

b) *Sciencia economica*. Prelecções feitas ao curso do 2.º ano jurídico do ano de 1901-1902;

c) *Sciencia economica*. Prelecções feitas ao curso do 2.º ano jurídico do ano de 1902-1903;

d) *Sciencia economica*. Prelecções feitas ao curso do 2.º ano jurídico do ano de 1903-1904;

e) *A troca e o seu mecanismo*. Prelecções feitas ao curso do 2.º ano jurídico do ano de 1904-1905;

---

<sup>1</sup> Pág. 29.



f) *Sciencia economica*. Prelecções feitas ao curso do 2.º ano jurídico do ano de 1905-1906;

g) *Sciencia economica*. Prelecções feitas ao curso do 2.º ano jurídico do ano de 1906-1907;

h) *O capitalismo moderno*. Lições feitas ao curso do 2.º ano jurídico do ano de 1907-1908;

i) *Sciencia social*. Lições sôbre o método e doutrinas desta escola feitas na Universidade de Coimbra ao curso de sciência económica e direito económico de 1907-1908;

j) *Economia nacional*. Prelecções feitas ao curso do 2.º ano jurídico do ano de 1908-1909;

k) *Sciencia economica*. Prelecções feitas ao curso do 2.º ano jurídico do ano de 1909-1910.

De 1910 em diante, não tornou o dr. MARNOCO a publicar lições. Porque emudeceria assim a sua pênna? Seria que o insigne professor resolveu fixar-se nas lições de 1909-1910, por já não haver que acrescentar às doutrinas expostas? Não. Foi muito outra a razão do seu silêncio. Com o advento da República, operou-se no ensino superior a reforma profunda da substituição da *assistência obrigatória* aos cursos pelo que geralmente se chamam *cursos livres*, nos quais se não aponta falta aos alunos que não comparecem. A publicação de lições neste regime seria um motivo a mais para afastar os estudantes dos cursos, que facilmente se deixariam convencer da razão simplista de que a lição publicada pelo professor substituíu o mesmo professor e de que por isso não era necessário assistir às prelecções. Isto é, a publicação de lições representava um acto antipedagógico, que o dr. MARNOCO viu com clareza e que sábiamente evitou.

Das lições sôbre sciências económicas publicadas desde 1900 a 1910, depreende-se facilmente a orientação do eminente professor, que aliás se encontra já formulada no livro acima indicado — *A Faculdade de Direito e o seu ensino*. Escreve-se aí: «A escola em que se filia o professor MARNOCO E SOUSA é uma escola intervencionista, a escola realista, hoje dominante nas universidades alemãs e a que tem dado tamanho relêvo os trabalhos de WAGNER e SCHMOLLER. A verdadeira doutrina sôbre a acção do Estado encontra-se evidentemente num meio termo entre o individualismo e o socialismo, de modo que o Estado, sem exercer uma ingerência absorvente, promova o desenvolvimento económico, intelectual e moral da sociedade. O Estado não pode assistir de braços cruzados às cruentas batalhas da concorrência social, permitindo a glorificação dos fracos, esmagados sob o pêso da economia capitalista. É por isso que nos cursos do professor MARNOCO E SOUSA se tem ligado sempre uma grande importância ao mo-

vimento operário sob qualquer dos seus aspectos, socialista, cooperativista, unionista e mesmo anarquista»<sup>1</sup>. Era assim mesmo. O professor MARNOCO E SOUSA não queria abafar o fecundo poder da iniciativa individual, mas também não achava justo o sacrificio dos fracos na luta impiedosa da concorrência económica. Vía o justo equilibrio das fôrças em luta na prudente acção do Estado no sentido de estabelecer entre essas fôrças a possível coordenação.

A par com a cadeira de economia política, que foi o grande centro do seu trabalho, regeu o professor MARNOCO E SOUSA outras cadeiras e cursos, em que desdobrou intensamente a sua actividade e onde deixou fortes vincos da sua passagem.

Assim:

1.º No ano lectivo de 1902-1903, acumulou, desde 14 de janeiro a 14 de março, a cadeira de processos especiais, em substituição do dr. DIAS DA SILVA. Foram sôbre processo penal as lições que fez durante essa substituição, as quais correm impressas com êste título — *Processo penal* (apontamentos das lições do professor MARNOCO E SOUSA).

2.º Nos anos lectivos de 1904-1905 e de 1905-1906, acumulou a cadeira de história das instituições do direito romano, peninsular e português. Foi êle o primeiro professor que regeu esta cadeira, a qual havia sido criada pela reforma dos estudos universitários de 24 de dezembro de 1901. Em ambos os anos de regência publicou lições, impressas com o título de *Historia das instituições do direito romano, peninsular e portuguez*, que se orientaram pelos melhores métodos da investigação histórica no campo das sciências jurídicas e que, pode dizer-se, serviram de texto na regência da referida cadeira até à sua supressão pela reforma dos estudos jurídicos de 18 de abril de 1911.

3.º Nos anos lectivos de 1905-1906 e 1906-1907, acumulou a cadeira de administração colonial, imprimindo em ambos os anos as suas lições com o título de *Administração colonial*. Foi também êle quem, pela primeira vez, regeu aquela cadeira, igualmente criada pela reformo de 1901, iniciando em Coimbra os estudos coloniais, que, até então, eram aí inteiramente desconhecidos.

4.º Nos anos lectivos de 1908-1909 e 1909-1910, acumulou a cadeira de direito eclesiástico português, imprimindo em ambos os anos as lições, que correm com o título de *Direito eclesiastico* (1908-1909) e *Direito eclesiastico portuguez* (1909-1910) e onde o autor mantém a orientação inconfessional que seguira na regência da cadeira de direito eclesiástico comum, nos anos de 1898-1899 e 1899-1900.

---

<sup>1</sup> Pág. 19.

5.º Nos anos lectivos de 1910-1911 e 1911-1912, acumulou as cadeiras de finanças e de administração colonial. Nestes anos, como nos seguintes, não apareceram lições impressas, pela razão já dita da implantação, entre nós, dos cursos livres.

6.º No ano lectivo de 1912-1913, acumulou a cadeira de finanças e o curso de estatística. Este curso, criado pela reforma de 1911, foi pela primeira vez regido pelo dr. MARNOCO, a quem se deve a iniciação do ensino da estatística em Portugal.

7.º No ano lectivo de 1913-1914, acumulou a cadeira de finanças e o curso de economia social, curso igualmente criado pela reforma de 1911 e cuja regência também foi iniciada pelo dr. MARNOCO.

8.º Finalmente, no ano lectivo de 1914-1915 e no ano lectivo de 1915-1916 até janeiro, isto é, até ao momento em que a fatal doença veio prostrá-lo, acumulou a cadeira de finanças e o curso de estatística.

É certamente eloquente esta resenha das cadeiras e cursos regidos pelo professor MARNOCO E SOUSA nos seus dezoito anos de professorado. Que soma de trabalho, que dispêndio de energia, para abarcar assuntos tão vastos, difíceis e complexos!

Na sua passagem pela Faculdade de Direito, o professor MARNOCO renova o estudo da economia política, das finanças, do direito político e do direito eclesiástico, impulsiona vigorosamente o estudo da história do direito, e cria o estudo da estatística, da economia social e da administração colonial! E tudo isto num prodígio de esforço que mais parece sonho do que realidade. Mas, para que ninguém possa duvidar da sua proficiência e do seu grande esforço, aí está nas lições litografadas ou impressas a prova real e palpável dessa proficiência e desse esforço. Em face dessa prova esmagadora, acrescentada ainda da sua obra como escritor e como administrador, ver-se há em cheio esse formidável gigante do trabalho, compreender-se há porque êle tombou à sepultura muito antes de atingir a idade média dos homens fortes, como êle era, e saber-se há que foi o delírio do trabalho que o matou.

E, forçoso é confessá-lo, o delírio que o sacrificou a êle foi sem dúvida um grande factor do progresso da Faculdade nos dez fecundíssimos anos que decorrem de 1900-1910. Foi a exemplo seu, e até a seu pedido ou conselho, que os professores da Faculdade se lançaram no caminho da publicação das suas lições e na organização dos seus livros. E assim é que, velhos e novos, quasi todos — HENRIQUES DA SILVA, GUIMARÃES PEDROSA, DIAS DA SILVA, GUILHERME MOREIRA, TEIXEIRA DE ABREU, JOSÉ TAVARES, ALBERTO DOS REIS, PEDRO MARTINS, CAEIRO DA MATA, RUY ULRICH, e o autor destas linhas, dão publi-

dade às suas lições e alguns organizam livros definitivos, mostrando ao país culto que a Faculdade era uma grande oficina de trabalho, onde se conheciam tanto as novas correntes doutrinárias como os processos da investigação científica. Dificilmente se encontrará no país uma corporação científica que tenha na sua história uma década mais fecunda de produção científica, do que foram esses dez anos da Faculdade de Direito de Coimbra. E não é exagêro afirmar que, em grande parte, isso se deve à sugestão ou ao pedido do dr. MARNOCO. O seu exemplo deu como fruto uma grande e indestrutível obra científica, que vigorizou a Faculdade e honrou a Universidade e o país, no conceito dos portugueses de boa fé e no conceito dos estrangeiros que falam ou conhecem a língua portuguesa.

Mas, além de um grande trabalhador, foi o professor MARNOCO um grande disciplinado, um grande disciplinador e um grande pedagogo.

Foi um grande *disciplinado*, impondo-se o cumprimento dos seus deveres profissionais com uma austeridade e uma pontualidade como poucos conseguem fazê-lo. É que êle pertencia àquela escola de professores cujo credo consiste em criar autoridade pelo trabalho, pela proficiência e pela consciência no cumprimento do dever. Nunca o dominou a preocupação da popularidade, porque êle bem sabia quanto isso é efêmero e que isso só se conquista à custa de concessões que degradam ou em troca de baixezas de carácter que aviltam, e igualmente sabia que não há são prestígio pessoal que não resulte das qualidades da pessoa.

Como consequência de ser um grande disciplinado, foi um grande *disciplinador*. Em verdade, não podia facilmente transigir com o relaxamento quem a si mesmo não permitia desfalecimentos. A mesma linha de conduta que queria para si, queria-a para os seus discípulos. Se lhe repugnavam, nas suas relações com os alunos, as durezas excessivas, que encham de arestas o caminho do professorado, repugnavam-lhe por igual as excessivas condescendências, que inutilizam o ensino, ofendem o decôro da escola e, volvendo-se numa flagrante deslealdade, comprometem o aprumo com que desejem conduzir-se aqueles professores que queiram cumprir inteiramente o seu dever. Esse pecado não o cometeu o dr. MARNOCO. Honra lhe seja!

A feição pedagógica do espírito do professor MARNOCO e SOUSA atravessou duas fases muito características. Na primeira fase, a sua orientação foi acentuadamente *académica*, de tendências muito teóricas e doutrinárias. Era a orientação geral do ensino ao tempo do seu ingresso no professorado. A sua inteligência não tinha, porém, nada de misoneísta, antes procurava o seu próprio progresso e assimilava

com prazer a inovação de onde quer que ela partisse, contanto que viesse aperfeiçoar os seus conceitos e dar eficácia à concretização dos mesmos conceitos. Ora, o professor MARNOCO, assim como, no campo da ciência, procurava conhecer tudo o que se passava no mundo dos factos e no mundo das doutrinas, assim também, no campo do ensino, procurava informar-se do modo como se conduziam os professores das escolas de direito e das escolas de ciências políticas e sociais. E, a leitura dos livros e revistas de pedagogia, a sua missão de estudo, em 1909, nas faculdades de direito de Paris, Turim e Roma, e as respostas ao *Questionário* enviado pela sua Faculdade em 1910 às universidades e escolas de todos os países sôbre a organização e métodos de ensino do direito e das ciências sociais, mostraram-lhe que uma nova orientação tendia a dominar o ensino por toda a parte. O ensino meramente académico, teórico e livresco cedia o passo ao *ensino concretizado*, pelo contacto permanente entre a escola e a vida, quer formulando princípios em cursos teóricos e concretizando-os em cursos práticos, à maneira europeia, designadamente à maneira alemã, quer erguendo os princípios teóricos sôbre a análise de factos e hipóteses, à maneira americana, devendo a escola, quanto possível, ser um *laboratório* em que se *descrevam* ou se *reproduzam* os factos de que, mediante processos lógicos, os princípios *resultam* e em que os princípios se *concretizam*. A nova orientação impôs-se ao seu espírito como a própria evidência e o sábio professor em harmonia com ela dirigiu os seus cursos nos últimos anos.

Formular princípios com clareza e com simplicidade, sem a antiga preocupação do pêsso da erudição, demonstrá-los com exactidão e concretizá-los com propriedade e com justeza — tal era a orientação pedagógica do malgrado professor na sua segunda fase. E, dentro dessa orientação, eram admiráveis as suas lições, segundo o testemunho dos discípulos que a elas assistiam com interesse e desejo de aprender. E assim era natural em quem conhecia profundamente tanto os princípios que pretendia ensinar como os factos que deviam constituir o meio pedagógico de realizar o ensino.

A nova orientação seguiu-a o dr. MARNOCO sobretudo depois da reforma dos estudos jurídicos de 18 de abril de 1911, em que êle muito colaborou, como membro da comissão que organizou o projecto aprovado pela Faculdade em 7 de março de 1911 e que foi, na sua maior parte, adoptado pelo Governo Provisório da República. Êsse projecto de reforma, que se propôs modernizar e sanear o ensino do direito — separando a função docente da função de julgamento, para criar na escola a atmosfera de confiança entre professores e discípulos que aí é absolutamente necessária e que, com a fusão das duas fun-

ções, é impossível de realizar, como os factos exuberantemente tem mostrado, criando e organizando o ensino prático, para tirar à escola o carácter exageradamente teórico e até verbalista que a dominava e para a integrar no movimento de renovação que vai transformando as faculdades de direito em todos os Estados civilizados, remodelando os exames no sentido da introdução de provas escritas de carácter prático e no sentido de dar à prova oral uma forma concreta, para que o exame, sanção próxima do ensino, ficasse em correspondência com êste e deixasse de ser um simples esforço da memória, para ser uma revelação da inteligência e do saber positivo do aluno, reorganizando o processo de recrutamento dos professores, pela admissão e regulamentação do regime da assistência, como meio de formação dos mesmos professores, estabelecendo enfim um seminário jurídico que funcionasse como escola de investigação científica para a iniciação duma *élite* de estudantes nos processos de elaboração de trabalhos originais — muito deve ao estudo e ao alto espírito do professor extinto. E a justiça que é devida à sua memória obrigava a fazer esta nota, para que o juízo da posteridade, ao fazer o balanço dos seus méritos, não deixe de creditar-lhe os benefícios que para o ensino português venham a resultar do que ainda resta da reforma de 1911, que tem, segundo creio, um fundo que deve ser indestrutível — o carácter positivo e concreto do ensino e do exame, se não se quiser voltar ao nefasto verbalismo da lição e do exame, que foram a maior perversão do ensino português.



II. *O escritor.* O professor MARNOCO E SOUSA não se limitou a compor dissertações como candidato a doutor e a professor, e a escrever lições para uso dos seus alunos. Na medida que as suas ocupações escolares o permitiam, ou obedecendo às naturais exigências do seu espírito ou atendendo às necessidades de defesa e de progresso da corporação a que pertencia, a sua pênna fecunda deixou-nos uma nova revelação da sua prodigiosa actividade. Êsses trabalhos extraescolares constituem dois grupos característicos: 1.º Trabalhos científicos de carácter económico, político ou jurídico; 2.º Trabalhos de pedagogia e de polémica.

1.º) *Trabalhos científicos de carácter económico, político ou jurídico.*

Estes trabalhos constituem ainda dois sub-grupos: obras científicas de fundo e artigos de revistas.

Como obras científicas de fundo, deixou-nos o dr. MARNOCO três

obras completas — *Letras, livranças e cheques*, obra em dois volumes, publicada em 1905 e 1906, — *Direito político*, publicado em 1910, e *Constituição política da república portuguesa — Comentario*, publicada em 1913, e dois tratados incompletos, o vol. 1 do — *Tratado de sciência das finanças*, publicado em 1916, já depois da sua morte, e parte do primeiro volume do — *Tratado de economia política*, que em breve verá a luz da publicidade.

As *Letras, livranças e cheques* representam uma larga refundição e transformação da dissertação inaugural, parecendo mais uma obra nova do que um simples desenvolvimento daquela dissertação. A diferença entre os dois trabalhos foi notada pelo próprio autor nestes termos: «Resolvemos refundir inteiramente o nosso trabalho *Das letras no direito commercial portuguez*, dando-lhe a forma de comentário, com um carácter acentuadamente prático, sem descurar a teoria, no que ela tem de útil para a mais rigorosa interpretação dos institutos cambiários, embora isso pareça estranho no nosso meio jurídico, onde só tem verdadeira e real importância a casuística cômoda dos acórdãos. Nesta refundição, abandonámos muitas das nossas antigas opiniões, ventilámos hipóteses e espécies novas, resumimos e apreciamos a jurisprudência dos nossos tribunais superiores, discutimos as doutrinas sustentadas pelos jornais jurídicos, procurando tornar o comentário o mais completo possível... Acrescentámos ao estudo das letras a matéria das livranças e cheques, que também desempenham funções muito importantes na economia do crédito, preponderante na época actual, completando assim o comentário ao título VI, do livro II do *Código commercial*. Ao comentário da nossa legislação ajuntámos três apêndices, um contendo as letras, livranças e cheques exemplificados, outro abrangendo as normas do direito internacional relativas a estes títulos de crédito, e outro compreendendo a legislação brasileira anotada, em virtude da importância que tem o seu conhecimento entre nós. Parece-nos que, dêste modo, o nosso trabalho algum subsidio poderá prestar para o estudo duma parte do nosso direito commercial, tão cheia de interesse e actualidade, mas ainda tão pouco conhecida e aprofundada»<sup>4</sup>.

Neste trecho determina-se o carácter da obra — um comentário à lei cambiária portuguesa, um estudo do direito internacional cambiário e um breve estudo da lei cambiária brasileira —, e prevê-se, embora sob a fórmula modesta *parece-nos*, o êxito do livro no meio jurídico português. No seu desenvolvimento, o comentário é uma obra perfeita, constituindo um estudo do direito cambiário português nos

<sup>4</sup> *Letras, livranças e cheques*, vol 1, *Preambulo*, págs. vii a ix.

seus fundamentos teóricos, na sua filiação histórica, nas suas afinidades legislativas dentro do direito comparado, na sua aplicação pelos tribunais, e no seu valor científico, nada tendo esquecido o autor para fazer do seu livro um modelo em estudos desta natureza. E o valor da obra, que é sem dúvida uma das mais perfeitas que o dr. MARNOCO nos deixou e que por muito tempo lembrará a autoridade do seu nome, claramente, embora de modo indirecto, o indica a sua aceitação pelos homens de lei. O primeiro volume já está há muito esgotado, o segundo está prestes disso, e com razão se lamenta que o sábio jurisconsulto não tivesse tempo para actualizar a sua obra e ainda mais enriquecer, com uma nova edição, as letras jurídicas portuguesas.

O *Direito político* é um estudo dos *Poderes do Estado*, nas bases da sua organização e na sua organização e funcionamento, tanto sob o ponto de vista doutrinal, como sob o ponto de vista do direito político português na última fase da monarquia. Obedecendo à orientação da escola histórico-evolucionista, aceitando a teoria da soberania nacional e concebendo o Estado como uma pessoa soberana, o autor estuda com largueza de erudição e de crítica a construção dos poderes do Estado, sem esquecer um sistema doutrinal e sem pôr de parte um diploma legislativo, por forma que aquela obra representa, não só o melhor trabalho que sobre o assunto tem sido publicado em Portugal, mas, por um lado, constitui um valioso elemento de estudo para quem quizer conhecer as teorias do direito político, e, por outro lado, é subsídio indispensável para quem pretender saber o que era e o que valia o direito político português monárquico nas vésperas da proclamação da república, pois o livro foi publicado em 1910, isto é, exactamente no ano em que foi implantada a república em Portugal.

A *Constituição política da república portuguesa* é um comentário da lei fundamental da república, a qual é estudada nas suas origens doutrinárias e legislativas, na sua elaboração e discussão parlamentar e no seu valor no campo do direito constitucional comparado. Os vastos conhecimentos do autor sobre direito político eram garantia de que o seu trabalho seria uma obra segura nas suas bases científicas e uma obra útil como estudo de direito positivo. Em verdade, se esta obra não é um trabalho tão perfeito como os dois anteriores, tem contudo o grande mérito de agitar e discutir muitas das questões que suscita a compreensão e a aplicação da constituição, foi o primeiro, como ainda é o único, estudo de conjunto do nosso código político, e por isso representa o natural ponto de partida para trabalhos mais completos. Publicado pouco mais de um ano depois da vigência da constituição, prazo relativamente curto para a organização dum tra-



balho de tão largo alcance, é sem dúvida um forte documento do saber do seu autor.

O valor do primeiro volume do *Tratado da sciência das finanças* foi posto em relêvo no belo e sentido prefácio com que o dr. ANSELMO DE ANDRADE se dignou apresentá-lo aos leitores. Transcreveremos as palavras em que o sábio economista se refere à parte do livro que trata do crédito público, que constitui a maior parte do mesmo livro e que por isso é o índice do seu valor: «Toma mais de dois terços dêste volume o crédito público, condensando-se em quatro substanciaes capítulos tudo o que mais de perto lhe diz respeito. Num deles são os empréstimos públicos estudados nas suas variadas formas, sendo completa, no seu copioso resumo, a exposição de todas as doutrinas antigas e modernas que se lhes referem. A teoria das dívidas está apresentada por maneira que nada lhe falta. Todos os seus tipos, todos os seus sistemas, todos os seus modos de ser, foram apontados e descritos, acompanhando a crítica, com atilada justeza, a exposição dos motivos. No último capítulo faz-se a história da nossa dívida pública tão completamente como é possível fazer-se, e como até agora nunca se tinha feito. É neste ponto um utilíssimo *Manual de finanças portuguezas*. Quem quiser conhecer, em toda a sua dilatada evolução, a dívida pública portugueza, macabra de cinco séculos, e vinda, a passos desiguais e cambaleantes, desde as antigas tenças até aos modernos títulos emitidos segundo o regime do convénio de 1902, tem de consultar êste livro. Não sei se o dr. MARNOCO teria desejado acrescentar ainda alguma página a êsse capítulo final, êle que tanto se comprazia em esgotar os assuntos, mas, se lhe fosse dado, como ao santo da lenda eclesiástica, continuar a escrever de além da campa, duvido que lograsse esclarecer melhor o assunto que versou».

Do *Tratado de economia política*, apenas conseguiu o dr. MARNOCO dar forma definitiva à *Introdução*, onde, em quatro capítulos, fez a análise do fenómeno económico (cap. I), formulou o conceito da economia política (cap. II), indicou o método do seu estudo (cap. III), e estabeleceu a sua divisão (cap. IV), e ao *Livro I* da *Parte I*, consagrada aos *Elementos da vida económica*, e em que estudou de modo completo o *Território* e quasi inteiramente a *População* como *Factores da vida económica*, que é o título daquêle *Livro I*. É muito pouco para o vasto plano do tratado, que, seguindo a sistematização do escritor americano SELIGMAN, abrangeria os — *Elementos da vida económica*, onde, além dos factores da vida económica, exporia a evolução da vida económica (estádios económicos e história das doutrinas económicas), as — *Condições da vida económica* (propriedade privada,

concorrência, Estado), os — *Processos da vida económica*, onde faria o estudo da indústria, da troca, e dos réditos, e o — *Destino da vida económica*, em que explanaria o que respeita ao consumo, à *economia*, à avareza, à prodigalidade, ao luxo, à pobreza, etc., e que, dado o profundo conhecimento que o grande mestre possuía das doutrinas e dos factos económicos, seria integralmente realizado e constituiria por certo o maior monumento científico que ficaríamos devendo à sua pênna. Não quis a má fortuna que isso acontecesse, mas o que ficou já é digno de registo e de estudo, emquanto contém, não só prenoções necessárias ao estudo de qualquer dos capítulos da economia política, expostas com inexcédível método e segurança científica, mas ainda as duas importantes teorias económicas do território e da população, sob o aspecto geral e sob o ponto de vista português, e essas prenoções e essas duas teorias, traçadas como foram pela mão de tamanha autoridade, deverão ser lidas por todos aqueles que em Portugal pretenderem consagrar-se aos estudos económicos. E o seu valor ainda será acrescentado pela circunstância de haver a promessa do sábio economista dr. ANSELMO DE ANDRADE de, até onde seja possível com as próprias ideias do dr. MARNOCO, completar o capítulo relativo à *População*.

A actividade do dr. MARNOCO como escritor manifestou-se ainda intensamente na sua colaboração nestas cinco revistas científicas de Coimbra — *Estudos jurídicos*, *Revista de legislação e de jurisprudência*, *Revista da Universidade*, *Boletim bibliográfico da Biblioteca da Universidade*, e *Boletim da Faculdade de Direito*.

Dos *Estudos jurídicos*, revista fundada em 1903 e que, apesar de brilhante, não chegou a durar um ano, foi o dr. MARNOCO director-fundador, deixando aí um forte traço da sua passagem nos seguintes artigos — *Da reincidência no direito penal português*<sup>1</sup>, *Efeitos jurídicos da falta de importância disponível no momento da emissão do cheque*<sup>2</sup>, *Regime legal das associações de carácter religioso*<sup>3</sup>, *Aplicação aos cheques das disposições respectivas a letras*<sup>4</sup>, *As questões prejudiciais no processo penal*, e *A legitima defesa no direito penal português*<sup>5</sup>. Estes artigos, que podem dizer-se ainda dos seus inícios de escritor, revelam já no dr. MARNOCO a maior maleabilidade para versar, sempre com grande competência, ramos de direito os mais

<sup>1</sup> Vol. 1, pág. 14.

<sup>2</sup> Vol. 1, pág. 89.

<sup>3</sup> Vol. 1, pág. 114.

<sup>4</sup> Vol. 1, pág. 207.

<sup>5</sup> Vol. 1, pág. 290.

divergentes. O direito criminal e o direito comercial amoldam-se por igual à pênna do escritor poligrafo, que havia de patentear cada vez mais as múltiples facetas do fino cristal do seu espirito.

Para a redacção da *Revista de legislação e de jurisprudência* entrou o dr. MARNOCO no comêço do ano XL dessa publicação, isto é, no principio de maio de 1907, e aí se manteve até aos seus últimos dias. Os artigos publicados na *Revista* não são assinados, aparecendo sob a responsabilidade colectiva da redacção, mas, como é natural, teem sempre um relator, que estuda as questões e formula, fundamentando-as, as soluções que são submetidas à discussão em conferência de todos os redactores. O trabalho principal é, pois, do relator, como, em regra, são as suas opiniões as que prevalecem. Ora, para se avaliar o trabalho do dr. MARNOCO como redactor da *Revista*, basta notar que a quasi totalidade dos artigos que aí foram publicados sobre *direito comercial* e sobre *direito penal* desde maio de 1907 a janeiro de 1916, a quasi totalidade dos artigos sobre *direito administrativo* desde o comêço de outubro de 1909 também até janeiro de 1916, e a quasi totalidade dos artigos sobre *direito fiscal* desde o principio do ano de 1911 igualmente até janeiro de 1916, são devidos à sua pênna, assim como a ela se devem bastantes artigos sobre direito civil nos anos XL e XLI, isto é, desde 1907 a 1909. Quem ler os artigos sobre direito comercial, penal, administrativo e fiscal, publicados dentro das datas acima indicadas, encontrará mais uma grande prova do que era e do que valia o dr. MARNOCO. O conhecimento sempre admirável da literatura jurídica tanto nacional como estrangeira, o conhecimento tantas vezes difficil da legislação administrativa e fiscal, o conhecimento sempre completo da jurisprudência tanto dos tribunais como das estações administrativas superiores, o bom critério que sempre presidia à determinação das soluções, e a forte argumentação que as apoiava, revelam eloquentemente no autor dos mesmos artigos um juriconsulto de proporções pouco vulgares. A prematura morte do dr. MARNOCO representou por isso também para a antiga *Revista* uma grande perda, que todos os redactores sentidamente deploram.

Na *Revista da Universidade*, que vai no 5.<sup>o</sup> ano da sua publicação e que o dr. MARNOCO, como primeiro secretario da redacção, dirigiu com o maior zêlo durante os anos de 1914 e 1915, escreveu aquele professor um artigo notável intitulado a *Municipalização da tracção eléctrica em Coimbra*<sup>1</sup>. Destinou-se o artigo a mostrar as vantagens sociais e financeiras da municipalização dos *tramways* eléctricos em Coimbra, a qual tinha sido acolhida com desconfiança por alguns mu-

<sup>1</sup> Vol. I, 1912, pág. 90 e segs.

nícipes e à qual o dr. MARNOCO tinha ligado a sua responsabilidade como presidente da Câmara.

Os benefícios financeiros que o ilustre professor previa realizaram-se por completo, e ainda os mais incrédulos devem estar convencidos, a esta hora, de que a municipalização da viação eléctrica em Coimbra representou, não só a realização dum alto progresso para a cidade, mas constitui uma importante fonte de receita para o município, desde que seja bem dirigida a sua administração.

No *Boletim bibliográfico da Biblioteca da Universidade* publicou o dr. MARNOCO dois pequenos artigos, aliás interessantes, um sobre o *Censo da população de 1911*<sup>1</sup>, e outro sobre a *Estatística da Biblioteca da Universidade — Ano lectivo de 1913-1914*<sup>2</sup>. No primeiro artigo estuda as relações entre a depressão demográfica e o protecționismo aduaneiro, mostrando, contra a doutrina seguida por alguns escritores portugueses, que aquela depressão não é devida às pautas protecționistas, coexistindo tanto com o livre câmbio como com o protecționismo. No segundo artigo mostra, entre outros assuntos, como se fez sentir na frequência da Biblioteca o regime dos cursos livres, entendidos, como tem sido, no sentido de garantir, não a liberdade de aprender, mas a liberdade de não aprender.

O *Boletim da Faculdade de Direito*, começado a publicar no ano lectivo de 1914-1915, estampou três artigos do insigne professor — *Caracteres da legislação operária*<sup>3</sup>, *As inscrições poderão ser penhoradas?*<sup>4</sup>, e *A contribuição industrial nas municipalizações dos serviços públicos*<sup>5</sup>. Todos estes artigos versam por uma forma elevada questões de alto interesse científico ou de direito positivo, sendo de notar que a doutrina da impenhorabilidade das inscrições, sustentada no segundo artigo, foi já definida, devido porventura à influência do mesmo artigo, no artigo 33.º da lei orçamental do ministério das finanças, de 31 de agosto de 1915, e que a doutrina da isenção da contribuição industrial das empresas públicas de serviços municipalizados, sustentada no terceiro, foi consagrada pela lei n.º 401 de 9 de setembro de 1915, a cuja elaboração também não foi por certo estranha a autoridade do ilustre professor.

2.º) *Trabalhos de pedagogia e de polémica*. Nesta categoria, incluímos as obras do dr. MARNOCO em que êle ou formulou ideias acerca

---

<sup>1</sup> Ano I, 1914, pág. 36.

<sup>2</sup> Ano I, 1914, pág. 431.

<sup>3</sup> Ano I, pág. 95.

<sup>4</sup> Ano I, pág. 273.

<sup>5</sup> Ano II, pág. 1.

da organização do ensino ou defendeu quer essas ideias quer os processos de ensino da Faculdade.

Pela ordem das suas datas, o primeiro desses trabalhos que se nos depara é o — *Parecer da comissão nomeada pela Faculdade de Direito em 24 de abril de 1900 para a organização dum curso do notariado* (Coimbra, 1900). A comissão era constituída pelos drs. ANTÓNIO DE ASSIS TEIXEIRA DE MAGALHÃES, GUILHERME ALVES MOREIRA e JOSÉ FERREIRA MARNOCO E SOUSA, mas êste foi relator da Comissão, e por isso como trabalho seu se deve considerar o belo relatório em que se justifica o projecto do curso do notariado, apresentado pela Comissão no dia 22 de julho de 1900, e aprovado pela Faculdade em congregação de 24 de julho do mesmo ano.

Como o parecer da Comissão fosse criticado pelo dr. FERNANDO MARTINS DE CARVALHO no *Século* de 16 de setembro de 1900, escreveu o dr. MARNOCO, em defesa do parecer, um folheto de 76 páginas, com êste título — *O curso do notariado e o Sr. Martins de Carvalho* (Coimbra, 1901). Nesse folheto defendeu o dr. MARNOCO vigorosamente o parecer da Faculdade, fazendo uma larga crítica das afirmações do seu censor.

Em terceiro lugar aparece-nos o opúsculo — *A reforma da instrução secundaria e os seus resultados* (Lisboa, 1905)<sup>1</sup>. Êste trabalho constitui a segunda parte do relatório feito pelo dr. MARNOCO no desempenho da sindicância ao Liceu Central de Lisboa, de que foi incumbido pela portaria do Ministério do Reino de 28 de julho de 1902. Para pôr em evidência o interêsse dêste trabalho, é suficiente dizer que êle trata sucessivamente da função social do ensino secundário, dos critérios da sua organização nos principais países cultos, do sistema geral da reforma da instrução secundária então vigente, dos resultados dessa reforma, e das modificações que deviam ser-lhe introduzidas. Com efeito, esta simples enumeração mostra que o syndicante não esqueceu nenhum dos problemas da organização do ensino secundário, nem nenhum dos aspectos sob que devia ser encarada a organização vigente em Portugal.

O quarto trabalho foi organizado de colaboração com o professor JOSÉ ALBERTO DOS REIS e tem por título — *A Faculdade de Direito e o seu ensino*. Em fevereiro de 1907, houve uma greve violentissima na Faculdade, que depressa se generalizou a toda a Universidade, e foi feita na imprensa, no parlamento e em conferências públicas uma campanha igualmente violenta contra a mesma Faculdade, apodando

---

<sup>1</sup> Êste trabalho é uma separata do *Boletim da direcção geral de instrução pública*, ano II, 1903, págs. 1 a 51.

o seu ensino de cientificamente atrasado e de pedagogicamente retrógrado. Foi, porém, em má hora que os detractores da Faculdade fizeram a sua campanha. No seu soberbo livro, os drs. MARNOCO E SOUSA e JOSÉ ALBERTO DOS REIS, com uma coragem digna de todo o louvor, aquela coragem que se funda na justiça da causa que se defende, vieram demonstrar que a Faculdade de Direito não só conhecia e ensinava a *sciência nova*, mas empenhava os seus esforços no sentido de dirigir o ensino segundo *métodos novos*.

Por um lado, o livro pôs em evidência, através das lições e dos livros publicados nos últimos anos pelos professores da Faculdade, que estes conheciam as mais recentes correntes científicas, e as ideias expostas nos livros eram as mesmas que se ensinavam nas cátedras, pois é evidente que, nos docentes da Faculdade, a sua qualidade de escritores vinha do seu trabalho de professores. Por outro lado, igualmente mostrou o livro dos dois professores que a Faculdade já havia dado provas de que não desconhecia nem lhe eram indiferentes as novas correntes pedagógicas que agitavam o espírito contemporâneo àcerca da organização do ensino do direito e das sciências sociais, porquanto, não só havia colaborado na reforma dos estudos universitários de 1901, a qual melhorou evidentemente o quadro das disciplinas da Faculdade, emquanto aí introduziu o estudo da administração colonial, da prática extra-judicial e do direito internacional, mas, reconhecendo a insuficiência pedagógica da reforma de 1901, havia nomeado na congregação final do ano lectivo de 1905-1906 (congregação de 28 de julho de 1906) uma comissão encarregada de estudar e propor as modificações a introduzir no ensino do direito, comissão que procurou cumprir o seu mandato e ponderou devidamente os problemas fundamentais duma reforma profunda daquele ensino, como o problema do ensino prático, o problema dos exercícios de investigação científica, o problema das provas escritas, etc. Foi tudo isto que os drs. MARNOCO E SOUSA e JOSÉ ALBERTO DOS REIS vieram dizer e provar para elucidação dos desprevenidos e para defesa da instituição tão rudemente atacada, embora, como elles notam, o clamor dos ataques fosse gratuito, não o acompanhando a documentação séria das afirmações deprimentes para a Faculdade. De principio a fim, êsse livro é um grito de defesa, mas a defesa de quem argumenta com provas, e não a defesa de quem se entrincheira detrás de palavras sonoras. Por êle contraíu a Faculdade para com os seus autores uma grande dívida de gratidão.

Esta série de trabalhos fecha com o livro — *O ensino juridico na França e na Italia* (Coimbra, 1910), escrito também de colaboração com o professor JOSÉ ALBERTO DOS REIS. Êste trabalho foi o resultado

de uma missão de estudo dos dois professores às faculdades de direito de Paris, Turim e Roma, para o efeito de, nessas faculdades, verificarem na sua realidade prática o ensino do direito tanto em França como na Itália.

O aparecimento dêste livro foi, na Faculdade de Direito, um dos primeiros resultados do fecundo regime da autonomia universitária criada pelo decreto ditatorial de 19 de agosto de 1907. Êste decreto, que foi ampliado pela constituição universitária de 19 de abril de 1911 e ainda pela lei de 19 de junho de 1916, atribuiu aos institutos de ensino superior, e portanto à Universidade de Coimbra, a capacidade civil e concedeu-lhes meios para que pudessem promover os progressos do ensino, dotando-os, como principal receita, com uma parte das propinas de abertura e encerramento de matrícula, a qual na Universidade era constituída pela *quarta parte* das mesmas propinas <sup>1</sup>.

Tendo a sua parte na distribuição da receita universitária de 1908, a Faculdade de Direito destinou logo um conto de reis para uma missão científica ao estrangeiro no ano lectivo de 1908-9109. A escolha dos professores a quem havia de confiar-se a primeira missão recaiu natural e logicamente nos professores MARNOCO E SOUSA e ALBERTO DOS REIS, os mesmos que tinham vindo à liça em defesa do ensino da Faculdade.

O objecto da missão também estava naturalmente indicado. Pensando a Faculdade na reforma dos seus estudos, tornava-se da maior utilidade verificar pessoalmente como era *praticada* a organização do ensino do direito nos países de maior cultura jurídica. Assim o compreenderam os dois professores, resolvendo estudar o ensino jurídico em França e Itália, dois países largamente progressivos e de uma civilização e cultura semelhantes à nossa civilização e à nossa cultura. Visitaram para isso as universidades de Paris, Turim e Roma, onde estudaram de modo completo a organização e funcionamento das faculdades de direito, onde ouviram lições, assistiram a conferências, presenciaram exercícios e viram exames, onde em suma surpreenderam o ensino como êle era na realidade. Finda a missão e regressando ao país, reduziram a escrito e publicaram as suas observações e as suas apreciações, relatando no livro indicado o que viram e ouviram e formulando as críticas que, em seu critério, merecia o regime francês e o regime italiano. Êsse relatório, altamente interessante para o conhecimento da organização e vida das faculdades de direito

---

<sup>1</sup> A constituição universitária de 1911 dotou os institutos de ensino superior com a *totalidade* das propinas.

francesas e italianas, teve para a Faculdade de Direito de Coimbra o grande mérito de reunir elementos de informação e de orientação para missões posteriores e para a elaboração da reforma dos seus estudos, que era então a sua grande preocupação. Novo serviço portanto que a Faculdade ficou devendo ao professor MARNOCO E SOUSA.



III. *O administrador.* A acção administrativa do dr. MARNOCO fez-se sentir sucessivamente na Câmara de Coimbra, onde foi presidente nos dois triénios de 1904-1907 e 1907-1910, no Gabinete TEIXEIRA DE SOUSA, onde foi ministro da Marinha e do Ultramar, na Faculdade de Direito, onde foi director desde outubro de 1913 até ao seu falecimento, e na Biblioteca da Universidade, onde foi director nos dois últimos anos da sua vida.

Como nota o dr. ANSELMO DE ANDRADE, «parecia que os hábitos de concentração, a que o inclinavam as profundas locubrações de estudioso, o deveriam indispor para os lances da administração pública, mas vieram demonstrar os actos da sua fecunda gerência na Câmara Municipal de Coimbra que não faltavam ao notável teórico qualidades de administrador exímio. O homem de gabinete mostrou-se maravilhosamente duplicado pelo homem de acção, o pensador recolhido pelo prático experimental»<sup>1</sup>.

Assim é com efeito. No dr. MARNOCO o poder de acção corria parilhas com a fôrça da inteligência. Onde quer que passou como administrador, deixou sempre traços fortes da sua passagem a atestarem a energia superiormente orientada da sua vontade.

No município de Coimbra, sucedeu ao grande presidente dr. DIAS DA SILVA, que, em dois triénios de gerência, mostrou poderosas qualidades de administrador, restaurando as finanças municipais e dando impulso aos progressos da cidade num prodígio de austera actividade, e propondo-se obedecer sempre ao grande ideal que deve nortear a vida dos municípios — realizar o maior progresso dentro do mais escrupuloso equilibrio orçamental.

Era, pois, difficil a sucessão, para que a administração municipal não decaísse de brilho nem desmerecesse de prosperidade. O novo presidente vinha do seu gabinete de investigador e da sua cátedra de doutrinador, mas era um homem cheio de inteligência para bem medir a situação, cheio de brio para bem compreender as suas responsabilidades, e cheio da boa vontade de ser digno continuador do emérito

<sup>1</sup> *Tratado de finanças.* Prefácio, pág. x.



presidente que recolhia ao seu mister de jurisconsulto e de professor eminente.

Começa a trabalhar. O progresso e o aformoseamento da cidade, a sua hygiene e a sua beleza, veem ocupar um lugar de honra nas preocupações do seu pensamento e constituir um constante objectivo do seu esforço.

O tempo vai passando e a sua obra começa a ver-se. A cidade sai, na sua maior parte, da penumbra da iluminação primitiva e aparece-nos inundada pela luz brilhante de bicos incandescentes; fechando a esplêndida *Avenida Sá da Bandeira*, que é obra sua, levanta-se um elegante pavilhão, cheio de hygiene e cheio de luz, destinado ao mercado do peixe, que dantes se fazia dentro da velha praça, sem espaço e sem limpeza suficientes; para criar mais um bairro higiênico no natural alargamento da cidade, é cortado de ruas o *Penedo da Saudade*, um dos locais mais belos nos subúrbios de Coimbra, e que podia ser um dos seus melhores bairros, se últimamente não fosse cercado por uma cinta de regimentos e hospitais; os bairros da Cumeada, Celas e Santo António dos Olivais participam do alto beneficio da canalização da água do Mondego, com a construção e utilização do depósito de Santo António; Coimbra cobre-se de jardins, que lhe imprimem toda a aparência duma cidade cuidada e agradável; ao lado dêsses jardins, através das ruas da cidade e fugindo para os bairros excêntricos, passam os *eléctricos*, que mudaram por inteiro o aspecto da cidade, dando-lhe todo o ar duma cidade moderna, êsses eléctricos que devem constituir o desespero de todos aqueles que os consideravam a ruina do município, quando afinal representam uma das suas melhores fontes de receita; os serviços municipalizados da água, do gaz e da viação eléctrica são devidamente regulamentados, organizados e instalados, e funcionam regularmente dentro das imperfeitas leis administrativas que, ao tempo da presidência do dr. MARNOCO E SOUSA, quási desconheciam as municipalizações; o município entra conscientemente no desempenho da função social, que dos municípios exige o progresso moral das sociedades, de melhorar as condições das classes trabalhadoras e desprotegidas — estabelecendo o dia de oito horas de trabalho para os operários dos fornos da fábrica do gaz, conseguindo a criação em Coimbra dum tribunal de árbitros avindores, melhorando o Asilo de cegos e aleijados de Celas, favorecendo o movimento tendente ao estabelecimento do descanso semanal, e lançando a ideia da construção dum bairro operário.

Tal foi a obra administrativa e social do dr. MARNOCO no município de Coimbra. E tudo isto êle fez através de resistências e dificuldades, tudo levando a cabo sem um desfalecimento, sempre com a maior

linha e com a maior dignidade, nunca comprometendo, antes sempre mantendo equilibradas as finanças municipais. Foi uma grande inteligência, uma grande vontade e uma grande probidade ao serviço desta Coimbra feliz, que os drs. DIAS DA SILVA e MARNOCO e SOUSA tornaram um município modelo, cujos moldes teem imitado os municípios portugueses que querem desenvolver-se e que querem progredir. DIAS DA SILVA e MARNOCO e SOUSA foram para todo o país os grandes mestres da administração municipal. Até foram mestres no modo como souberam relatar os actos da sua administração e dar publicidade às contas da sua gerência. São em verdade modelares os relatórios publicados pelo dr. DIAS DA SILVA durante a sua gerência, como modelar é também o relatório publicado pelo dr. MARNOCO em 1906, com este título — *Relatorio sobre as contas da gerencia municipal de 1905*. Este relatório é uma verdadeira monografia da vida administrativa do município de Coimbra nos seus progressos e nas suas tendências, nele transparecendo, com convicção e com sinceridade, o que a vereação municipal pensava, praticava e desejava no interesse da cidade de Coimbra e do seu concelho.

No ministério da Marinha e Ultramar, onde tanto havia a esperar dos seus largos conhecimentos sobre administração colonial, não teve tempo de se revelar, pois que a revolução veio surpreendê-lo, três meses apenas depois de constituído o Gabinete<sup>1</sup>, quando delineava e preparava a sua obra ministerial. Contudo, como era natural e como o exigiam as responsabilidades do seu nome, foi no ministério o trabalhador de sempre, sintetizando bem a incansável sofreguidão de bem conhecer e o forte desejo de bem gerir os negócios da sua pasta estas palavras que, em agosto de 1910, foram ditas ao professor CAEIRO DA MATA pelo seu presidente do conselho e que o mesmo professor reproduziu no cemitério, no dia do seu funeral: está há dois meses na pasta da Marinha e pareceria que a sobraça há dois anos. Tal foi a enorme actividade que desenvolveu na sua curta vida ministerial.

Na direcção da Faculdade de Direito, presidiu o dr. MARNOCO, em grande parte, à transformação por que passaram as instalações da Faculdade, que são por ventura das melhores em qualquer parte, e à formação do *Instituto jurídico* e da sua biblioteca, o qual representa já uma instituição de grande valor e que deve ser num futuro muito próximo o melhor sustentáculo da Faculdade como corporação científica. Foi persistente e memorável o seu esforço no sentido de se

---

<sup>1</sup> Tem a data de 26 de junho de 1910 o decreto que nomeou o dr. MARNOCO ministro da Marinha e do Ultramar.

executar a reforma dos estudos jurídicos de 1911, a que andava ligado o seu nome e que, em seu conceito, muito aperfeiçoara e dignificara o ensino jurídico em Portugal. Ainda se deve ao prestígio do seu nome junto dos poderes públicos a criação e dotação da secretaria da Faculdade, o que foi dum alcance evidente para a inteira execução dos serviços já complexos da mesma Faculdade.

Na Biblioteca da Universidade, onde foi digno continuador dos drs. JOSÉ MARIA RODRIGUES, FRANCISCO MARTINS e MENDES DOS REMÉDIOS, os quais imprimiram aos serviços daquela Biblioteca um brilho que eles nunca tiveram ou há muito tinham perdido, deixou o seu nome ligado a três obras de especial menção. Foi a primeira a criação do *Boletim bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, que veio substituir o *Arquivo bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, e que dêste difere principalmente em ter uma secção destinada a estudos sôbre os nossos problemas económicos e sociais, baseados nas publicações da actualidade que dêem entrada na Biblioteca. Foi a segunda a continuação dos edificios para a abertura duma nova sala de leitura e para a exposição e guarda dos cimélios possuídos pela Biblioteca, edificios já iniciados na gerência do dr. MENDES DOS REMÉDIOS, mas cujo andamento se tem arrastado por insuficiência de recursos, sendo com o maior zêlo que o dr. MARNOCO sempre mostrava ao Senado universitário a necessidade de destinar verbas apreciáveis para a conclusão dos mesmos edificios, e sendo certo que, se não conseguiu assistir à sua conclusão, muito contribuiu para o seu adiantamento. A terceira finalmente consistiu na melhoria de vencimentos que êle conseguiu para os empregados do quadro da Biblioteca, cujos ordenados eram pouco mais de miseráveis e hoje, embora ainda modestos, lhes garantem já uma situação relativamente desafogada.



Aí fica, em pálido esbôço, o que o dr. MARNOCO foi na sua vida de pensador e de homem de acção. Os factos que apontámos documentam plenamente a afirmação, que fizemos, de que a sua morte foi uma perda enorme para a Universidade, para Coimbra e para o país.

As suas lições de professor, as suas obras de escritor e as suas altas qualidades de administrador deram-lhe uma estatual moral que poucos teem conquistado na nossa terra. E eram bem sólidas, bem consistentes as bases do seu prestígio — a sua inteligência, o seu trabalho e o seu carácter. Nada houve de artificial na formação do seu

nome. Só a verdade lhe serviu de alicerce, só a verdade lhe criou a fama e a grandeza.

E para medir as suas proporções, é suficiente lembrar o alarme causado no país inteiro pela má nova da gravidade da sua doença e pelo doloroso conhecimento da sua morte. Poucas vezes se interessa tanto e tanto se comove o sentimento geral. Em toda a parte se lamentava a possibilidade da perda dum homem de cujos talentos tanto havia ainda a esperar, e em toda a parte os órgãos da opinião, lembrando a sua obra, referem com mágua o seu desaparecimento. Esse côro de condolência, que foi geral e sincera e que teve um éco condigno no parlamento, onde nas duas casas do Congresso foi exaltado o raro valor e deplorada a perda do grande professor <sup>1</sup>, foi também uma das maiores homenagens à sua memória.

A grandeza do seu nome transpareceu por fim na imponência do seu funeral.

Levada por um nobre sentimento de gratidão e de justiça, decidiu a Câmara de Coimbra prestar à memória do inclito cidadão a homenagem de lhe fazer o funeral e de expor o féretro na sua sala nobre, formando-se daí o cortejo fúnebre para o cemitério. Assim se fez.

Foi no dia 18 de março. Desde manhã até à hora marcada para o funeral, foi constante a multidão em romaria às salas da Câmara. Ainda antes daquela hora, a multidão apinhava-se quer no edificio dos Paços do concelho, quer nas imediações, podendo dizer-se que a Universidade e a cidade em pêso aí acodem, para acompanhar à sua última morada os restos mortais do homem ilustre que tanto por elas trabalhara e tantos títulos de glória lhes conquistara. A tarde é de rigoroso inverno, a chuva cai torrencialmente, mas ninguêem foge, todos esperam com admirável calma a formação do cortejo e, debaixo de água, quasi toda a multidão segue até à cidade dos mortos, para que ficasse bem patente a sinceridade das suas homenagens. E lá em cima, no campo santo, destacam-se os representantes daquela multidão para, em palavras de sentimento e de consagração, exaltarem o alto valor do homem que desaparecia e, em nome da Universidade de Coimbra, das Faculdades de Direito, da cidade e do país, lhe dizerem enternecidos o seu último adeus. A Universidade pelo seu reitor, o professor LUIS DA COSTA E ALMEIDA, a Faculdade de Direito de Coimbra pelo seu director, o professor JOSÉ ALBERTO DOS REIS, e pelo professor CAEIRO DA MATA, a Faculdade de Direito de Lisboa pelo seu director, o professor BARBOSA DE MAGALHÃES, e pelo professor ROCHA

---

<sup>1</sup> Vid. *Diário da câmara dos deputados*, de 1916, sessão n.º 54, pág. 18; *Diário do Senado*, 1916, n.º 46, pág. 2.

SARAIVA, a academia pelos três estudantes TEÓFILO CARNEIRO, LUÍS DE ALMEIDA BRAGA e RUI DA CUNHA E COSTA, a cidade pelo presidente da Câmara Municipal, dr. SÍLVIO PÉLICO LOPES FERREIRA NETO, e o país pelo ministro da instrução, dr. JOAQUIM PEDRO MARTINS, como representante do Presidente da República e do Govêrno, todos deploram o infausto acontecimento da morte prematura do grande sábio e do grande cidadão e todos reconhecem e proclamam as suas altas benemerências. Ahí se ergue também a voz justiceira do último presidente de ministros da monarquia, o dr. ANTÓNIO TEIXEIRA DE SOUSA, com o qual servira no ministério o dr. MARNOCO, para, em nome dos homens que foram seus companheiros no Govêrno e admiradores da sua acção ministerial, prestar o claro testemunho da sua lealdade e da sua devoção patriótica<sup>1</sup>. Viera com sacrificio, mas a sua vinda era-lhe imposta pela sua consciência e pelo preito que devia à verdade.

E assim, naquele campo neutro da morte, os homens do regime novo e os homens do velho regime unem as suas vozes, no mesmo côro de saúde e de justiça, em homenagem ao preclaro cidadão que, acima de tudo, bem serviu esta bem querida terra de Portugal<sup>2</sup>!

Coimbra, outubro de 1916.

ALVARO DA COSTA MACHADO VILELA.

---

<sup>1</sup> Na *Gazeta de Coimbra*, n.º 458, de 22 de março de 1916, foram publicados na íntegra os discursos dos drs. TEIXEIRA DE SOUSA, JOSÉ ALBERTO DOS REIS, CAEIRO DA MATA, SÍLVIO PÉLICO e LUÍS BRAGA. Os discursos dos drs. JOSÉ ALBERTO DOS REIS, CAEIRO DA MATA e LUÍS BRAGA também foram publicados no jornal *O Dia*, n.ºs 908, 909 e 910, de 20, 21 e 22 de março de 1916.

<sup>2</sup> Estas notas biográficas são transcritas do *Boletim da Faculdade de Direito*, vol. II, pág. 329 e segs.

## Prof. Carlos de Mesquita

Gustave Lanson, na *Histoire de la Littérature Française*, começa o seu admirável estudo sobre o autor do *Cid* dizendo: «Corneille n'a pas de biographie». O mesmo pode dizer-se de CARLOS DE MESQUITA, tão despida de incidentes exteriores foi a sua nobre e recatada vida, que o destino impiedosamente encurtou e que, desde uma adolescência precoce, grave e reflectidamente se consagrara à meditação, ao estudo e à insinuante apostolização da Beleza.

Descendente duma família aristocrática, nasceu CARLOS DE MESQUITA na Vila de Santa Cruz da Ilha das Flores a 14 de fevereiro de 1870. Tendo cursado preparatórios em dois liceus insulares, veiu para Coimbra e aqui se formou em Direito. Concluída a formatura, foi despachado, precedendo concurso, professor do Liceu de Viseu. Casou e teve uma filha. Em 1911, por honrosa proposta da Faculdade de Letras na nossa Universidade, entrou no corpo docente da mesma Faculdade como professor da secção de Filologia Germânica. Foi também professor da Escola Normal Superior. Faleceu em Coimbra a 9 de maio de 1916. Como escritor, além de algumas poesias, novelas e críticas literárias publicadas em diversas revistas, deixou a primeira parte (origens) do seu notável trabalho *O Romanismo inglês*.



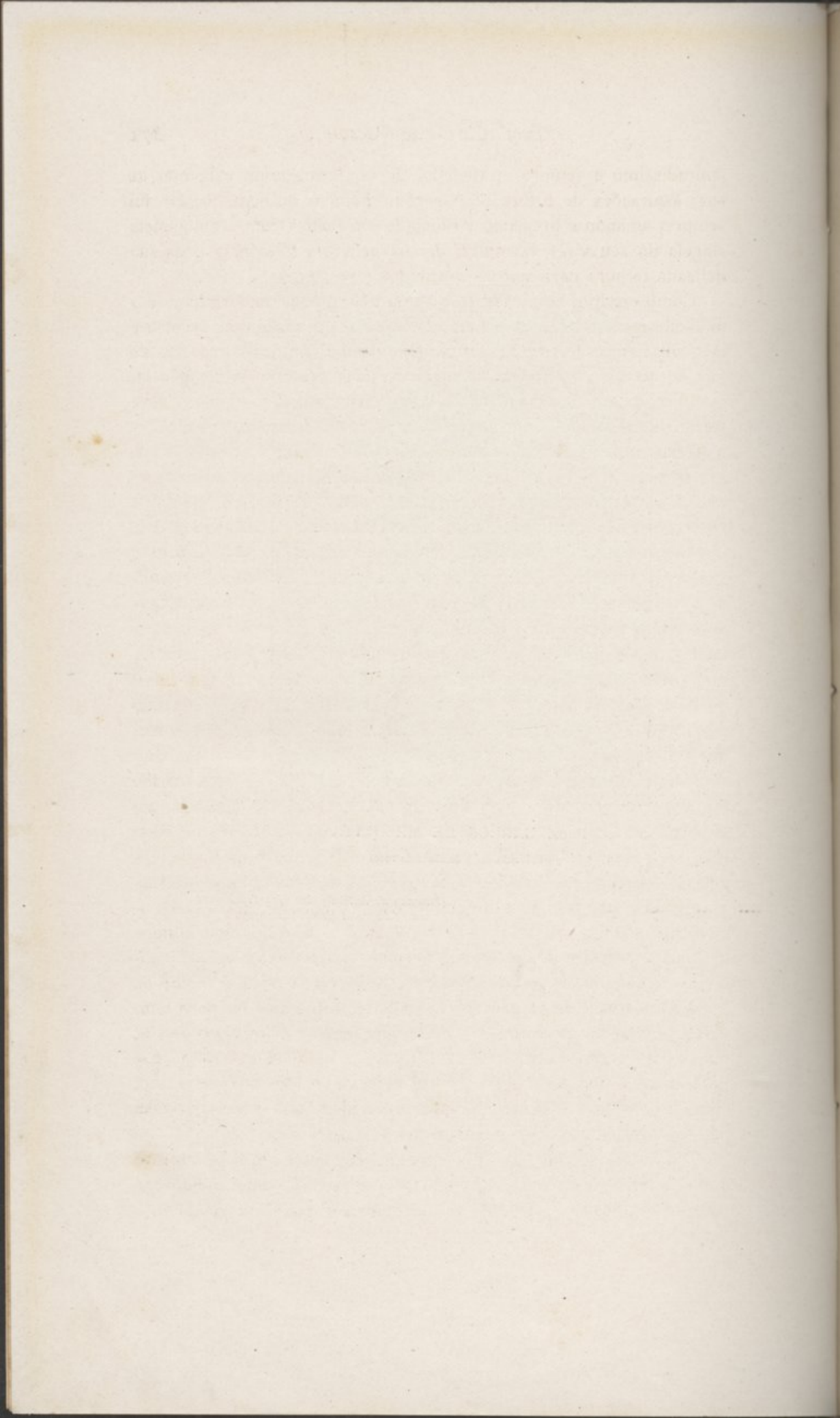
Contrastando com a dormente simplicidade da biografia externa de CARLOS DE MESQUITA, a sua vida interior que tão variados aspectos apresenta, é caracterizada por uma espantosa actividade, sempre sobressaltada e febril. Dentro daquele homem de palavras lentas e de gestos sóbrios, dentro daquela apatia aparente, dos seus longos silêncios e das suas freqüentes imobilizações, viviam, intensa e agitada-mente, nada menos de quatro homens superiores: o erudito que, sabendo muito, muito mais queria saber; o educador que da sua missão fizera um verdadeiro sacerdócio, e que com tanta fortuna levou para o bom caminho tantas energias tresmalhadas; o artista, de paladar



PROF. CARLOS DE MESQUITA

(Falecido em 9 de Maio de 1916)

*(Desenho de António Carneiro feito sobre  
uma fotografia tirada em 1894).*





apuradíssimo e sempre insatisfeito, de tal fôrma eram exigentes as suas aspirações de beleza; e o perfeito homem de bem que êle foi sempre, amando e prègando a Bondade e a Justiça com a eloquência singela do seu viver exemplar, da sua generosa tolerância e da sua delicada ternura para com os oprimidos e os fracos.

Como erudito, bem cêdo se revelou nele a mais anciosa fome e a mais abrazadora sêde de saber. Era por assim dizer uma criança e já a sua extraordinária cultura o impunha ao admirativo respeito de quantos se lhe abeiravam. Dotado da mais penetrante intelligência, dum raro poder de assimilação e duma memória felicíssima, a breve trecho ficava sendo um especialista de autoridade em cada uma das matérias sôbre que o seu estudo incidia. O seu espirito tinha, como era natural, predilecções especiais: os grandes poetas e os grandes filósofos eram o seu *deliciarum hortus*. Mas nenhum ramo do saber humano lhe era indiferente, e por isso nenhum lhe era completamente extranho; e assim o víamos discurrer com incomparável facilidade e consciência sôbre as coisas mais antagónicas — a fisiologia e a heráldica, a história da arte e a história política, os problemas biológicos e os problemas morais, a anatomia e a estética, a fonética experimental e a música de Wagner. Profundo conhecedor das grandes literaturas, não se familiarizara com os grandes escritores por via dos manuais de história literária, mas, sim, pela leitura directa e reflectida dos textos, o que o levava a estudar com perfeição um número considerável de línguas.

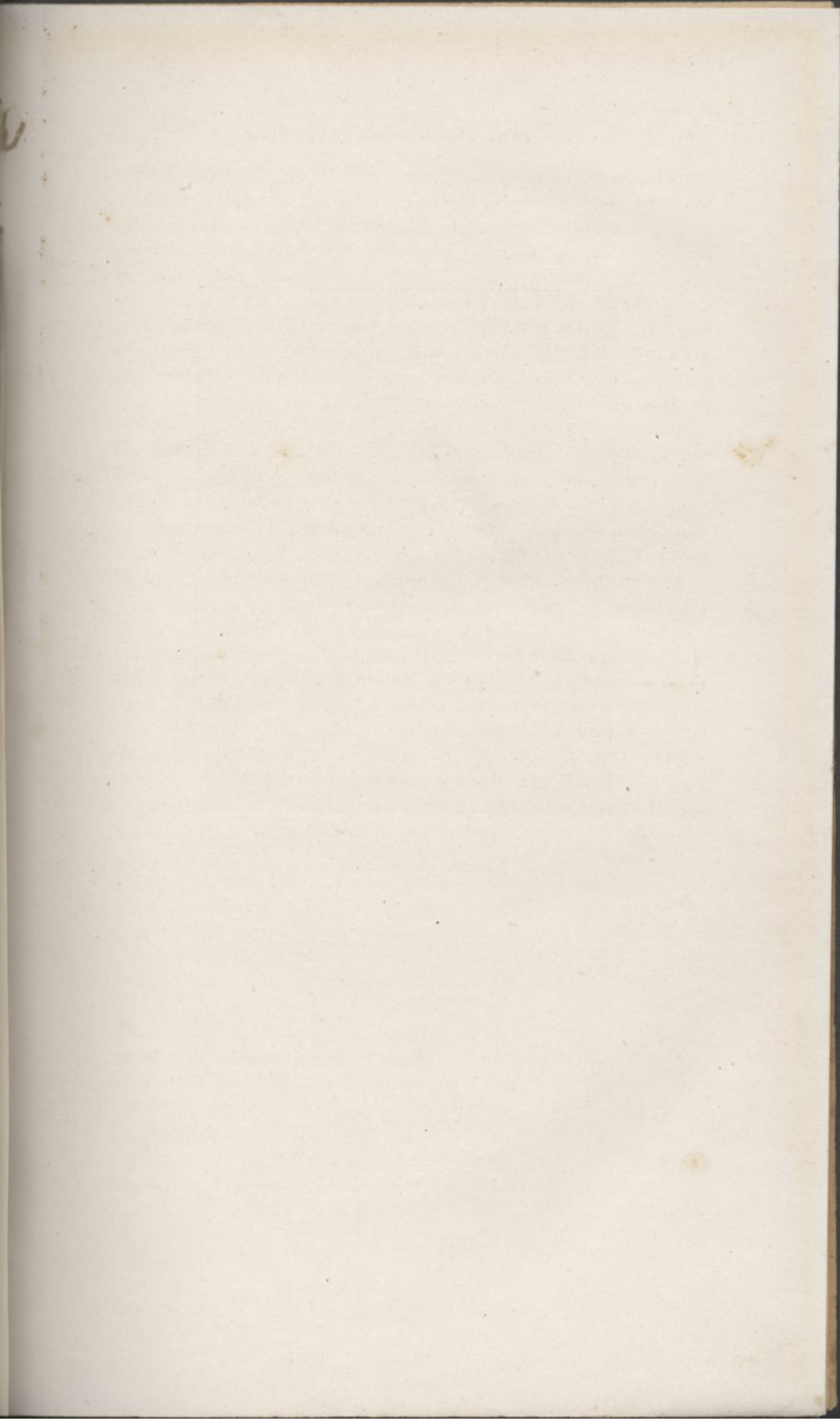
Como educador, tendo todas as qualidades que tão alta missão requer, — um grande saber, uma grande nobreza de carácter, um grande bom-senso e um grande poder disciplinador, CARLOS DE MESQUITA era mestre consumado na arte bem difficil de despertar intelligências adormecidas e de amansar rebeldias juvenis, obrigando estas a enveredar por caminhos de ponderação e equidade, acordando naquelas o inquieto prazer de pensar e admirar. Um dos seus antigos discípulos, o ilustre poeta António Sardinha, escreveu as seguintes palavras no sentido artigo com que lhe comemorou a morte: «Volto os olhos para trás e na viagem da saúde lembro o que foi para mim essa extranha figura em que hei de sempre venerar o primeiro mestre que o meu espirito conheceu... A CARLOS DE MESQUITA saúdo por isso, ao vê-lo desaparecer na sombra indecisa em que tudo se esbate, como o perceptor dedicado da minha sinceridade que se teve certezas para se salvar, a êle enternecidamente as agradece».

Como artista, como escritor, possuiu êle dotes verdadeiramente notáveis: uma rica e original imaginação, um fundo conhecimento dos recursos musicais e picturais da sua língua, o mais vivo sentimento

da natureza, a mais impressionável e fina das sensibilidades perante todas as crises do coração humano, o mais agudo poder de análise e a mais inteligente compreensão da harmonia estética. Mas paredes meias com êsse artista, que tantas obras sonhou e começou, romances, contos e poemas, vivia um crítico severíssimo que, em nome duma alta concepção da Beleza, redobrava de exigência quando se tratava de qualquer trabalho do seu irmão e vizinho, levando êste a abandonar desanimadamente, quási no princípio, a obra começada com tão ambiciosas e doiradas esperanças. Mal o artista abria as àsas num ímpeto inspirado de elevação, o crítico, pesadamente vestido de mergulhador, toucado de bronze e calçado de chumbo, implacavelmente o arrastava para o fundo dum mar de desalentos e lá o afogava incutindo-lhe a dolorosa certeza de jámais atingir as alturas cubiçadas. Nesta luta, neste permanente duelo entre o artista e o crítico, está a explicação da sua melancolia, daquele seu tão característico encolher de ombros, que era nele, não uma impertinente exteriorização de enfado e desdem, mas, sim, uma resignada manifestação de renúncia.

Homem de bem, poucos o foram como êle. Na família e na sociedade, como professor e como cidadão, não houve virtude que lhe faltasse. Defeitos, se a isso se deve chamar defeito, só um lhe reconheceram os seus íntimos: certos azedumes passageiros e certas ironias, seguramente originadas pela doença que o prostrou, pelo conflito espiritual que atrás esbocei e ainda pela nobre irritação que lhe causava, a êle que tão bom foi sempre, a estúpida ferocidade da maioria dos seus semelhantes.

EUGÉNIO DE CASTRO.





PROF. FRANCISCO MARTINS  
(Falecido em 16 de maio de 1916)

## Prof. Dr. Francisco Martins

No dia 16 de maio, quando concluía a sua lição de História Geral da Civilização e precisamente no momento em que, ao levantar-se da cátedra, se despedia de seus discípulos, faleceu repentinamente, viti-mado por uma síncope cardíaca, o dr. FRANCISCO MARTINS, professor muito ilustre da Faculdade de Letras.

A trágica circunstância em que o seu decesso se realizou e o imprevisto de tão doloroso acontecimento tornaram excepcionalmente impressivo no meio académico êste lutuoso episódio de seus anais.

Se lícito fôra um poético alheamento do prosaísmo da patologia, poderia parecer que a estranha singularidade dêste *finis vitae* representou uma intencional manifestação do Destino, interessado em vincar por um traço forte, na frágil trama das nossas recordações, uma impressão perdurável da personalidade do ilustre professor, que tão teatralmente tombou no seu pôsto.

O dr. FRANCISCO MARTINS não foi efectivamente uma personalidade vulgar no meio universitário: traços de carácter, bem marcados e bem singulares o destacaram, quer como homem, quer como professor no meio da ilustre assemblea a que pertenceu, e admissível seria por isso supor um propósito na associação tão lamentavelmente estabelecida entre o emocional acontecimento, que veio transformar uma aula universitária em uma câmara ardente, e a memória do professor exemplar, que em longos trinta anos de magistério logrou direito a ser reputado como um dos mais aprimorados cultores do conceito do dever profissional.

Das linhas que definiram a sua feição professoral a mais vincada foi sem dúvida a que o impunha à consideração e respeito de todos, colegas e discípulos, pela evidência de uma indefectível austeridade e pontualidade no exercício das suas funções.

Tanto na cadeira de História Eclesiástica, que dirigiu durante longos anos na extinta Faculdade de Teologia, como nas de História Geral da Civilização, História da Idade Média que regeu na Faculdade de Letras e História da Pedagogia que professou no curso de

habilitação ao Magistério Secundário, o dr. FRANCISCO MARTINS deu longo testemunho, não apenas de uma vasta e profunda cultura científica, adquirida à custa de intensas vigílias, consumidas na leitura dos mais exaustivos trabalhos de investigação histórica, como ainda de uma inexcedível probidade, apurada perícia e decidido interesse na transmissão do seu saber. A História Eclesiástica não tinha para êle segredos e por isso não se limitava o dr. FRANCISCO MARTINS a uma mera sistematização de factos, feita no intuito de apurar as fases capitais da evolução da Igreja Católica.

Recitada numa dicção grave, modulada em um ritmo compassado, com um cunho de elegância majestosa, adquirido na prática da oratória sagrada, que lhe emprestava um colorido forte, impressivo, a prelecção do douto professor era sempre eminentemente activa, pelo elevado grau de interesse que despertava no espirito do seu auditório, e altamente disciplinadora pela evidência de uma meticolosa ordem e estreita concatenação dos factos e suas correlações. Por outro lado, a orientação científica que procurava dar ao seu ensino, fazendo-o derivar tanto quanto possível do conhecimento directo das fontes, e a preocupação sempre eminente que o dominava de integrar o fenómeno histórico na série viva dos movimentos sociais, jungindo-o estreitamente às suas precedências e seqüências, tornavam a frequência da sua escola em um verdadeiro laboratório, em que a realidade se palpava e compreendia, abrindo ao espirito horizontes larguíssimos para fecundas locubrações.

Didata por educação e talvez por índole natural, o dr. FRANCISCO MARTINS realizou uma obra professoral sob muitos pontos de vista verdadeiramente meritória, sendo por isso bem para lastimar que tão inglório destino tivessem os documentos, em que poderia concretamente assentar-se esta afirmação de quem apenas por impressões já longinquas se reporta à rememoração de um dos mais dedicados educadores do seu espirito.

Tudo, apesar da escrupulosa meticolosidade com que foi colleccionado, desapareceu na voragem de uma tumultuária e ávida liquidação do seu espólio.



O dr. FRANCISCO MARTINS nasceu em Campo Maior a 18 de outubro de 1848.

De condição humilde, pois era filho de um modestíssimo çapateiro, estava naturalmente destinado a seguir a profissão paterna, se precocemente não tivesse dado evidentes testemunhos de apurado engenho e decidida vocação para os trabalhos de espirito. Recolhido no Se-

minário de Portalegre, aí fez o seu curso preparatório e teológico com as mais altas classificações.

Ordenado presbítero, foi incumbido de parochiar em Elvas, onde deixou, apesar da sua curta passagem por essa cidade, a mais honrosa e bem perdurável tradição, passando em seguida a ocupar o lugar de professor de Ciências Eclesiásticas no Real Colégio das Missões Ultramarinas, de Sernache do Bonjardim. O superior dêste estabelecimento, D. José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Mártens, então bispo de Bragança, mas permanentemente ausente da sua diocese por a sua delicada saúde não comportar as intempéries da região, tendo notado os elevados dotes de espírito e carácter do novo professor, instigou-o a concluir a sua educação teológica na Universidade de Coimbra, para o que lhe proporcionou um subsídio mensal pelas rendas do Colégio. Aceite o generoso convite, veio o dr. FRANCISCO MARTINS para esta cidade, em cujo Liceu fez em junho de 1879 todos os preparatórios, matriculando-se no 1.º ano da Faculdade de Teologia em outubro imediato. Tendo a ventura de pertencer a um curso que deu à Universidade três professores e à Igreja Portuguêsa alguns dos seus mais ilustres dirigentes, o dr. FRANCISCO MARTINS concluiu em 26 de junho de 1884 a sua formatura, tendo alcançado no seu cursar dois prémios e três accessits.

A honrosa classificação com que terminou o seu curso, permitiu-lhe concorrer ao exame de licenciatura, que realizou em 7 de março de 1885, e ao acto de conclusões magnas que prestou em 28 de maio de 1886, tendo recebido o grau de doutor em Teologia em 27 de julho do mesmo ano. Para o acto de conclusões magnas apresentou como dissertação um notável trabalho que intitulou *Romani Pontificatus influxus salutaris*, no qual mais uma vez revelou, numa síntese brilhante da história do pontificado romano, a sua decidida predilecção pelos estudos históricos.

No ano imediato concorreu, com os seus condiscipulos, drs. ANTONIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCELOS e PORFÍRIO ANTONIO DA SILVA às vacaturas existentes no corpo docente da Faculdade de Teologia e tendo sido aprovado nas provas de concurso que se realizaram nos dias 25 e 30 de abril e 5 de maio, foi despachado lente substituto em 26 de maio de 1887 e promovido a lente catedrático em 1 de outubro do mesmo ano.

A dissertação do concurso tinha por título *Hierografia e a divindade do Cristianismo*.

Em 1896 foi nomeado bibliotecário da Biblioteca da Universidade de Coimbra, logar que exerceu com inexcédível proficiência até 1901; ano em que, a convite do falecido estadista Hintze Ribeiro, foi no-

meado reitor do Liceu Central do Pôrto. A obra pedagógica e administrativa realizada pelo dr. FRANCISCO MARTINS no desempenho dêste melindroso cargo foi sem dúvida alguma altamente honrosa para o ilustre professor que nele bem revelou as suas altas qualidades de austeridade, pondunor e zêlo no cumprimento dos seus deveres, que levou até ao sacrificio da própria saúde, abalada, menos pelo pêso dos anos, do que pelo labor exaustivo dispendido na direcção daquelle estabelecimento.

Regressando em 1906 à regência da sua cadeira, nela se conservou até que foi extinta a Faculdade de Teologia. Por decreto de 17 de junho de 1911 foi colocado como professor ordinário do grupo de Ciências Históricas da Faculdade de Letras e com o magistério na cadeira de História da Civilização terminou os seus dias.

Além de emérito professor, foi o dr. FRANCISCO MARTINS um notável orador sagrado, tendo enriquecido a oratória portuguesa com algumas peças literárias de assinalado mérito.

Entre muitas orações que publicou são de destacar pela riqueza de linguagem e elevação de conceitos, as que proferiu na Real Capela da Universidade sob as epígrafes *Religião e Sciencia, Religião e Patriotismo, Oração funebre nas exequias de D. Luiz I, Portugal.*

Muitos outros ficaram inéditos, e que bem dignos seriam de publicação.



A memória de tão insigne professor como notável cidadão que foi o dr. FRANCISCO MARTINS é bem digna, pelo elevado exemplo de civismo que encerra, da consagração que é devida aos mais prestimosos elementos das sociedades.

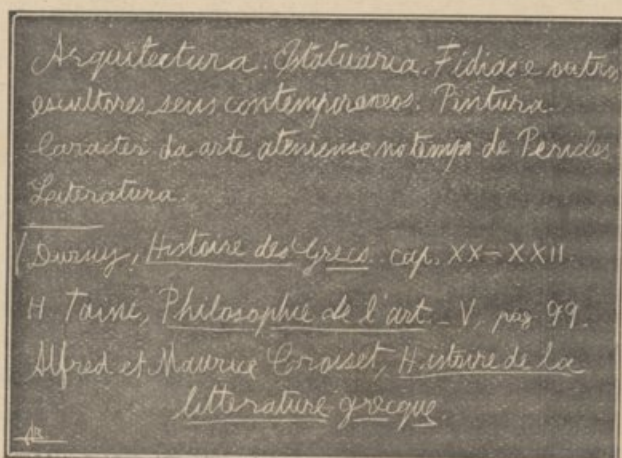
Modêlo acabado de austeridade, quer na sua vida particular quer na pública, modesto e bom, dedicado e justo, tão acessível aos affectos, embora humildes, como superior às lisonjas, ainda que poderosas, a sua vida decorreu plácida na expectação calma da coerência dos seus actos com as suas ideas, crendo na omnipotência de Deus e na fragilidade dos homens, louvando a bondade de Aquele e beneficiando estes.

Sob a sua máscara severa e o aspecto hierático, rígido da sua postura naturalmente grave, ocultava-se uma alma da mais delicada e sensível textura, tão tolerante e magnânima para julgar os outros, como inflexível e recta na apreciação própria, tão pródiga para o conforto alheio, como parca para o cómodo pessoal, alma e carácter que nesta estranha duplicidade bem contrastava com o vulgar egotismo do nosso tempo.



Justíssima consagração foi por isso a que representou o seu funeral, grandiosa e comovente homenagem à memória de tão egrégio professor, como merecidas foram as palavras de justiça e de saúde junto da sua derradeira morada proferidas pelo ilustre reitor da Universidade, dr. LUÍS DA COSTA E ALMEIDA, e director da Faculdade de Letras, dr. ANTÓNIO DE VASCONCELOS e dr. ALBERTO MOREIRA DA ROCHA BRITO.

O conselho da Faculdade de Letras deliberou dar o nome de dr. FRANCISCO MARTINS à sala em que faleceu e colocar o seu retrato



Ultimo autógrafo do dr. FRANCISCO MARTINS.

Sumário da sua última lição escrito uma hora antes da sua morte.

por cima da cátedra onde exalou o último suspiro, tomando ainda a resolução de reproduzir a sùmula da sua última lição que este acompanha.

Ao contemplarem o perfil austero do honrado mestre, que ali morreu, as futuras gerações poderão saber que aí professou um homem que do dever profissional soube conceber e executar as mais elevadas e mais severas fórmulas.

OLIVEIRA GUIMARÃES.

## Miscelânea

### OBSERVATÓRIO METEOROLÓGICO DE COIMBRA

Foi últimamente publicado o volume LIV das observações meteorológicas, magnéticas e sísmicas feitas no Observatório Meteorológico de Coimbra no ano de 1895. É um volume em fôlio com 185 páginas nas quais são expostos todos os trabalhos executados sob inteligente direcção por um reduzido pessoal mal pago, que apesar disso cumpre rigorosamente o serviço de que é encarregado.

Neste volume entram já as observações da velocidade e pressão do vento registadas por o anemógrafo Dines, construído pela casa Munro de Londres, e são publicadas pela primeira vez as observações sismológicas, para as quais o Observatório possuía um sismógrafo Milne, possuindo agora mais um pêndulo astático de Wichert, construído em Göttingen por G. Bartels.

Com estes aparelhos é completa a série de observações, que o Observatório devia executar.

---

### DESENVOLVIMENTO DOS ESTABELECIMENTOS DAS FACULDADES

A autonomia universitária e a concessão de vários edificios concorreram para notável desenvolvimento dos estabelecimentos das Faculdades.

É bem considerável o desenvolvimento das dependências da Faculdade de Direito.

O edificio para a Faculdade de Letras progride e as partes já concluídas são óptimas.

Os gabinetes de Física tiveram larga ampliação e tem bons laboratórios para a prática dos alunos, tendo para isso o material suficiente.

O Museu Zoológico, cujo material está muito acumulado, está dispendo de novas e amplas salas, nas quais em breve todo esse material será convenientemente disposto.

Igual desenvolvimento tem a parte do Museu destinada à Mineralogia e Geologia.

Para as diversas dependências do Instituto Antropológico estão já em grande adiantamento as obras a que se deu começo no antigo convento de S. Boaventura. Aí há boas acomodações para as variadas colecções antropológicas, biblioteca, casa para trabalhos dos alunos, posto antropométrico e museu etnográfico. Ficará em breve um dos melhores estabelecimentos da Universidade.

---

## BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE

Uma obra desde muito planeada, mas só agora realizada é a sala de leitura da Biblioteca da Universidade. A bela antiga sala da Biblioteca não oferecia condições para estudo. Isso necessita de ser feito em condições muito especiais, a que se não presta uma casa onde entram visitantes a todo o momento, e ter comodidade para o trabalho científico.

Começada a construção duma sala própria para a leitura quando era director o dr. Mendes dos Remédios, continuada sob a direcção do dr. Marnoco e Sousa, está hoje completa.

É uma grande sala, ampla, com grande pé direito, janelas amplas dando luz com abundância, mobilada com carteiras cómodas, nas quais os estudiosos podem trabalhar à vontade.

Numa pequena casa contígua está o catálogo da Biblioteca disposto em fichas num móvel por forma a encontrar-se fácilmente o que fôr necessário. Contígua está também o gabinete do director.

A entrada totalmente separada da antiga é por um pequeno gabinete no qual os leitores requisitam os livros de que necessitam, passando em seguida para o salão de leitura.

Um pequeno terraço junto ao gabinete de entrada é próprio para quem necessitar de fumar ou de descansar.

Sob todos os pontos de vista este anexo da Biblioteca em nada desmerece da grandeza da bela Biblioteca. É dela um complemento valioso.

## JARDIM BOTANICO

O herbário do Jardim Botânico estabeleceu relações para troca de plantas com o Jardim Botânico Sidney (Austrália). O director Maiden tem sido de grande generosidade, tendo enviado grande quantidade de exemplares de plantas australianas e especialmente sementes. Entre esses exemplares há uma rica colecção de exemplares de espécies de *Eucalyptus*, facilitando consideravelmente a determinação específica das várias espécies hoje cultivadas em Portugal.

EXCURSÕES DOS ALUNOS DE GEOLOGIA E GEOGRAFIA FÍSICA  
NO ANO LECTIVO DE 1915-1916

Além das habituais excursões em tórno de Coimbra, aproveitando-se a nossa situação vantajosa para o estudo dos terrenos secundários, excursões em que muitas vezes os alunos de Geologia e Paleontologia vão apenas acompanhados pelo assistente e em que fazem as suas colheitas de rochas e fósseis, organizaram-se para os alunos de Geologia as excursões seguintes:

A primeira, à região entre Santa Comba Dão e Mortágua para o estudo de fenómenos de contacto entre os granitos e os terrenos xistosos precâmbrios. A linha da Beira Alta corta esta região, abrindo nela cortes profundos e extensos. A ocidente da ponte sobre o Dão são de grande espessura as maças de pomfels em

ligação, por um lado com os granitos, por oeste com os xistos, apresentando-se nestes em perfeita gradação todas as alterações do metamorfismo de contacto.

Tem esta região um paralelismo acentuado com a de Andlau em que Rosenbush realizou os seus conhecidos estudos dos fenómenos desta ordem.

O ilustre engenheiro, Figueiredo e Silva, director dos caminhos de ferro da Beira Alta, deu-nos todas as facilidades para esta excursão, deixando por isso aqui exarada a expressão do nosso reconhecimento.

A segunda excursão foi para oriente de Coimbra, seguindo na direcção de Penacova, mostrando-se a passagem dos arenitos e conglomerados triássicos para os xistos arcaicos e dêstes para as granwackes e maças xistosas classificadas por Neri Delgado como precâmbricas. Os cortes da estrada de Penacova, seguindo ao longo do Mondego, acima da Portela, são muito cómodos para estes estudos.

A terceira foi à região do Buçaco, para o estudo dos terrenos silúricos, especialmente ordovicianos. Seguiu-se um corte na direcção EW, partindo das vizinhanças de Santo António do Cântaro. Os alunos colheram exemplares de quartzitos inferiores com Vexillum e Scolithus, dos quartzitos com Bilobites, e exemplares de xistos com Gastolites e Trilobites especialmente das camadas de Homalonotus. Completou-se a excursão com o estudo de afloramentos carboníferos da região.

Com a irregularidade do curso, bruscamente terminado em maio para alguns alunos chamados para o serviço militar, só há êste ano a mencionar o trabalho final do aluno Ricardo Simões Dias — estudo dum corte na região do Rabaçal (Penela).

Aos alunos de Geografia Física foram distribuídas diversas fôlhas da carta de Portugal na escala de  $\frac{1}{5000}$ , para sôbre elas executarem relêvos que seriam tomados como base de pequenos estudos de geografia regional.

Aos alunos Mário Goulart Barbosa e António Pereira de Magalhães couberam as fôlhas da área entre Serra dos Candieiros e o mar, compreendendo ainda Rio Maior e o vale a oriente da Serra dos Candieiros, tão notável pelas largas formações eruptivas do sul das Alcobertas. São nesta área encerradas regiões distintas com interessantes caracteres topográficos claramente relacionados com a disposição tectónica, e com acções eruptivas uns, e com acções erosivas outros. É notável a disposição do planalto ao longo da Serra dos Candieiros; das superfícies profundamente recortadas por erosão da região de Alcobaça e de toda a formação lusitaniana e neoturássica que orla por ocidente aqueles planaltos; das áreas abatidas ao norte e ao sul da formação eruptiva de Famalicão, com as baixas do Alcoa e de Alfeizirão, com a sua lagoa de S. Martinho; a orla montanhosa ocidental, da Nazaré para o sul, injerrompida e dando ainda passagem ao mar na concha de S. Martinho, na lagoa de Óbidos, etc.

Para verificação e correcção o complemento do estudo sôbre os modelos foi organizada para os alunos de Geografia uma excursão que se realizou nos principios de julho.

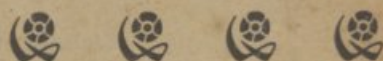
Visitaram primeiro a Nazaré e os morros eruptivos de S. Bartolomeu e de Famalicão, as serras das Pescarias e de Bouro e a concha de S. Martinho. Passou-se depois por Alfeizirão para Alcobaça, que se tomou como ponto de partida para as excursões ao planalto de Coz e à serra de Molianos (Candieiros). Passou-se depois a Rio Maior, visitando-se as salinas e a gruta das Alcobertas e os morros eruptivos das vizinhanças. A última região visitada foi a das Caldas à lagoa de Óbidos.

Nesta excursão além duma colecção de fotografias colheram-se exemplares diversos, sobretudo das rochas eruptivas da região.





# REVISTA DA UNI- VERSIDADE DE COÍMBRA



**SUMARIO:** Assistente MANUEL PAULO MERÊA: *As ideias de soberania popular e de contrato social na «Ley Regia» de João Salgado de Araújo*, p. 381. — Prof. RICARDO JORGE: *Francisco Rodrigues Lobo*, p. 385. — ANTONIO FERREIRA DE SERPA: *O bandeirante António da Silveira Peixoto, conquistador de Tibaji*, p. 411. — MANUEL PAULO MERÊA: *A versão portuguesa das «Flores de las leys» de Jácome Ruiç*, p. 444. — Prof. TEIXEIRA DE CARVALHO: *A anatomia em Coimbra no século XVI*, p. 459. — MANUEL DA SILVA GAIO: *Da poesia na educação dos Gregos*, p. 479. — ARTUR ERVIDEIRA: *Notas de Briologia Portuguesa*, p. 551. — D. PEDRO DE NOVO Y COLSON: *«Astronomia dos Lusíadas»*, p. 558. — Prof. EUSÉBIO TAMAGNINI: *Valores exactos do coeficiente de correlação entre alguns caracteres do fémur*, p. 571. — ÍNDICE ALFABÉTICO DOS ASSUNTOS, p. 577. — ÍNDICE ALFABÉTICO DOS AUTORES, p. 579. — ÍNDICE DAS ESTAMPAS, p. 581. \* \*

\* Julho e Dezembro de 1916 \*

\* Vol. V. — N.ºs 3 e 4 \*



COÍMBRA \* Imprensa da Universidade \* 1916.

## Comissão de redacção

QUE DIRIGIU A PUBLICAÇÃO DÊSTE VOLUME

PRESIDENTE

Dr. Arnaldo Mendes Norton de Matos

VOGAIS

DA FAC. DE LETRAS...	{ Prof. Augusto Joaquim Alves dos Santos Prof. Eugénio de Castro, <i>1.º secretário</i> Prof. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.
DA FAC. DE DIREITO...	{ Prof. Álvaro da Costa Machado Vilela Prof. José Caeiro da Mata
DA FAC. DE MEDICINA.	{ Prof. João Serras e Silva Prof. Álvaro de Almeida Matos
DA FAC. DE CIÊNCIAS.	{ Prof. Júlio Augusto Henriques, <i>vice-presidente</i> Prof. Francisco Miranda da Costa Lobo Prof. Álvaro José da Silva Basto
DA ESC. DE FARMÁCIA.	{ Prof. Manuel José Fernandes Costa Prof. José Cipriano Rodrigues Dinís

---

## As ideas de soberania popular e de contrato social na «Ley Regia» de João Salgado de Araújo

Em 1627 publicou em Madrid o doutor JOÃO SALGADO DE ARAÚJO um livro<sup>1</sup>, escrito, como a quasi totalidade das suas obras<sup>2</sup>, em castelhano, e que êle intitulou «Ley Regia de Portugal». O autor, cuja data de nascimento se não conhece ao certo, vira a luz em Monção e doutorara-se em Cânones na Universidade de Coimbra. Era essa uma das suas primeiras obras, a primeira que entregava à imprensa, cheia de respeitoso acatamento, ao menos na aparência, para com o monarca espanhol que então reinava em Portugal, mas deixando já prever, pelo entusiasmo com que se referia aos antigos reis pátrios, que havia de ser, como efectivamente foi, um extremo paladino da

---

<sup>1</sup> Ley Regia de Portugal, primera parte [unica], por el Doctor Ivan Salgado de Araujo Abad de San Lorenzo de Souropirez (*sic*), electo de San Miguel de Pera, Protonotario Apostolico, y Comissario del Santo Oficio, natural de la villa de Monçon Arçobispado de Braga. Dirigida al Doctor Mendo de Mota de Valladares Cauallero de la Orden de Christo, Comendador de la Encomienda de S. Vicête de Pereira, y del Consejo de Su Magestad en el supremo de la Corona de Portugal, que assiste a su Real persona. Pro religione, pro Patria, pro Rege defensionem suscipere, legitimum, ac naturale ius est. Con privilegio. En Madrid, por Iuan Delgado. Año M.DC.XXVII.

<sup>2</sup> Vidè a lista das obras conhecidas de J. S. DE ARAÚJO em BARBOSA MACHADO e NICOLAU ANTÓNIO. Dos seus «*Successos militares das armas portuguezas*» utilizou-se recentemente o prof. A. DE VASCONCELOS no seu erudito e interessantíssimo artigo sôbre Brás Garcia de Mascarenhas (*Revista da Universidade de Coimbra*, vol. IV, pág. 345 e seg.).

causa de D. João IV e da Independência, como mostrou nos livros publicados após a Revolução de 1640.

O intuito do autor com o seu livro era exaltar os príncipes justos e perfeitos, para o que invocava o exemplo dos monarcas portugueses<sup>1</sup>, e foi esse propósito que o levou a estudar, com o interêsse que o problema então suscitava em todo o teólogo ou cãonista culto, a questão da legitimidade da soberania.

As doutrinas professadas na *Ley Regia* àcerca da origem do poder não apresentam — convem dizer — nenhuma originalidade, mas mostram que o autor, provavelmente ainda novo, conhecia de perto o movimento do pensamento filosófico-político do século XVI, no qual por completo se integra. Não significa, de resto, da sua parte, ignorância ou atraso a circunstância de reproduzir, escrevendo no princípio do segundo quartel do século XVII, as doutrinas dominantes no século anterior. A grande obra que havia de inaugurar a escola de direito político do século XVII era ainda muito recente, e não admira que não tivesse chegado ao conhecimento do nosso autor: GROCIO publicara dois anos antes o seu *De Iure Belli*, cuja primeira edição se esgotara em muito pouco tempo, procedendo-se à reimpressão em 1626. O *De Cive* de HOBBS é posterior quinze anos; o *Tratado* de LOCKE só aparece no declinar do século.

Em compensação, se ao nosso ARAÚJO não cabe a honra de ser um precursor, não se lhe pode regatear uma erudição vasta, variada, e tão ordenada quanto o permitiam os vícios comuns da época em que escreveu. Cita com conhecimento de causa, a par dos nossos jurisconsultos, os mais ilustres juristas espanhoes, e abona-se constantemente com os nomes de VICTORIA, SOTO, SUAREZ, MARQUEZ, MOLINA, MARIANA, etc., isto é, dos altos representantes do pensamento teológico-político da Espanha no período do seu máximo esplendor.

As idéas de ARAÚJO são, efectivamente, as da escola imprópria-mente chamada dos Monarcómacos, cujas doutrinas — que tão veementes ataques haviam de merecer ao absolutismo de Pombal —, encheram o século XVI, e cujas origens em Portugal apontamos num escrito anterior<sup>2</sup>, citando as suas principais manifestações desde o meado do século até ao *De Justo Imperio* de SERAFIM DE FREITAS, pouco anterior ao livro de ARAÚJO, e já por este invocado.

A doutrina tomista, fundando directamente o poder público no acôrdo do corpo social — doutrina que tivera um grande desenvolvimento através da Idade Média e da Renascença, e que era a base da

<sup>1</sup> Vid. a dedicatória.

<sup>2</sup> *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. IV, pág. 43.



escola dos Monarcómacos — aparece claramente exposta em ARAÚJO, sendo de notar que para êle a reunião dos homens em sociedade traduz uma fatalidade imposta pela própria natureza, e não uma pura convenção.

Os homens, que o pecado de Adão condenara a viver à custa do seu trabalho e suor do seu rosto, reconheceram que, para se defender das injustiças e misérias da vida, necessitavam de se reunir em sociedade, mas, ao fazê-lo, juntando-se em famílias e povos, obedeceram ao mesmo tempo a uma lei natural, conforme aos instintos com que Deus dotou a humanidade (§§ 5.º a 7.º). Esta sociedade viveu algum tempo em quietação e paz, sem necessidade de reis, governando-se pelas leis naturais que Deus ditara, contentando-se, na resolução das discórdias, com a decisão das pessoas virtuosas e nobres e, dentro das famílias, com as sentenças dos respectivos chefes (§§ 1.º e 8.º). Sobrevieram porém a esta idade de ouro a ambição, a injustiça e a tirania, e com elas surgiu a necessidade de instituir e eleger reis, a fim de domar a plebe, refrear a ambição dos poderosos e impedir injustiças entre os homens. Esta instituição, pela qual os homens entregaram a um dos seus semelhantes a liberdade que tinham recebido das mãos de Deus, foi introduzida, diz ARAÚJO, por direito das gentes, mas ainda neste ponto o autor insiste em acentuar que se não trata duma convenção artificial, porquanto o Criador, que dos males sabe extrair grandes bens, soube imprimir na natureza humana a tendência para o govêrno e para a obediência, necessárias à conservação da vida social (§§ 9.º a 14.º).

É aqui que surge a idéa fundamental do *pactum subjectionis*, consequência e complemento da doutrina tomista da origem popular do poder político, e que justifica o titulo de *Ley Regia* dado à obra. A «lei régia» é o pacto celebrado entre os homens e aquele que elegeram para seu príncipe. Por ela o povo transfere ao príncipe o supremo poder, com a obrigação de manter a república em justiça e religião. Mas, por isso mesmo que o poder foi transferido sob essa condição, não se tendo o povo despojado dêle por uma maneira definitiva, cessa para o povo a obrigação de obediência no dia em que o rei se converta em tirano, fazendo injustiças ou permitindo que se façam. Nessas circunstâncias o povo tem o direito de se revoltar, sem que êsse direito vá, todavia, na exposição de ARAÚJO, até à legitimidade do regicídio.

Não é, de resto, necessário, sempre que faleça um rei, que os povos prestem obediência ao sucessor, para que êste fique investido do poder absoluto; êste poder pode êle exercê-lo por direito de primogenitura logo que o antecessor faleça, e o juramento de fidelidade é uma pura formalidade.

Tais são as doutrinas de ARAÚJO na parte que nos interessa. Quanto à sua argumentação, às bases sôbre que faz assentar a sua teoria, e que êle profusamente cita, são também as mesmas que serviram aos outros Monarcómacos, e constituem um amálgama mais ou menos caótico de elementos heterogêneos — citações da Bíblia e dos Padres da Igreja, passagens e ideias de ARISTÓTELES, textos do *Corpus Juris* e dos seus comentadores, e exemplos extraídos da história <sup>1</sup>.

MANUEL PAULO MERÊA.

---

<sup>1</sup> Pela mesma época, um outro juriconsulto português, PEDRO BARBOSA HOMEM, publicou o livro intitulado «*Discursos de la jurídica y verdadera razón de Estado*» (Coimbra, 1626), em que aparece expressa a ideia da origem democrática do poder público. Eis a passagem mais frizante (fl. 6): «... conforme a la fuerça natural de aquella orden con que Dios ha instituido esta potestad del temporal estado, no se deue entender que por Dios fuesse concedida a alguna persona en particular, para q̄ la exercitasse; mas recta via fue comunicada a cada Comunidad de por si: de suerte que cada pueblo, cada Ciudad, y cada Reyno, que llegasse a hazer de por si una independente Cómunidad; por el mismo hecho le quedasse luego concedida toda la potestad necessaria para su gouierno, y regimiento».

## Francisco Rodrigues Lobo

### ENSAIO BIOGRÁFICO E CRÍTICO<sup>1</sup>

O cenário da *Côrte na Aldeia* vem assim debuxado no introito: «Perto da cidade principal da Lusitania está uma graciosa Aldeia, que com igual distancia fica situada á vista do mar Oceano, fresca no Verão, com muitos favores da natureza, e rica no Estio e Inverno com os frutos e commodidades que ajudam a passar a vida saborosamente; porque com a vesinhança dos portos do mar por uma parte e de outra com a communicação de uma ribeira, que enche os seus vales e outeiros de arvoredos e verdura, tem em todos os tempos do anno, o que em diferentes lugares costuma buscar a necessidade dos homens: e por este respeito foi sempre o sítio escolhido, para desvio da Corte e voluntario desterro do trafego dela».

Êstes tópicos — perto de Lisboa, à vista do mar, frescura de verão, fartura de arvoredos por vales e outeiros, vilegiatura de côrte — não chegam para fixar ao certo onde demorava a aldeia da côrte; seria Cintra?

Entrado o inverno, e para passar as noites, juntavam-se «homens de preço» em casa de Leonardo, espécie de cortesão aposentado, outrora com moradia na casa dos reis, «em tempo que eramos troianos e viu luzir o que agora está cheio de ferrugem» (Dial. XIV). Entravam nesta roda selecta o Dr. Lívio, letrado douto e antigo magistrado, D. Júlio, fidalgo muito afeiçoado a matérias pátrias, Pindaro, estudante dado ao trato das musas, e Solino, um velho servidor de casa de grandes, aguçado de espírito, motejador de graça portuguesa, muito dado «a uma murmuração que ficasse entre o coiro e a carne sem dar ferida penetrante». A estas personagens fundamentais veem aditar-se, no decurso dos diálogos, o licenciado Feliciano (Diál. III), o prior duma egreja convizinha (Diál. VI) e um soldado, irmão do clérigo (Diál. XI).

---

<sup>1</sup> Continuado de pág. 51.

As figuras dêste elenco mantem no diálogo uma individuação nítida de carácter; no seu dizer, atitudes e opiniões, cada um se personaliza com perfeito destaque dramático. De todos o tipo mais vivo e característico é o velho Solino, com as suas saídas incisivas, pronto e vivaz na réplica, pitoresco nos seus refrães e ditotes à portuguesa, sempre de chiste engatilhado, mas, franco e leal, incapaz de dar picada àlém da hipoderme <sup>1</sup>.

Em nenhuma das personagens se encarna pessoalmente o poeta; muito embora ao defender a sua opção pelos diálogos recreativos e instrutivos escreva «sendo a primeira figura da obra o autor dela», certo é que o espírito de Roiz Lobo se esparze por todos os interlocutores. Parece porêem localizar-se mais individualmente no Leonardo, espécie de presidente daquele cenáculo.

Afora pequenos episódios comesinhos, entrecho não há nenhum senão o rodar dos assuntos e o jogar da conversa; apenas se divisa fóra da scena a passagem duma peregrina pela aldeia, cuja beleza cativa o fidalgo, episódio que dá ensejo á inserção duma pequena história.

Questiona-se de entrada quais sejam os livros de mais gôsto; e é singular que nesse torneio de predilecção literária os *livros de cavalaria* encontrem uma calorosa apologia, a derradeira talvez, e posta precisamente na bôca mais portuguesa da roda, a do velho Solino, como que voto natural da terra que deu de si os melhores do género, o *Amadís de Gaula* e o *Palmeirim d'Inglaterra* — que com o *Clari-mundo* do João de Barros veem a pêlo à conversa. Como quer que neles desfizessem, desprezando-os como tecidos de patranhas, indignos da leitura que só merece a história verdadeira, Solino, endireitando-se, atira-lhes esta vigorosa coarctada: «No que toca à verdade, certo que, á conta dos enterrados, se escrevem algumas vezes tam grandes mentiras, que lhes não levam ventagem os fingimentos de historias imaginadas. E havendo um homem de ler o que não é, ou o que sabe é tão caldeado e tão batido da forja dos autores, que mudado traz o metal, a côr e a natureza, estou melhor com os livros de cavalarias e histórias fingidas que, se não são verdadeiros,

---

<sup>1</sup> O *Ensayo* de Gallardo (art. Morales) como que torce o nariz á *Côrte na Aldeia*: «El gracioso Solino no lo és tanto que sazone viva y picantemente el dialogo. Lobo es flojo en gracias é ingenio; le falta alma, *vis comica*». Ora o livro não foi feito para rir a bandeiras despregadas; não é nenhuma farça, nem comédia, nem romance pícaro, nem coisa de chocarrice. Se era isso o que buscava Gallardo ou quem quer que escreveu a infeliz nota crítica, não admira viesse enfiado da leitura duma obra cujo alcance e intento despercebeu completamente.

não os vendem por esses: e são tam bem inventados, que levam após si os olhos e os desejos dos que os leem». «... nas historias a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convém ou a quem o informou ou favoreceu para mentir; porque, se não forem estas tintas, é tudo tão misturado, que não há pano sem nodoa, nem legoa sem mau caminho. No livro fingido contam-se as coisas como era bem que fossem, e não como sucederam, e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavaleiro como era bem que os houvesse, as damas quam castas, os Reis quam justos, os amores quam verdadeiros, os extremos quam grandes, as leis, as cortezias, o trato tão conforme com a razão. E assim não tereis livro, em o qual se não destruam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzelas, se cumpram palavras, guardem juramentos e satisfaçam boas obras. Vereis que as damas andam pelas estradas sem haver quem as ofenda, seguras na sua virtude própria e na cortezia dos cavaleiros andantes. E quanto ao retrato e exemplo da vida, melhor se colhe no que um bom entendimento traçou e seguiu com muito tempo de estudo, que no successo que ás vezes se alcançou por mão da ventura, sem a diligencia e engenho meterem nenhum cabedal». Aponta como prova uma glória de casa: «um capitão valeroso houve em Portugal que o não teve melhor o imperio romano, que com a imitação de um cavaleiro fingido, foi o maior de seus tempos, imitando as virtudes que dele se escreveram» — referência ao caso histórico de Nun'Alvares que de moço empreendeu tomar como modelo ao Galaaz lendário.

Traz também à colação a anedota do soldado da Índia que, entusiasmado com as proezas do herói duma novela cavaleiresca que ouvira lêr à noite a um camarada, na primeira refrega atirou-se com tão desatinada fúria aos contrários que, se lhe não valessem, deixaria a vida no ardor do combate <sup>1</sup>; foi de então em diante uma espada denodada, lastimando sempre não chegar aos calcanhares do herói do livro <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Filinto Elísio manda vêr na *Côrte na Aldeia* «o soldado da Índia que ouviu nos quartéis lêr os livros de cavalarias», como nota a esta passagem da sua epístola ao José Bonifácio de Andrade (*Obras*, t. I):

Pariu mais valentões á nossa Elysia  
De Carlos Magno o folheado livro  
C'os doze Pares de esforçado pulso...

<sup>2</sup> Das pieguices e ilusões causadas pelas ficções cavaleirescas aponta Lobo êste especime: «Um curioso em Italia (segundo um autor de credito conta), estando

Ia ao revez de alguns quinhentistas austeros que se tinham escandalizado até à intolerância com o género da moda; assim o João de Barros, do Porto, no *Espelho de casados* (1529) revolta-se contra as fábulas do *Amadis*, «as patranhas do Santo Grial, as sensaborias do Palmeirim, Primalião e Florisendo, a ponto tal que «haviam mister totalmente exterminados já que de nenhuma coisa servem...» Igual sentença encontro no *Aviso de Privados* (1531) do Guevara (Argumento) que requer nada menos que a proibição por justiça da impressão e venda de livros assim, «porque su doutrina incita la sensualidad à pecar y relaxa el espíritu á bien vivir».

O Lerenó neste particular da castidade opina pelo inverso: «Muitas donzelas guardaram extremos de firmeza e fidelidade, costumadas a lêr outros semelhantes nos livros de cavalarias». Onde aqueles viam a nociva leitura a desafivelar o cinto da castidade, êste entendia que mais o cingia e arrojava. Se tinham razão ou não os caturras do moralismo sôbre o efeito das novelas na sexualidade das damas e damizelas, vou-me na decisão do pleito com a autoridade do Brantôme, irrecusável em história de alcova, quando diz que queria ter na mão «autant de centaines d'écus comme il y a eu de filles et de femmes pollues et flétries par la lecture d'Amadis de Gaule». Sem arguir como Gayangos a pudicícia do Amadis, Purser (*Palmerin of England*, 1904, cap. 1) atribue a corrupção denunciada pelo Brantôme, menos ao verdadeiro Amadis do que às parafrases obscenas vulgarizadas em França por Des Essarts. Lá que fizesse heroes, como pretendia o poeta do Lis, conceda-se, muito embora o govêrno de Carlos V lêsse por outra cartilha quando mandou proibir a exportação dos livros de cavalaria e outras histórias de patranha para as conquistas da América; mas que cimentasse a virtude mulheril, du-

---

com sua mulher ao fogo lendo o Ariosto, prantearam a morte de Serbino com tanto sentimento que lhe acudiu a visinhança a saber o que era».

D. Francisco de Portugal conta o caso semelhante do fidalgo que, chegando a casa e encontrando a mulher, filhos e creados em pranto desfeito, perguntou sobresaltado se tinha morrido algum filho ou parente chegado; que não, responderam a soluçar: «Senhor, morreu o Amadis» (*Arte de galanteria*, fl. 96). Cita a propósito o *Palmeirim d'Inglaterra* «por quien decia Don Luis de Gongora que se le debian bronces», o *Clarimundo* «en parte flores de los primeros años del mayor historiador humano» (João de Barros), enfim o *Amadis*, trazendo à baila os versos do António Ferreira sôbre o Vasco de Lobeira. Conta ainda a celebreira de D. Simão da Silveira que jurava aos santos evangelhos que tudo quanto se dizia no *Amadis* era verdade. Ele mesmo cultivou o género, assim o diz pelo menos o *Hospital das Letras* — «fez um livro de cavalaria que ainda hoje se guarda com o nome de D. Belindo».

vide-se. Já naquela página imortal do Dante os amorosos pecadores de Rimini à leitura do *Lançarote do Lago* deitavam a culpa do peccaminoso beijo: «Galeotto fu il libro e ch lo scrisse».

Não escapou ao senso crítico de Men. y Pel. (*Orig. de la Nov.*, cap. 1) esta passagem do Lobo, referindo-se incidentemente a ela que tem pela mais hábil defesa dos livros de cavalaria. A sátira de Cervantes tinha já ao tempo estrondeado; nem por isso o Lope de Vega deixou de significar-lhes estima. Tão pouco deixaram de ter apreciadores as emaranhadas e fantasistas novelas de milagrentas façanhas. Lembrarei que ainda em nossos dias o *Palmeirim de Inglaterra* era prato de regalo para um homem da estatura intelectual de Burke. Em meu tempo de rapaz muita gente ainda se deliciou com a *História de Carlos Magno e dos doze pares de França*, e eu fui um.

Vingado o projecto dos diálogos, porque entre outras razões «mais familiarmente se parecem com a pratica», entram nas sessões discursivas, subordinadas cada uma à sua ordem da noite, que serve de tema e título ao respectivo diálogo <sup>1</sup>. As matérias expressas dos 15 diálogos — tirado o primeiro, de teor apenas argumental — são reductíveis a grupos genéricos, que aliás se entremeiam por toda a obra: *Linguagem e estilo* (II, III, IV, V, VIII, IX), *Novelística* (X, XI), *Cortesania* (XII, XIII, XIV), *Instrução* (XV, XVI). Não faltam à prática noções de *arqueologia*, citações e alusões de *história* antiga e moderna, especialmente portuguesa. Outras tantas faces que a *Côrte na Aldeia* oferece à incidência dum exame crítico.

---

<sup>1</sup> Eis as epígrafes:

- Diál. I — Argumentos de toda a obra.
- Diál. II — Da policia e estilo das cartas missivas.
- Diál. III — Da maneira de escrever e da differença das cartas missivas.
- Diál. IV — Dos recados, embaixadas e visitas.
- Diál. V — Dos encarecimentos.
- Diál. VI — Da differença do amor e da cubiça.
- Diál. VII — Dos poderes do oiro e do interesse.
- Diál. VIII — Dos movimentos e do decôro no praticar.
- Diál. IX — Da prática e disposição das palavras.
- Diál. X — Da maneira de contar histórias na conversação.
- Diál. XI — Dos contos e ditos graciosos e agudos na conversação.
- Diál. XII — Das cortesias.
- Diál. XIII — Do fruto da liberdade e da cortesia.
- Diál. XIV — Da criação da côrte.
- Diál. XV — Da criação na milicia.
- Diál. XVI — Da criação das escolas.

A LINGUAGEM natal recebe desde logo a mais veemente e consciente apoteose que o português colheu dos seus mestres clássicos. Exalta os predicados dela, que «tem de todas as linguas o melhor»; e avulta-lhe a pureza e nobreza com que se adapta a todas as exigências da expressão glótica.

Não se fica nestes sinceros encarecimentos; com a mesma mão com que faz mostrador das riquezas da locução pátria, castiga de duro os portugueses néscios que sôbre malsinarem a sua fala natural, «a trazem mais remendada que capa de pedinte». Pobre lusitanista; que diria êle hoje se a visse tão mísera e mendicante, com tantos rasgões remendados e nódoas que mal se poderá enxergar-lhe algum pedaço com a côr e fios do pano dos bons tempos!

¿ Qual o contraste do bom quilate da linguagem? ¿ Como escolher a fala sã, a que deve dizer-se, e apartar a viciada, a que deve engeitar-se? Roiz Lobo põe mais que uma vez a questão e resolve-a a seu critério sem tergiversações. O problema é daqueles que em todas as épocas tem trazido empenhados artistas e filólogos. O latim dos humanistas acingia-se mais ou menos a um padrão clássico e imutável — a forma morta em que a deixaram fundida os mestres da idade doirada. Assim que as linguas de romance se desbastaram com a lima e o cinzel dos geniais letrados da renascença, a questão veiu à testilha. Bembo não proclamava outro modelo de língua e estilo senão os grandes escritores florentinos do século xiv, Petrarca e Boccaccio; era a tese da escravização duma língua ao marco fixado no acume da literatura ancestral, sem que aos sucessores fosse dado tocar na arca santa da escritura. A teoria não vingou, como incoadunável com a vida evolutiva da linguagem. Castiglione apressou-se a atalhar as vistas do amigo Bembo, professando que «el uso és la guia del bien hablar y escribir» em língua vulgar (L. 1, cap. 8.<sup>o</sup>); mas enreda-se com os outros dialectos italianos concorrentes do florentino, e alça a pretenção contraditória de restaurar as formas alatinadas, corrigindo as deturpações glóssicas introduzidas pelo costume.

Roiz Lobo não vacila no partido que há de tomar, estreme e definido, limpo de ambiguidades. Manda observar a «fala vulgar», e assenta claramente no que seja falar vulgarmente: «é qual os melhores falem e todos entendam, sem vocábuos estrangeiros, nem esquisitos, nem inovados, nem antiguos e desusados, senão comuns e correntes, sem respeitar origens, derivações nem etimologias; que a linguagem mais pende do uso que da razão; e por isso se chama língua materna, porque nas mulheres, que menos saem da pátria, se corrompe menos o uso do falar comum, posto que elas saibam pouco da razão dos seus princípios» (Dial. ix).



Dá mais pela bôca das mulheres do que pelas pretensões das pessoas cultas. Culpa os «letrados que introduziram as palavras latinas na conversação». Como quer que lhe dissessem à mão que com o uso das «palavras tiradas do latim» melhor viria «a nossa língua pouco a pouco a se aparentar com êle e ficar tão polida e apurada como a toscana», replica que o fruto que o italiano tirou do parentesco foi chamarem-lhe alguns autores «bôrra da lingua latina». Odeia os *latinismos*, tão estimados pelos eruditos que à fôrça deslocaram com êles o vocábulo vulgar e popular: «Certo que tenho raiva, sabendo que a língua portuguesa não é manca nem aleijada, vêr que a façam andar de muletas latinas os que a haviam de tratar melhor».

Conta a anedota cômica dum «cirurgião de Coimbra do nosso tempo que por ela se fez famoso, que disse á moça dum ferido a quem curava: «Traga-me um pano corpulento para fricar os labios desta cicatrice»<sup>1</sup>.

E volta à carga contra o «oficial de gramatica» que «além de debruçar tudo de versos de Ovidio e de sentenças de Plauto e Terencio por levar o portuguez a rasto até o fazer latim, fala por *septe, docto, scripto, e benigno*<sup>2</sup>. De maneira que para bem e conservação da linguagem portuguesa, e para se não corromper de todo, me parecia que se houveram de arruar os letrados; que receio, se se misturam, que em poucos anos nos achemos em uma certa Babilonia» (Dial. xvi).

Contrastaria até certo ponto com esta repulsão pelo latinismo, o seu propósito de tomar a prosa latina como modêlo da portuguesa em construção e elegância. Tal é pelo menos o sentir autorizado de Bouterwek, e com êle de Sismondi, considerando-o introdutor duma espécie de estilo ciceroneano na grafia nacional; a sua interferência na reforma idiomática seria para Sismondi paralela à do Bembo e dos seus sequazes na italiana, «esforçando-se como ele em dar á sua lingua o character, a cadencia, e muitas vezes as inversões das antigas».

O nosso abalizado filólogo J. Leite de Vasconcelos está tomado

<sup>1</sup> Como contrapeso a esta parvoíce, acrescenta outras do mesmo jaez: «E a um rustico que vinha esmechado, respondeu que não tinha mais lesa que a superficie da frente; e tendo palavras com outro, lhe disse que o aniquilaria se dissesse alguma coisa em vilipendio da sua dignidade». Ora aí estão duas frases, que o Lobo unha como ridículas, ambas as quais são hoje passáveis sem reparo de maior.

<sup>2</sup> Aqui os latinistas levaram a melhor; o *benigno* suplantou o vernáculo *benino*; apenas *malina* ficou na linguagem vulgar como qualificativo de certas doenças graves. E quantos outros latinismos vingaram e vogaram. Ainda nos tempos da prisca Academia, *espelunca* por cova e *obeso* por gordo eram estupendas latinadas (Neves Pereira, *Mem. da Acad.*, tom. 4.<sup>o</sup>); *obvio* lia-se *óvio* etc.

da mesma ideia quando exclama, como exemplo do influxo modelar do latim no português escritural: «Dar-nos-hia Rodrigues Lobo as suas arredondadas páginas sem se encostar a Cícero?»<sup>1</sup>

Contra os *arcaísmos* e os *neologismos* opõe a mesma crítica inexorável e nela insiste: «as palavras que se devem escusar para falar vulgarmente, não hão de ser estrangeiras, nem inovadas, nem tão antigas que se perdesse já o uso delas» (Diál. ix).

Aprende nos mestres passados, mas engeita<sup>o</sup> que caiu em desuso na prática dos modernos. Da pecha dos vocábulos inovados não faz cargo de maior aos portugueses, pois que quem em tal se demasia, acha êle, são os espanhoes e os italianos (ib.). Quanto às palavras antiguadas, bem que digam do lado que não se tenha «por grande vício aproveitar algumas antigas, muito bem usadas em outro tempo e desterradas sem razão na nossa idade» (Diál. ix), não deixa de pronunciar-se abertamente contra a sua ressurreição: «as palavras antigas, posto que em algum tempo fossem boas, não o ficam sendo na parte em que se perdeu o uso delas; pois, como já disse, esse só é o fundamento e razão das palavras; e assim não diremos *leixou, trouve, dixé, ca, sicais, acram (?) ledice*, e outros vocábulos de que usaram autores gravísimos, de cujos escritos podemos aprender a perfeição da língua portuguesa» (Diál. ix). Cai desapiedado contra o ousio dos «curiosos que por acharem pobre a língua, ou por êles o estarem dos seus vocabulos, fazem alguns a seu modo»; tal o letrado ridículo que se saiu com esta: «é necessario que as paredes deste domicilio sejam alveadas, e que o fato usível fique reteudo nas ultimas dele» (Diál. ix).

Não quer que se trilhe senão a «estrada do falar comum»; e sarcástico mete a ridículo os jarretas neste pitoresco trecho: «dos que falam pela têmpera velha, eu o não consentira, senão em homens de barba larga, penteada sôbre os peitos, com carapuça redonda e pelote de abas pregadas, que vos conte histórias del-rei D. Manuel, e dos infantes em Almeirim, e de quando D. Rodrigo de Almeida tomou por compadre a Vila de Condeixa, do filho que ahi lhe nasceu, em tempo do bispo D. Jorge. Porem nos vestidos justos de agora, e barbinhas turquescas, tiradas pela fieira e tintas sôbre branco, palavras daquele tempo parecem remendo de outra côr» (Diál. ix)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Da importância do latim*, lição inaugural da Faculdade de Letras de Lisboa, 1911.

<sup>2</sup> Ao satirizar em epístola a Mexia (*Obr. t. 1*) a mania do antiquado, A. Ribeiro

Ao regradar as normas do estilo epistolar repisa no mesmo bordão: «devemos escrever como praticamos; as palavras da carta hão de ser vulgares, e não já populares, nem esquisitas, vulgares de modo que todas as entendam, e ao menos que a quem se escrevem, não sejam peregrinas: e não já populares, que sejam termos humildes, palavras baixas, que a cortezia não recebe: e que tão pouco, em lugar dos adágios, e sentenças, tenham anexins. Também se deve fugir ao termo esquisito de palavras alatinadas, ou carreteadas de outras linguas estranhas, que sempre tem o sabor da sua origem» (Dial. III).

Esta doutrina da adequação integral da elocução às normas reinantes, sem desenterrar velharias, nem engenhar inovações, que em todas as épocas tem reunido a melhoria dos sufrágios, necessita de correcção e emenda, sob pena de fazer tombar na platitude e pobreza de estilo. Nem sempre serão bons guias os contemporâneos que passam por bem falar e bem escrever, como queria o Lobo. Em seu tempo começava já de lavrar uma pandemia que, sob nomes diversos de eufuismo, gongorismo e marinismo, gafou todas as literaturas. O escritor de bom gôsto tinha de refugar esses modêlos doentios, e retrogradar à fala sã dos velhos autores; os que o fizeram, puderam descontentar a moda corrente, mas a posteridade desforrou-os.

Depois, se se confia em escritores de marca a estatuição da linguagem a usar, porque lhes não será lícito renovar com discernimento o seu cabedal com os vocábulos e locuções que imerecidamente foram desviados da circulação, em dano da expressividade e estética da língua? *Multa renascentur quae jam cecidere*. Quantas palavras, hoje obsoletas, voltam amanhã de boca em boca; *ensejo*, para não ir

---

dos Santos inspira-se patentemente nesta passagem do Lobo, como infiro da alusão picaresca ao compadre de Condeixa:

Quantos folgam falar a prisca lingua  
Qual Egas, qual falou Fuas Roupinho,  
Qual esse conde antigo que levava  
A vila de Condeixa por compadre?  
Mas como a falam? Poem sua mestria  
Em palavras sêdiças, termos velhos,  
Termos de saibo e môfo que arripiam  
Os cabelos da gente...

Garção também se insurgiu contra a imitação dos antigos:

Imite-se a pureza dos antigos,  
Mas sem escravidão, com gôsto livre,  
Com polida dicção, com frase nova,  
Que a fez ou adoptou a nossa idade.  
Ao tempo estão sujeitas as palavras;  
Umás se fazem velhas, outras nascem.

mais longe, era há pouco mais de cem anos um arcaísmo, e agora é moeda corrente no dizer.

Na evolução das línguas adveem períodos em que o material se empobrece, gerando-se uma crise de insuficiência verbal e construtiva que importa vencer por amor do idioma e por amor da arte, recorrendo tanto ao velho como ao novo. Sirva de exemplo a reacção literária da França contra a estreiteza da grande prosa do século XVIII, que obrigou os artistas a forragear nos depósitos esquecidos da velha língua gaulesa, e a fabricar glossário novo pela via do neologismo. Entre nós o Camilo sangrou as veias do clássico, arrancando de lá o sangue puro e oxigenado com que reanimou a frase portuguesa; e não joiou só os textos dos autores de outrora, foi escutar atento a própria bôca do povo, depositário por essas províncias fora de tão felizes feitura idiomáticas.

Rodrigues Lobo no seu modismo foi injusto para as letras velhas, e até para consigo mesmo. Hoje, que trezentos anos patinaram com os musgos da vetustez as páginas da *Côrte na Aldeia*, qual será o cultor entranhado da lingua que a recusará como escantilhão de grafia? Não se lhe daria a nenhum, se o pudesse, falar assim «pela tempera velha», com tamanha pureza, colorido e expressão, no próprio risco de incorrer no ridículo atirado pelo critico aos «barbinhas turquescas» do seu tempo; não lhe soaria mal saber frasear à moda do Lobo, embora parecesse anacrónico fazê-lo de estilógrafo em vez de pena de pato, de jaquetão e colete em vez de justilho e capa com que à frente do livro se retratou o mestre linguista.

Amigo da *simplicidade*, desfaz em quanto é afectado, presumido e postiço<sup>1</sup>: «Com uma só razão condenara eu a toda essa turba dos que no falar querem parecer singulares, e é que não falam para que os entendam melhor, senão para que pasmem daquela sua estranha eloquencia e galantaria» (Diál. ix). E acusa os novos que por falta da madureza e experiência «cuidam que se melhoram em falar escuro e elegante, fazendo na prosa acentos de musica ou medidas de poesia» (*ibid.*).

Amante da *clareza*, «da boa linguagem a principal parte», trata com severidade a emprenhidão dos epítetos e dos tropos. A propósito de estilo epistolar, mais rebate ainda a mania do enfeite ou afeição, especialmente «o cuidado sobejo de enfeitar as palavras com elegancia ou por via de epítetos, ou de escolha de logar para as si-

<sup>1</sup> «En el hablar y en el escribir es muy importante aviso al perfeto cortesano huir como de pestilencia la afectacion que es una tacha que desbarata y destruye totalmente el lustre de la buena gracia» (*Castigl.*, L. 1, cap. vi).

labas fazerem melhor som aos ouvidos». E traz *ad rem* o dito austero dum português insigne, aliás inominado, «que a carta e a mulher muito enfeitada em certo modo eram deshonestas» (Diál. III).

Digam-se as coisas por «estrada coimbrã e caminho direito» sem buscar «rodeios e atalhos» e artificios que baralham e confundem; «... a pratica artificiosa embaraça aos que sabem pouco e não agrada mais ao discreto, e serve de nevoa para as coisas que se tratam; que com o ornamento das razões se perde muitas vezes o sentido principal delas; e é tão culpavel o feitio que nisso se perde, como o que as mulheres usam em desmentir as graças da natureza com fingida fermosura que nunca aos bem entendidos pode parecer verdadeira» (Diál. IX).

Tudo se resume no extremo escrúpulo da *propriedade*, o toque da excelência da linguagem; nem «barbaria, nem impropriedade no escrever». A locução precisa, na sua significação própria, escorrida dos mananciais inexgotáveis da língua, de que faz um estendal soberbo.

Prega de doutrina e confirma de exemplo; não se inventou para êle o prolóquio do bem o prega frei Tomás, que tanto costuma assentar em estéreis gramaticões, que em regra não passam de submediocres na arte de compor. A sua estilística não se cifra em regras secas; talha por elas o seu próprio estilo, contrastando logo pela prática a teoria.

Eis o estôfo do retórico. Quem imaginar que as páginas da *Côrte na Aldeia* estão rançadas de retórica sedição, engana-se redondamente. Rodrigues Lobo, dotado do mais moderno senso estético e literário, virou as costas àquela mofina deusa das escolas, servida por padres mestres enfronhados em fórmulas a decorar e a respeitar como dogmas do catecismo. Sacode a tirania das suas leis despóticas que sufocam a verdadeira arte de escrever. «Nunca os retóricos souberam escrever cartas, se as sujeitaram às leis da oração». Não se pode levar mais longe a heresia da emancipação da pena. Todas essas páginas da *Côrte na Aldeia* mantem hoje quasi a mesma frescura que tinham ao distilar do tinteiro. Elaboradas como propaganda do que pode dizer-se a hygiene escritural e profilaxia dos seus vicios, hoje que o corpo nacional tanto padece de todas as castas de *dysfasias*, são ainda mais de receber do que há três séculos. Como mêninha a tomar, sem engeitar o caldo tão falado do Vieira, acho sobremodo indicada a quassia tónica da prosa do Lobo <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> De Sismondi, que aliás encomia, repetindo Bouterwek, o bem traçado dos caracteres dos dialogantes, a elegância, a vivacidade e o bom tom da conversa, in-

Esta liberdade de espírito não o larga nunca na perseguição das manias tolas e ridículas. Detesta os faladores *paroleiros*, como então à italiana se chamavam os maçadores; «ha muitos homens tão palavrosos que vos não deixam tomar pé na conversação, e são tão amigos de levarem um comprimento até ao fundo que nem com silencio vos defendeis dos seus; e é vicio de que se ha de fugir como da peste da discrição» (Dial. VIII). Já então, note-se, eram legião os pegamaços e os tinham como praga.

Mesmas também as manhas que o Lobo caricatura: «um, que não sabe praticar convosco sem vos estar desabotoando, ou alimpando o cotão e arrancando a frisa do vestido; outro, que a cada palavra vos pega do cinto, ou travando-vos do braço vos molesta; e ainda ha algum tão desatinado que vos dá com a mão nos peitos a cada coisa que diz. E outros que, se deixam de entender com quem praticam, o hão consigo, não estando quietos com as mãos, esgravatando os dentes, ou bolindo nos narises, e tirando cabelos da barba, e mordendo as unhas, fazendo badalos dos pés, quando sentados e outros vicios semelhantes» (Dial. VIII). Impagável esta sátira aos gestos impertinentes, e que flagrante observar e descrever de *tiques*. Nem lhe escapa o repugnante sestro «dos que, mostrando o fervor do animo com que falam, borrifam com humidade o que dizem e ás vezes quem os escuta» (Dial. VIII). Êstes maçadores de perdigôtos, como hoje se diz, achava que deviam chamar-se «homens que falam fresco: que nem uma manhã de abril deixa tão orvalhado um campo de boninas, como em a roda dos que o estão ouvindo, e para estas immundicies

---

sinua, como defeito, «la gêne des longues périodes et la recherche du nombre». Ora a leitura da *Côrte na Aldeia* não deixa positivamente tal impressão; há rareza de períodos longos, e quanto ao número, a prosa é sonora, sem tombar na música de que o próprio Lobo manda fugir como pecha.

Ao crítico suíço antolha-se também que «Rodrigues Lobo paraît comme Pietro Bembo, son contemporain chez les Italiens, avoir cru le langage, le choix des mots et le nombre plus importants encore que la pensée». Se o professor comete aqui o erro de anacronizar os dois escriptores que se distanceiam cêrca dum século, não menor é o da suspeição lançada sobre o Lobo de não passar dum retórico. O conteúdo do dizer não lhe merece menos cuidado do que a forma do dizer; insiste em que a palavra reproduza do modo mais feliz e correcto o pensamento de quem escreve ou fala. ¿ Em que há nisto pedantaria ou desprezo pela substância do discurso? Bem pelo contrário preconiza-se o saber e a educação do espírito; Lobo vai a ponto de recomendar o conhecimento dos officios e da sua terminologia. Sismondi reconhece expressamente «les connaissances littéraires que suppose la composition d'un tel livre», tal como Bouterwek que expressamente confessa que livro assim só podia ser escrito por um homem «combining a delicate spirit of observation with an extraordinary store of literary knowledge».

houvera de ter a discrição um almotacé da limpeza» (*ib.*). Um almotacé da limpeza e da saúde como guarda contra o bacilo a nadar tantas vezes nas tais gôtas de orvalho.

Ao castigar as cincadilhas dos faladores esmieuça com a mesma agudeza os destemperos do instrumento vocal, tanto no metal da voz como na cadência das palavras. Se se compadece dos que a natureza inabilitou como «a voz do gago, do cicioso e do rustico grosseiro», ironiza os que «pronunciam com tanta aspereza que espinham as orelhas dos que escutam, e outros que falam tão apressadamente que parece que levam esporas na lingua» (*ib.*). Ao registo veem os que rosnam grosso em «tom de baixão», e os que esganiçam voz femenil, os de cana rachada e sovelão: «aborrece vêr um homem com um rosto como uma peneira, muito versudo da barba e sobranceiras, sair com uma voz de fruta muito espremida» (*ib.*). Dos campanudos, que largam vagarosamente as palavras, «dilatando uma da outra por que se não peguem», com «uma fala de doente muito mole», enjoa-se dêles como «um xarope de sensaboria que não há quem o leve».

Que *verve*, como hoje se diria, a dêste humorista dos seiscentos, e que invejáveis achados de expressão.

Ao insinuar o melhor meneio bucal para a pronunção, avança que os franceses, italianos e espanhoes «mastigam as palavras entre os dentes e as pronunciam na ponta da lingua», defeito de que está isento o português. Ou nesta fonética se equivocou o chauvinismo do linguista, ou a pronúncia virou no andar dos tempos. Não pode haver dúvida que o castelhano articula com muito mais nitidez silábica, e que os estrangeiros estranham precisamente a pronúncia so-turna dos portugueses.

Há que cortar, para fugir à prolixidade, pelas impressões que à flux sugere a leitura do Lobo em matéria de loquela e frase. Só a secção de redacção de cartas constitue um substancioso manual de estilo, aplicado à epistolografia<sup>1</sup>. E tudo se deixa lêr com aprazimento por quem ame ou cultive a sciência e a arte do verbo orado ou grafado.

A NOVELÍSTICA era para o Lobo ramo de feição; é de crêr que, se vivera, não se ficaria nas amostras aliás interessantes de peças soltas e curtas que cravejam as folhas da *Côrte na Aldeia*.

Da maneira de fazer e dizer «contos, historias e novelas» se ocupa magistralmente, sucedendo sempre o exercício ao conselho. Uma

---

<sup>1</sup> Bouterwek considera-o muito justamente «a full, and for the age in which it was written, a new treatise of the art of correct letterwriting».

diferença põe de *contos* às *histórias*: «elas pedem mais palavras que eles, e dão maior lugar ao ornamento e concerto das razões, levando-as de maneira que vão afeiçoando o desejo dos ouvintes; e os contos não querem tanto de retórica porque o principal em que consistem, é a graça do que fala, e no que tem de seu a coisa que se conta» (Diál. x). Vem logo a campo um dos locutores com a *história dos amores de Aleramo e Adelasia*, e outro em compita com a de *Manfredo e Eurice*, propositadamente semelhante no teor e boleio <sup>1</sup>. Acusam ambas a escola dos *novelieri*; são italianas no trama e no pesponto, e até no local da acção passada em ambas em comarcas de Itália.

Êste luxo historial desafia a veia do Solino, que zomba logo de tanto alinhó, confessando que, se a história de cada um lhe «caira nas mãos, houvera de sair delas com mais bordões e muletas do que tem uma casa de romaria, porque me não escapam termos de velhos, nem remendos de descuidados que lhe não misture» (*ib.*). E sai logo à espora com uma história a seu feitio, que é de todo popular à portuguesa: «Dizem que era um rei; vem este rei e casou por amores com a filha dum seu vassalo...». Tal e qual os contos da velha ao soalheiro, como hoje ainda se ouvem pelas aldeias:—«Era duma vez um rei...» e com o estribilho final «... casaram e tiveram uma filha chamada Vitoria e acabou-se a historia». Como era bom que o Lobo tivesse aproveitado mais êste veio fecundo que apenas afluou.

A *história dum capitão português* que se ilustrou nas guerras da Flandres e que no lance narrado mostrou mais uma vez a bizarrria da sua nação, assim como a *história da peregrina*, episódio introduzido no discurrer daquela côrte aldeã, são mais duas produções da contística culta e acepillhada. De contos mais breves e comesinhos há aqui e além saborosos especimes de variado paladar.

Os *contos galantes*, como êle os denomina, «não consistem em mais que em dizer com breves e boas palavras uma coisa sucedida graciosamente» por «descuido» risível, ou por «mera ignorancia», ou por «engano e subtiliza» (Diál. xi).

Anedotas, casos e ditos, matizam a todo o ponto a palestra. Por *dito* toma êle «na significação portuguesa» «coisa bem dita, ou seja grave como o são as sentenças, ou aguda e maliciosa»; «e chama-se dito porque dizem uma só palavra ou muito poucas muito de entendimento, de graça ou de malicia» (Diál. xi).

<sup>1</sup> Êste modo de exemplificar vem já no *Galateo* onde como modelo se intercala também um conto de origem italiana, a *Novela del gran Soldano con los amores de la linda Axa y el príncipe de Napoles* (cap. xiii, *Novelas y cuentos*).



Devia de ser com certeza o Lobo, tanto pelas amostras trazidas a pêlo como pela ideia de desbancar o Timoneda, um anedotista de fôrça e um cavaqueador, ora faceto, ora sentencioso. O seu anedotário não é do que anda a reboque pelas colectâneas, do já banalizado pela letra de fôrma. É possível que um ou outro dito seja dos já divulgados nos contistas seus antecessores; não fizemos o cotejo tão cerradamente que não nos pudesse escapar alguma historieta de segunda mão. E nomeadamente dos casos passados com personagens históricas, conservados na tradição oral ou escrita, não admira que alguma tivesse já tido menção livresca. Tal a conhecida passagem daquele embaixador que, dando-se-lhe na Côrte onde estava acreditado um lugar à mesa impróprio da sua dignidade, se despicou sentando-se «sobre uma rica toga que trazia vestida, e acabado o banquete a deixou ficar com os outros assentos» (Diál. iv). Êste episódio da capa andou de mão em mão em versão vária; vem no Timoneda como passado com um embaixador veneziano em recepção na côrte do Grão Turco, em Pineda como ocorrido com um embaixador na côrte de Isabel a Católica e também com D. Juan de Velasco em casa do duque de Alba, no Melchor de Santa Cruz com um escudeiro em casa do mesmo fidalgo, etc. Em todos o protagonista enjeita a capa, quando lhã restituem, dizendo com orgulho que não costuma levar as cadeiras em que se senta. No Lobo falta êste alarde, mas em compensação nomeia-se o diplomata da república, «Orfato Justiniano, homem de letras e animo generoso, embaixador do mesmo senado a el-rei Fernando de Napoles que pelo mau animo que contra os venezianos tinha, não fazia dele a conta e estima que seu valor merecia».

Marca um conto como extraído dum epigrama do poeta Ausonio — o daquele que ao tentar enforçar-se encontra um tesoiro, largando logo o barão com que veio a esganar-se o avarento ao vêr-se despojado da riqueza com tanto cuidado escondida.

Na *Floresta* do Santa Cruz encontro aquela tola descaída do que subscrevia a carta para a mulher como «o menor marido de v. m.»; na *Côrte na Aldeia* vem todavia como graça das que vulgarmente se contam.

Sente-se que Roiz Lobo vive menos do empréstimo livresco que do fundo próprio em matéria de historieta. A vida coimbrã e o meio escolar, como das referências se mostra, forneceram-lhe uma boa parte da série anedótica.

De *sal*, e bom *sal*, indica êle que se tempere o contar e o palear: «*Sal*, quer dizer graça, que é o contrário da frieza e da sensaboria; dizemos do gracioso que é salgado e do bem dito que tem

muito sal e do que o não é, que não tem nenhuma». Traz a propósito curiosidades sobre o condimento, e aludindo ao «derramar sal na mesa», dá-nos a saber «que neste nosso reino querem fazer particular agoiro dos Mendóças»<sup>1</sup>.

Coisas de graça desafiam o *riso*. Embora tenha havido sorumbáticos «que nunca riam como Catão, Anaxagoras e Socrates», o rir caracteriza a espécie humana; «é definição do homem *ser animal racional* e a sua propria paixão é *ser risivel*» (Diál. VIII). O rir é próprio do homem, dissera-o já o Montaigne. Nem por isso se deixará «de guardar de ser desentoado nas risadas». «As risadas, além de arguirem falta de entendimento, são mais impertinentes quando um homem festeja seus próprios ditos, que para terem galantaria, êle que os diz, há de ficar sisudo e os que o ouvem risonhos». Um geito já para o *pince-sans-rire* de hoje em dia. E flagrantemente satírico mais uma vez, mofa tanto do rir «com os beiços apertados, como costumam os que teem cieiro neles», como dos que arregaçam a dentuça às escâncaras, a que chama como os latinos *riso de cavalgadura*.

O motejo tenha leveza: «o discreto nem há de morder nem lamber; porém picar levemente e com arte, é graça da conversação». Nada de graças que vexem ou pesem; graças com que a gente se ria, como manda o prolóquio.

Conversa de portugueses é raro que sobre o salgado não se exporimente também no desbragado. O Lereno recomenda a continência nas palavras, máxima diante de mulheres<sup>2</sup> porque «não se ofenda a honestidade do seu estudo», «mõrmente nas visitas de desposorios e nascimentos de filhos, em que é mais necessario ao discreto levar as redeas na mão por que ele não perca os estribos e a elas se não mude a côr» (Diál. IX). Ridiculariza porém os que a fugir de termos mal soantes querendo falar de pernas, como se fôra descortezia nomeá-las, as chamam «sustinentes ou andadeiras». Tal o «mestre de gramática» que, por o discípulo ter dito que sua mãe parira, lhe chegou às unhas a palmatória. Há-os até «que fazem cortesia de mudarem os nomes ás cavalgadas e por se desencontrarem dum *asno* darão mil rodeios»<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Representados hoje pelas casas Loulé e Azambuja.

<sup>2</sup> Gracian Dantisco já recomendava que quem conta «no tenga palavras desonestas, ni cosas sucias, ni tan puercas que puedan causar asco á quien le oye... especialmente se en el auditorio hubiese mugeres, porque alli se debe tener más tiento...» (*loc cit.*, cap. XIII).

<sup>3</sup> Ainda hoje nas velhas províncias as pessoas cortesias do povo, se falam em

Nada pechoso, mas recatado de língua, arrisca em todo o caso alguma anedota mais livre, como se fôra a coisa mais natural do mundo. Tal o dito do malicioso tio que aconselhava a sobrinha, noivada com um velhote rico de nome Carvalho, a enxertar no tronco fosse como fosse; se não pudesse o carvalho, servia a cornicabra. Pois êste desafôro do adultério por conveniência sai da bôca de quem? — do padre prior e é festejado pelos assistentes. E para não ficar sem resposta vem à baila o dito da mulher que, quando o marido de nome Ramos contava pelos dedos maldosamente os cornudos da vizinhança, como êle naturalmente não se metia na conta apesar dela o trazer devidamente guarnecido da testeira, dizia-lhe irritada: «*Erramos, homem!* Torna a contar que falta um».

Estas frescuras de trocadilho não passavam afinal de inocências naqueles bons tempos, que não seriam de melhores costumes, mas pecavam menos na hipocrisia. E quasi inocências devêras perante o desbocamento licencioso do Castiglione (L. II, cap. 7.<sup>o</sup>), que, depois de prègar aliás o comedimento cortesão, mete à cara principesca da sua duquesa e da discreta Emília, aquela do cortesão maligno que, passando por casa duma marquesa de sua antipatia, ao vêr riscadas a carvão na fachada umas poucas de imagens das que entre nós se chamam «*letreiro de parede nova*», exclamou: «*Cá estão as cabeças dos javardos que cada dia a marquesa mata nas suas montarias*». O cortesão de Urbino tinha a língua com bem menos trave do que o cortesão da aldeia.

Do filão da HISTÓRIA cava a cada passo o Lobo espécies para exemplo de doutrina, simples curiosidade ou edificação de espírito. O poeta saturara-se de erudição antiga e moderna; o eremitério de Leiria e o amor da leitura propiciaram-lhe uma ilustração abundante e brilhante.

Como todo o letrado culto do seu tempo, impregnado de humanismo, deleita-se com a antiguidade clássica; conhece na ponta da unha os seus autores latinos e gregos. É farta a lista dos que cita, às vezes com a designação do título e capítulo da obra. Sabe fazê-lo

---

cavalgadura, põem-lhe logo o berbicaxo de «com sua licença»; e os porcos são perifrasticamente «os da vista baixa». O D. Francisco Manuel de Melo também protesta contra esta costumeira nacional: «Um dos maiores desvarios em que deu o primor da gente vulgar foi este da descortezia de algumas palavras; como se fosse mais honesto boi ou cavalo que asno ou porco, e fossem menos benemeritos de andar na lembrança estes dois animaes, cujo nome hoje em uso tem feito infame, sendo eles proveitosos e inocentissimos...» (*Apologos Dialogaes*, Fontes).

sem impertinência pedante, sem fastio nem pesadume; sim com sobriedade e tacto, evitando a indigestão narcótica do Guevara e doutros.

Rodrigues Lobo sôbre dever possuir livreria de clássicos antigos manuseados com diuturnidade, ajuntava peças manuscritas de interesse histórico; um bibliófilo de officio. Tal o «cartapacio não pequeno de falas e orações de embaixadores portugueses feitos a grandes principes» (Diál. iv). A colecção epistolar do *Brit. Mus.* denuncia esta paixão historiográfica, que por certo ia marcar a sua fase derradeira de publicista.

Concentrava mais afincadamente no país natal a sua propensão pelas coisas do passado. Pela bôca duma das figuras do diálogo diz: «Sou particularmente afeiçoado a livros de historia verdadeira e mais que ás outras ás do reino em que vivo e da terra onde nasci; dos reis e principes que teve, das mudanças que nele fez o tempo e a fortuna; das guerras, batalhas e ocasiões que nele houve; dos homens insignes que pelo discurso dos anos floreceram...». Arrolam-se no transcurso do livro referências apreciáveis às matérias nacionais, e não são despidiendos os subsídios carreados, lançados aqui e àlêm ao sabor dos incidentes da palestra.

«Em Portugal é coisa muito antigua aos principes trazerem tenções e emprezas com letras, e ainda as usavam misturadas nas armas reaes que, posto que naquele tempo não estavam tão apuradas como agora, nem eram sujeitas á arte, que delas e para elas fizeram as modernas, não lhes faltava entendimento e galantaria». Pinta logo como melhor exemplo o grupo brilhante das divisas do Mestre de Aviz e dos altos infantes (Diál. ii) — côrte gloriosa que se apurara com «a vinda dó duque de Alencastre, irmão de el-rei Richarte de Inglaterra, a cujo respeito houveram os doze portugueses em Londres aquela celebrada vitoria em favor das damas» (Diál. xiv) <sup>1</sup>.

Nas larguezas em favor das instituições sociais e aumentos do Estado manifesta o D. Afonso I e os três Joões aos quais associa no agazalhar dos desvalidos o «cardeal e devoto rei D. Henrique». D. Dinis «acrescentou em seu reino 44 vilas com castelos e fortalezas» «e fez os primeiros estudos em Coimbra. E os reis D. João e

---

<sup>1</sup> Nas armas do infante D. Henrique aponta a letra da ordem da «Garrotea», que traduz por: «Contra si faz quem mal cuida». A bôa versão portuguesa não é essa, mas sim *Mal haja a quem mal cuida* — que encontro já apontada por D. Francisco Manuel de Melo nos *Apologos Dialogaes* (Visita das Fontes). D. Francisco de Portugal (*Arte de galanteria*) dá o mote em castelhano: «Mal venga á quien mal piensa»

D. Manuel descobriram e ganharam para a fé as terras do Oriente com tanta inveja como espanto das nações estrangeiras» (Diál. vii).

Em liberalidade régia gaba «D. Pedro o justiceiro» tão amorável para «os pobres que até a manga do braço direito mandava fazer mais larga e comprida para alcançar a todos no fazer mercês, como o mesmo rei dizia». D. João I lapidou de tal modo em mercês o «património da coroa» que o filho ao suceder teve de acudir com a lei mental; e D. Manuel «com os poderes da sua riqueza e a magnificência da sua condição assombrou as nações estranhas e ao nome português fez mais honrado» (Diál. vii). A D. Sebastião emparelha-o com o D. Afonso Casto de Espanha: «não desmerecia este nome o rei português que persuadido do seu valoroso animo e errado conselho perdeu a vida nos campos africanos» (*ib.*). Dêle e de D. João II diz «que não queriam que em forças e valor se lhe egualasse nenhum vassalo» (Diál. xiv).

Celebra a isenção de soberba da «nossa rainha Santa Isabel, o nosso infante D. Fernando, a nossa infante D. Sancha, D. Branca e D. Joana, e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira que bem douraram com sua grandeza e poder a virtude da humildade» (*ib.*). Louva enfim «a sobriedade e a temperança dos nossos reis naturaes, que de mui poucos se sabe que bebessem vinho e de nenhum que comesse demasiado». «A imperatriz D. Leonor, filha del-rei D. Duarte, insistindo os medicos em que bebesse vinho para ter geração, não consentiu no remedio» (*ib.*).

Como traços de cortezia sem cerimónia e de atenção franca, traz o «Mantenha-vos Deus, senhor rei de Portugal», com que D. Henrique de Castela saudou ao nosso D. Fernando na conferência havida no Tejo, a quando do sitio de Lisboa; e o recebimento caloroso com que Filipe «o sabio» agazalhou ao D. Sebastião na jornada de Guadalupe, introito da jornada de África (Diál. xii).

Do seu epistolário selecto saca duas cartas privadas, uma de D. João II, encomendando ao rei de França D. Pedro de Almeida, filho do Conde de Abrantes, que ia estudar a Paris, e outra de D. Manuel ao Grão Mestre de Rodes a recomendar Aires Gonçalves que ia tomar o hábito da ordem (Diál. iii).

Para mostrar a febre da moda que por servil imitação se acende em tórno dos reis, conta a história do mercador que presenteou o rei com «um pano que tinha muito rico», e «com este ardil, em el-rei o vestindo, vendeu ele a mór valia uma quantidade de peças daquela côr que lhe haviam entrado numa partiça».

Bem mais extravagante foi o caso passado na côrte de Carlos V com as borragens: como as receitassem os médicos ao Cesar e na

mesa imperial fossem servidas para sua dieta, todo o mundo desatou a mastigar a enxabida folhagem, num consumo tal que nas terras con vizinhas da côrte quási se não fazia outra cultura (Diál. II).

Do seu repositório de falas «elegantes» de embaixadores, enumera a do bispo D. Garcia de Menezes ao papa Xisto como legado de Afonso V e capitão da armada contra os turcos (1481), a do dr. Diogo Pacheco ao papa Júlio na embaixada do arcebispo de Braga mandada por D. Manuel (1505), e outra do mesmo ao papa Leão no faustoso cortejo, presidido por Tristão da Cunha (1505), que deu brado na Europa pela sua magnificência; enfim a oração do enviado de Francisco I proferida a D. Manuel em Almeirim (1506) por «Monsieur de Lanjaca, governador de Avinhão»<sup>1</sup>.

Em proesas de embaixadores, narra a do que era nosso junto dos reis católicos que, achando-se com êles no cerco de Granada, pondo de lado as conveniências do cargo e até o conselho de el-rei, se atirou aos moiros com a mesma bravura valorosa dos capitães da rainha Isabel (Diál. IV). Enaltece a diplomacia portuguesa que chegou a fazer «maior inveja a monarcas mais poderosos» (*ib.*). Prova o dito com «algum que teve lugar nos tribunaes superiores da côrte de Espanha, que para negocios particulares dum principe deste reino foi mandado a ela». Não o nomeia, aditando apenas que não era para admirar que dum «mensageiro particular se fizesse conselheiro de estado, sendo enviado da casa dum senhor, do serviço do qual saíram, como de outro cavalo troiano, heroes famosos e varões insignes em todas as profissões», de que se compraz em estender as altas categorias. Melhor fôra que desse o nome aos bois, e nos inculcasse a personagem que Castela nos roubou para os seus conselhos da corôa. Com tal exaltação de predicados não vejo outro que não seja o Cristovam de Moura, o válido do Filipe, dum estremado talento diplomático; não sei mesmo doutro portuguez que no ramo se lhe avantajasse em méritos, qualquer que seja o juizo que se professe sôbre o seu patriotismo. Não ajustam todavia as referências do Lobo com o início da carreira do notável diplomata filipino.

De António Perez colhe uma história passada «com o conde de Sortelha D. Luís da Silveira, a quem D. Manuel mandou que fizesse uma carta para o papa sôbre certa matéria de importância, dizendo que ele faria outra minuta para de ambos escolherem a mais acertada; succedeu que, trazendo o conde a sua a el-rei, pareceu tão bem que lhe não quis mostrar a que fizera, e assinou a do conde. Nem

<sup>1</sup> É João de Langeac, capelão do rei, prelado e diplomata de grandes créditos, a quem seu amo confiou, entre muitas outras, a embaixada de Portugal.

por isso o ministro ficou contente, e chegando a casa disse aos filhos «que cada um buscasse sua vida, porque já el-rei tinha entendido que sabia mais que ele» (Diál. xiv) — quer dizer que o rei, vendo que o ministro sabia mais do que êle, se tomaria de inveja contra o privado, retirando-lhe a sua graça.

A anedota é de pico e ensinamento. Reparo porêem que o D. Luís da Silveira era sim o valido do príncipe, que ao subir ao trono o fez Conde da Sortelha. Roiz Lobo devia de conhecer esta familia visto que ao descendente do ilustrado cortezão fez ofertório do *Pastor Peregrino*. Pendo a crêr que deve andar aqui equívocação <sup>1</sup>. António Perez refere a passagem como sucedida com o «conde D. Luiz de Silveira», e diz tê-la ouvido contar ao príncipe d'Éboli, Rui Gomes da Silva, grão mestre em matéria «del humor y natural de Reyes» <sup>2</sup>.

Deslinda a fauna variegada da alta servidumbre de palácio; só de «ofícios maiores», mordomo, porteiro, camareiro, monteiro, caçador, guarda, estribeiro, correio, almotacé, capelão, alferes, meirinho, tudo mór, afóra esmoler, deão, condestável, almirante, marechal e a tropa menor (Diál. xiv).

Não esquece as glórias e conquistas dos portuguezes, nem a menção das suas virtudes guerreiras: «delrei D. Afonso Henriques,

---

<sup>1</sup> O sr. Braamcamp Freire informa-me que também lhe não consta que D. Luís da Silveira fosse ministro de D. Manuel. O pai, D. Nuno Martins da Silveira, êsse foi seu guarda mór.

<sup>2</sup> Dei-me à cata do trecho, sem nenhuma outra indicação, por entre as mil e tantas páginas de *Las Obras y Relaciones* de António Perez, como quem procura agulha em palheiro. Depois de infindável virar de folhas, lá o fomos topar na carta *A un gran privado* que não diz quem seja (pág. 537 duma excelente edição de Genebra de 1676, desconhecida de Salvá, exemplar da Livraria Palha que pertenceu a J. Gomez de la Cortina de que traz o ex-libris brasonado em ferros dourados na capa e na guarda). Eis o texto: «... me contó el mismo Principe un cuento de su consejero, el conde D. Luys de Silveira, que passó con el-Rey D. Manuel. Fué que aviendo venido un despacho del Papa con un papel estremadamente ordenado, el Rey llamó al Conde. Consultó y resolvió con el la respuesta. Mandó lo que el ordenase una, pero que el queria hazer otra: porque el Rey se preciava de eloquente y diz que lo era cierto. El Conde sintió harto de auer de poner la pluma donde su Señor. Pero obedesció y ordenó su papel. El Rey tenia ordenado el suyo. Oyó el del Conde; no queria el Rey después leer el que el avia hecho, pero a instancia del Conde le leyó al fin. Conosció el Rey que estava mejor el del Conde, y resolvió que aquel se desse por respuesta al Papa. El Conde se fué a su casa, y con ser medio dia mandó ensillar dos cavallos para dós hijos suyos, y sin comer los llevó al campo y les dixo: Hijos, cada uno busque su vida, y yo la mia, que no ay bivar aquy, que el Rey conosce que sé más que el».

Roiz Lobo alterou um pouco a versão, dizendo que D. Manuel não quis mostrar a minuta que redigira.

do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, do condestavel D. Pedro de Menezes, e de outros generaes lemos que muitos anos inteiros dormiam as noites sem despirem a malha e couraça com que pelejavam de dia» (Diál. xv). Releva a coragem dos «valorosos lusitanos» nos seus duelos famosos «em muitas partes do mundo»; tais: o de Álvaro Gonçalves Coutinho, o Magriço, em Flandres; o de Álvaro Vasques de Almada, conde de Abranches, em França; o de Duarte Brandão, cavaleiro de Garrotea, em Inglaterra; o de D. Francisco d'Almeida em Granada (*ib.*).

Pratica sôbre vária *arqueologia* abundantemente; é um ementário enciclopédico de diversa matéria, espécie de caroço erudito das frivolidades da palestra. Leem-se notas instrutivas a respeito de papel e cartas<sup>1</sup>, de modos de trajar, de brasões e armaria, do ouro e sua valia, do sal, do cortejar e dos tratamentos, do poder real, da geografia mercantil, do carácter diferencial dos povos, etc.

A CORTESIA gozava já ao tempo da latitude vocabular da acepção de hoje; mas seu verdadeiro sentido, tal como lho consigna Roiz Lobo, ainda é mais estreito do que *urbanidade*. Esta, derivada de *urbs*, cidade, «é o comedimento e bom modo dos que vivem nela em differença dos aldeãos»; e *cortezia* é dos que seguem a côrte. «Porém na significação generica este nome comprehende estas tres especies de cortesia»: «*ceremonia*», no que toca às coisas e pessoas sagradas, «*cortesia*» «que é a que se tem aos reis, principes e senhores», «*bom ensino*, que é a inclinação, reverência e comedimento que se costuma entre eguaes, ou sejam de maior ou menor qualidade» (Diál. xii).

Dêste *bom ensino* — *boa criação* se lhe chamou também e hoje *boa educação* — traz uma pragmática abreviada, umas regras de civilidade. Ao tempo o grande praxista nestas pautas convencionais de sociabilidade era o Erasmo, *De civilitate* (1530), o código de bom tom que circulou por toda a Europa.

O que de mais destaque sobreleva no diálogo, são as coarctadas do Solino com o seu «aranzel de cortesia», todo de comodidades e proveito pessoal, lardeado «dos rifães e proverbios dos velhos». Uma página portuguesa de resaiço popular. Lembra um Sancho Pança mais maligno e refinado.

A *cortesania* cursa-se no serviço do rei e no trato da côrte. Ao exercitar essa criação roça pela política das monarquias. «A pessoa real é a cabeça da república, como escreve Plutarco, e nenhuma coisa na terra há sôbre ela mais que a lei a que deve obedecer»

<sup>1</sup> Parece-me inspirada do Pedro Mexia (P. 3.<sup>a</sup>, cap. 2.<sup>o</sup>).



(Dial. xiv). A lei é que impera, e o príncipe não passa senão do seu mandante. Constitue para os vassallos um paradigma de costumes e virtudes. Desgraçadamente «houve e há muitos reis», trocados em «tiranos» a quem «a sua depravada natureza desvia» da excelência régia.

Não se enleva tanto nela que não zombe irreverentemente de quanto se guindam os reis sôbre os outros homens, divinizando-se: «Nas palavras se quizeram os reis levantar mais com os títulos divinos; e de *mercé* e *senhoria* que era o seu próprio lugar, subiram a *alteza* que era só de Deus e depois a *magestade*; e ainda, se se puderam chamar *divindade* e *omnipotencia*, me parece que o fizeram». Em tempos de monarquia absoluta êste português desenhado de preconceitos queria que se tratassem os reis por Vossa Senhoria.

«Os reis por eleição, dessa maneira o começaram a ser no mundo»; e para quem se tenha de governar «por razão e policia, parece que era devido o nome de rei ao que no entendimento fizesse ventage aos outros homens». É pela sabedoria que salomónicamente se reina. Introduzida a sucessão por herança, êles «não podem ser eguaes no entendimento e prudencia»; a sua competência tem de suprir-se pelos ministros: há que «escolher doutos e famosos varões por quem se governem<sup>1</sup>». O que tem de ser sempre o monarca, é espelho de perfeições, «para reger e mandar os homens»; concede ao peso do sceptro e da corôa um influxo psicológico poderoso que torna os príncipes mais observantes da razão e da virtude. Essa aula régia constitue por exemplo e exercicio um instrumento educativo de primeira ordem», e «porque falta a Portugal há tantos anos esta criação, teem tão pouca muitos filhos dos illustres do reino». A nobreza

---

<sup>1</sup> A comparação do mau válido do rei com a fonte empeçonhada de que bebe todo o povo, que Roiz Lobo aduz, dando-lhe por pai a Sá de Miranda, dissemos numa nota do parágrafo anterior que se encontra também na *Doutrina* de Lourenço Cáceres. Não sabemos a qual attribuir a prioridade; afinal deparou-se-nos a fonte comum onde os dois foram beber o dito feliz — foi no mestre italiano Castiglione: «Por eso no se hallará pena bastante á castigar aquellos malvados cortesanos que usan de sus gracias y buenas habilidades para mal fin, y con estas granjean á sus príncipes para dañarlos y desviallos del camino de la virtud y echallos derechamente en mitad de los vicios; porque de estos tales puédese muy bien decir que no un vaso donde ha de beber uno, mas la fuente pública donde todo el pueblo ha de ir á coger agua, emponzoñan con mortal ponzoña» (L. iv, cap. 1.º).

De quanto ao tempo se prezava o livro entre portugueses, encontro um indício mais a juntar a tantos outros: numa velha edição da versão do Boscan s. l. n. d. encontrou Fabié (*loc. cit.*) a seguinte nota — «Este libro me dió D. Francisco Lobo, Embajador, Señor portugués, en Ratisbona, año 1541».

degenerava por falta de cultura cortezã, desde a queda dos reis naturais.

Daí desliza ao serviço das damas e roda das salas, às origens e conservação da privança, ao fadário dos pretendentes e à caça das mercês — um guia delicado e sucinto para quem arriscar passos pela rota vidrenta e perigosa onde demoram o poder e a grandeza. E ainda hoje não é pêca a sua leitura para quem rumine filosofia política; cambiaram os tempos, mas não se trocou o barro humano que se entroxia no ouropel das côrtes e das secretarias.

A INSTRUÇÃO corôa e remata o edificio da obra: a «creação das escolas» objectiva o derradeiro diálogo. Exalta o papel hegemónico da alta educação na vida nacional; «as escolas e universidades do mundo, que foram instituídas para o govêrno e conservação dêle, são o coração dos reinos onde estão fundadas, do qual saem as operações principais para o regimento da vida civil».

Sobrelevada a metamorfose exercida pela instrução sôbre o homem donde o saber desentranha um outro ser, traceja Roiz Lobo o plano congruente duma educação integral (Diál. xvi).

Quando li, em outros tempos já, a *Côrte na Aldeia*, surpreendeu-me êste relance de síntese enciclopédica. Certo que essa meia dúzia de páginas não podem presumir-se, nem por tal as inculca o seu autor, um compêndio de pedagogia. Não profundam o problema da aquisição progressiva dos conhecimentos; nem a apostilha chegam das obras geniais de Luís Vives. Encerram todavia uma sistemática de sciências e disciplinas, demonstrativa dum espírito coordenador que relanceou metódicamente o campo inteiro do saber humano. Vai como em «degraus de escada», numa série gradativa.

Rompe pelas humanidades — a *gramática* e a filologia clássica, ressaltando a disciplina trilingue do hebraico, grego e latim. O segundo degrau é a *lógica* «que ensina a distinguir e fazer diferença do falso ao verdadeiro», instrumento testemunhal do saber. Após, a *retórica* «que ensina a falar bem», e a *poesia*, «a arte nobre e desejada».

Eis o introito às sciências. A *matemática* à frente, dentro da qual faz excelir a geometria. Segue-se «sua companheira, a *astrologia*, «sciência tão levantada que penetra da terra os segredos das estrelas» da qual tem o bom senso de regeitar «a especie supersticiosa das matematicas que é a astrologia judiciaria», ao tempo com tantos fautores e crentes.

Passa à *filosofia física e natural*, na qual se funda «a arte da medicina que assim pelo importante sujeito em que se emprega como

pelas artes e sciencias que lhe ajunta e encadeia, é o conhecimento dela mui digno do homem sabio».

Ascende agora às *sciencias morais e politicas*: a *ética* que «se emprega na composição dos costumes e na moderação das paixões em que consiste a felicidade da nossa vida»; a *economia* que ensina a administração das classes e das famílias; a *politica* que «dá os preceitos à legitima ordem e governo das republicas, reinos e cidades, assim em razão dos que mandam como dos que obedecem». Como ramo de aplicação da «ethica politica» traz «as nobilissimas profissões e sciencias das leis civis e sagrados canones».

Enfim no ápice a *metafisica* «que trata das coisas, por altissimas, segregadas de toda a materia sensivel»; «e subindo da metafisica à divina teologia fundada sobre a verdade evangelica, se apura um homem e chega ao mais alto a que se pode levantar o entendimento humano».

Esboça-se nesta escala, através duma nomenclatura ainda assaz imbuída de escolástica, a taxonomia das sciencias puras e concretas em nossos dias ensaiada. Lembra *verbi gratia* a coluna vertebral do organismo scientifico, talhado pelo Augusto Comte; bem semelhante o esquema do Roiz Lobo à série linear do positivista, desde a matemática até à sociologia. Mais uma vez assinalarei esta página como um trecho a utilizar para a magra história da nossa pedagogia.

Não topa melhor meio que o escolar para o adestramento do espirito e treino do homem em culto de boa roda. Tudo ali é «uma contínua lição de policia» «à vista dos doutores prudentes, na lição dos mestres escolhidos, na comunicação dos nobres bem acostumados, na conversação modesta dos religiosos». Os erros teem «por palmaria» «a vergonha de os cometer á vista de tantos censores deles, ajudando a advertencia de lhes fugir a curiosidade com que se espreitam e a liberdade com que se repreendem». Como todo o apuro tem as suas fezes, notam-se com mófa as extravagâncias indumentárias dos escolares — «que se conhecem na côrte os estudantes entre os outros homens como podengos de agua pela guedelha e pelo costume do barrete, ou tiram o chapéu de meio a meio ou o penduram pela ponta do cairel como em tenda de sirgheiro».

Que sejam sempre bemfazejos os profissionais das letras, desabona-o satiricamente o Solino com o exemplo dos medicos que danam o corpo com as suas purgas, xaropes e sangrias, nem a invenção da pólvora foi mais prejudicial que elles à vida», e o dos legistas que danam a fazenda «com demandas, embaraços e conluios». «Para si proprios vereis poucos medicos sãos, e nenhum legista vencer demanda sua». A culpa não é das sciencias, mas dos que as professam, «se-

meando enganos e hipocrisias de que andam mais inçadas as escolas que de manteus de fêsto».

Até a linguagem se lhes transforma na giria do ofício; «de cento não ha um letrado que não traga cascavel por onde lhe conheçais a altura em que anda, como furão». O lógico, o geõmetra, o médico, o jurista, o teólogo, entremeiam a cada passo os barbicachos técnicos; pecado ainda assim venial, quando sem abuso, que «essas palavras que se lhes pegam dos termos das mesmas sciencias, não são defeituosas, ainda que não sejam vulgares, porque muitas vezes significam mais propriamente que as outras». E com efeito a linguagem técnica tem sido e será uma das fontes de enriquecimento da elocução.

No meio universitário caldeiam-se também com vantagem classes diversas, e Roiz Lobo dá-nos o balanço genérico da sua composição. Buscavam ao tempo as escolas «os filhos segundos e terceiros da nobreza do reino que por instituição do morgado dos seus avós ficaram sem herança e procuram alcançar a sua pelas letras»; «filhos dos homens honrados e ricos que os podem sustentar com comodidades nos estudos; religiosos escolhidos nas suas provincias por de mais habilidade e confiança para as letras».

A selecção do estudante fidalgo e do argentário faziam-na a casta e o dinheiro; a do aluno das ordens monásticas fazia-a a intelligência. Daí a superioridade espiritual do frade tantos séculos sustentada.

Êste livro selecto foi lido e estimado emquanto duraram as letras velhas e o amor pela escritura genuina portuguesa. Futurava êle «que, se ao gôsto dos curiosos leitores fôr bem aceito, sairá brevemente á luz outro volume de dialogos que espera vêr o successo dos primeiros» (*in fine*). A sorte tolheu essa esperança; mas a obra prima deixou progénie condigna. São seus epígonos a *Floresta* do Bernardes no vernáculo e no profano, e sobretudo a magnífica série dos *Apólogos dialogais* de D. Francisco Manuel de Melo.

A *Côrte na Aldeia* veio mostrar que no poeta se enquadrava o erudito, um espirito nutrido de seiva antiga e moderna, e trazer à luz o pensador e o observador que nas églogas apenas despontára. Era o primeiro marco lançado num novo ciclo literário que os fados cortaram abruptamente. Testemunha notáveis aptidões para a história, para o drama e para a novela, que por certo se desentranhariam da pena de Rodrigues Lobo, atingida agora a pujança e madureza do seu engenho. Irreparavel perda essa para as nossas gloriadas mas minguadas letras.

(Continúa)

RICARDO JORGE.

## O bandeirante António da Silveira Peixôto, conquistador de Tibají<sup>1</sup>

No Arquivo do antigo Conselho Ultramarino encontramos o documento abaixo transcrito e que constituiu uma verdadeira autobiografia:

«Antonio da Silveira Peixoto, capitão do Regimento de Cavallaria de Voluntarios Reaes da Capitania de S. Paulo, péde a S. Mag.<sup>de</sup> lhe faça mercê do habito de Christo com a terça de duzentos mil reis em attenção aos seus serviços obrados na mesma capitania<sup>2</sup>.

«Antonio da Silveira Peixoto, capitão de Cavallaria etc., fez presente a V. Mag.<sup>de</sup> por este Conselho em o qual diz: que sendo o supplicante aparentado com muita da principal nobreza das Ilhas dos Açores, como constava do brazão que offerecia, para melhor servir a V. Mag.<sup>de</sup> se resolvera no tempo da ultima guerra a ir militar no Brasil; porem seguindo-se logo a paz, fôra estabelecer-se na dita capitania, aonde tendo uma opulenta casa, arruinára todo o seu cabedal no Real Serviço, porquanto mandando o Augustissimo Senhor D. José, que Deus haja em gloria, que a todo o risco se fizesse os maiôres esforços para descobrir e reconhecer os vastissimos sertões de Tibajy aonde nunca tinham os nossos penetrado, se escolhêrão entre as pessoas mais distinctas as que se julgáráo de maior valôr, mäs sem embargo d'elle voltáráo as duas primeiras expedições pretextando impossivel a empreza; que para ella comtudo fôra eleito o supplicante sendo então Alfêres de Auxiliares com as mêsmas honras dos officiaes pagos como constava da patente n.º 9 passada em 1767, sendo promovido a Capitão de Infantaria pago e se mostrava na patente que apresentava

---

<sup>1</sup> Continuado do vol. iv, pág. 189.

<sup>2</sup> Já em 13 de Novembro de 1770, em officio ao Conde de Oeiras, propunha o capitão general Dom Luís António de Sousa «... E para o Capitão Silveira que se acha vivo, o soldo por toda a vida com a mercê do habito, pago tudo pela Real Fazenda».

n.º 8 passada a 12 de janeiro de 1770, e ainda que nella se chama Capitão de Ordenança, fôra por sê mandar assim denominar este corpo, por maior distincção, para que não parecesse iam servir como as outras tropas ordinarias que guarnecem as Praças antes se resol-



Brasão de armas da família de António da Silveira Peixoto.

vessem a entrar nelles as pessoas mais distinctas e abastadas mais como militares e cidadãos honrados, que como tropa mercenaria, como se via na Carta n.º 16 e se verificava na mencionada Patente do supplicante na qual se lhe manda pagar soldo, se declara expressamente reformado aquelle corpo para partir logo áquella importantissima e perigosissima conquista, se lhe mandava juntar bandeiras da mesma fôrma que em o novo regulamento se ordena aos outros officiaes pagos como se via nas cartas da referida patente e se nomeava um Tenente-Coronel tambem pago para Director e Commandante daquelle distincto corpo, o qual ficando na dita capitania, era o

Supplicante o primeiro e unico Capitão que commandando a Tropa, chegasse a vencer inexplicaveis perigos: que no fim de sessenta léguas deixara apartados os mais e entrara sómente com o seu Alferes e doze soldados ajudando-os a abrir picadas pelas montanhas inacessíveis, fazendo carregar às costas dos mesmos soldados a pouca equipagem que levavão e ajudando-os a facilitar o caminho à força de braços com picões e machados, como se via do documento n.º 1.º e 2.º e sendo isto muito diverso às ordenanças communs nem estas costumavam a notar serviços à margem dos seus assentos como se mostrava nos documentos n.ºs 14 e 15, já lutando com as feras e com o numero de barbaros, cuja multidão parecia impossivel vencer-se, o que o supplicante conseguira, não só à custa do sangue que derramara, mas à força de persuasões que os sujeitaram a ficarem pacificos, conquistando assim em treze mezes de marcha, quatrocentas e vinte léguas de terreno, que por este titulo se declara ficarem pertencendo aos dominios de V. Mag.<sup>de</sup> no ultimo tratado de limites com a Corôa de Hespanha, sem para isto fazer despeza a Real Fazenda de V. Mag.<sup>de</sup> porque matava e comia as mesmas feras de que se devia refugiar.

«Nunca satisfeito o supplicante de ter estendido tanto a conquista de V. Mag.<sup>de</sup>, fôra o primeiro que naquella parte penetrára até o fim do centro da América, de sorte que achando-se repentinamente em aldeias das Indias de Hespanha, fôra reputado conquistador dellas, querendo castigal-o, como espia portugueza e remettido para isso com todos os seus subditos, preso à capital de Buenos Aires com apertadas correntes e grilhões; espantado, porem, aquelle general inimigo, dos impossiveis que o supplicante tinha vencido, lhe mandara offerecer a patente de Tenente-Coronel com duzentos mil reis de soldo cada mez e outras muitas conveniencias para comandar contra nós as suas conquistas e constava da justificação n.º A. B. e n.º 3.º, ameaçando-o com a morte no caso contrario, o que tudo o supplicante despresára por estimulo de honra e amôr da Patria, como se via da attestação n.º 2.º; que então o pretenderam obrigar á necessidade fazendo-o padecer horriveis tormentos em uma estreita prisão, incommunicavel, carregado de ferros, por mais de oito annos: que assim mesmo conseguira comprar sentinellas para mandar vir de sua casa, por differentes vezes, quasi todo o grande cabedal que então possuia e com elle vencera dar parte aos nossos Governadores e Generaes de todos aquelles então nossos inimigos desde que elles principiaram até que V. Mag.<sup>de</sup> restituira aos seus vassallos a fortuna de uma paz solida e se verificava do documento n.º 3.º e 4.º e em execucao do tratado da mesma, fôra o Supplicante sôlto, e livre da pena com que ali o amea-

çavam e esperava a todo o instante: que com o resto do dinheiro e crédito, tinha conduzido por terra, na larga marcha de 180 léguas de sertão a 134 Portuguezes, que ali se achavam prisioneiros, das guarções da Colonia e Santa Catarina, como se verificava do documento n.º 5 e tambem que com o pretexto de falta de dinheiro nem ao menos se lhe tinha pago os seus soldos, e tendo a honra de chegar à presença de V. Mag.<sup>de</sup> lhe ordenara que fosse continuar a servil-a, no mesmo posto de Capitão que o Supplicante exercia, ha quasi doze annos, mas com passagem para o dito Regimento de Voluntarios Reaes de S. Paulo: que parecia que se não podia esperar mais de um vassalo, do que tem feito o supplicante conquistar para o seu Rei centos de léguas de terreno, sem despesas do Erario com tão pouca gente que se alimentavam (sic) das mesmas feras que as (sic) invadiam, querendo-as (sic) tragar indo contendendo sempre com indios barbaros de que escapára por milagre: que estivera prisioneiro carregado de ferros oito annos, dando-lhe a escolher ou o posto e soldo mencionado, ou morrer em uma forca, como espia de Portugal e preferir morte cruel à infamia de tomar as armas contra a Patria: que entre estes mesmos horrores mandara continuamente avisos importantissimos aos Governadores e Generaes das conquistas de V. Mag.<sup>de</sup> que se achavam dispersos e miseraveis entre os inimigos por infelicidade da última guerra: que nestas pasmosas e quasi invenciveis emprezas gastara o grande cabedal que possuia não tendo hoje mais que a grande esperanza de que o Augusto Coração de V. Mag.<sup>de</sup> o honre e o alimente não só para premio dos serviços proprios que era o menos, mas para que outros vassallos de igual constancia se animem a tantos riscos.

«P. a V. Mag.<sup>de</sup> pela sua incomparavel grandeza lhe faça mercê do habito da ordem de Christo, com tença de duzentos mil reis, sem exemplo pela presente suspensão, assim como os ditos serviços o não tem ha muitos annos para que sirva de exemplo aos mais vassallos, condecorando o com esta honra, para a qual se ácha tambem habilitado por ser pessoa de conhecida nobreza protestando servir a V. Mag.<sup>de</sup> com igual honra e constancia nos maiores perigos, a que fôr mandado do serviço de V. Mag.<sup>de</sup>».

Teve consulta favorável do Conselho Ultramarino, em 20 de Outubro de 1781, com a qual se conformou a Rainha em 20 de Agosto de 1781 <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Deve haver engano. Se a Rainha se conformou com a consulta que foi em 20 de Outubro de 1781, não podia datá-la em 20 de Agosto, isto é, dois meses antes da mesma consulta.



Pois apesar da consulta favorável do Conselho Ultramarino e da Rainha se conformar com ella, não lhe foi passada a carta do Hábito de Cristo!!!

Em 1794 (julho?) António da Silveira Peixoto, capitão agregado à Legião de Voluntários Reais da Capitania de São Paulo, requereu licença para outra vez vir à côrte «afim de tratar de varias dependencias». Não sabemos se chegou a realizar êste propósito.

É certo porém que em 13 de Maio de 1801 o Capitão General de São Paulo, António Manuel de Melo Castro e Mendonça propôs ao Príncipe Regente «para Sargento-Mór reformado com o soldo de Capitão de Cav.<sup>a</sup> que actualmente recebe, o Capitão Antonio da Silveira Peixoto. Este Official sendo Cap.<sup>m</sup> de Milicias, passou para Capitão de Aventureiros, e foi ás expedições do Sertão no anno de 1767 (aliás 1769), onde sendo aprisionado pelos Hespanhoes e mettido em prisões, mereceu depois, em contemplação aos seus serviços, ser agregado á Legiam de Voluntarios Reaes, sem que as molestias adquiridas pelos annos e máo tratamento da prizão lhe permitissem passar a effectivo; e porque não se acha em estado de continuar no Real Serviço de Vossa Alteza Real, em que conta de 30 a 35 annos; e pede a sua reforma, o proponho para ella, na forma das leis».

Esta proposta não teve effeito, porque vivendo ainda em 1807, o Conselho Ultramarino <sup>1</sup> deu esta consulta: «Satisfaz-se ao que V. A. R.

---

<sup>1</sup> No arquivo dêste extinto Conselho, existem os seguintes documentos, cujas cópias devo à amabilidade do sr. dr. Moisés Marcondes:

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Diz Antonio da Silveira Peixoto, Capitam Agregado á Brigada de Cavalaria da Legião dos Voluntarios Reais desta Cidade e Capitania de S. Paulo, que dignando-se V. Ex.<sup>a</sup> na conformidade do Decreto de Sua Alteza Real de 20 de Outubro de 1790, abolir as Comissões feitas pello Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Antecessor de V. Ex.<sup>a</sup>, de maneira que cada hum service no hultimo Posto, em que estivece Confirmado, tudo na conformidade das ordens de S. A. R., donde rezoltou em consequencia da sobredita ordem o Suplicante verce na urjencia de pôr na Respeitavel Presença de V. Ex.<sup>a</sup>, o seguinte. 1.<sup>o</sup> Que o Suplicante se acha impossibilitado para continuar o Real Serviso com aquele mesmo ardor, Zello, Constancia e actevidade, com que sempre o fês; por se ver sumamente vexado com duas Ernias Aquosas, que lhe prohibem qualquer exseso mais violento, como se prova pelas Atestações incluzas, Sircunstancias, que merecem a atenção de V. Ex.<sup>a</sup> para o despensar do Serviso diario da Praça como se acha dispensado. E igualmente o constituem no direito de pedir a sua reforma; e de lhe ser acordada na forma da Lei de 16 de Dezembro de 1790. 2.<sup>o</sup> Que sendo nomiado Capitam pago de Aventureiros o dia 21 de Setembro de 1769, neste posto, e diligencias pellos Certoens incognitos desta Capitania, e tempo que esteve prisoneiro oito annos em dominios de Espanha como espia, em Ferros, thé que foi promovido por Sua Magestade ao Posto de Capitam de Cavalaria, por

ordena sobre o requerimento de Antonio da Silveira Peixoto, Capitão Agregado ao Regimento de Cavalaria Regular da Cidade de S. Paulo, em que pede ser reformado no posto de Sargento-Mór, com o soldo

---

despacho de 21 de Junho de 1781, mandando a mesma Senhora se lhe pagarem todos os Soldos vencidos, decorrerão thé o dia de hoje 12 de Fevereiro de 803, -33 annos-7 mezes e 20 dias; em cujo prazo fes relevantes Servisos á Coroa, e Estado de Portugal, que forão então presentes a Sua Magestade (sem fructo) adque-rindo ao mesmo tempo as referidas Molestias, que hoje o impossibilitão de continuar o mesmo Real Serviso; por cuja rasão perzume o Suplicante acharce nas circuns-tancias de obter a referida graça da sua Reforma, com o respectivo Soldo, que ora recebe de Capitam com aséo gradual prescrito na dita Lei de 1790; nestes termos: P. a V. Ex.<sup>a</sup> seja servido uzar da sua izemplarissima rectidão, e Justiça, propor o Suplicante a Sua Alteza Real, para que se digne mandalo reformar como supplica a V. Ex.<sup>a</sup> e R. M.<sup>oe</sup> *Antonio da Silveira Peixotto, Capitam*».

«Senhor. Representa a V. Alteza Real, o Capitão de Cavalaria da Legião de Voluntarios Reais da Capitania de S. Paulo, Antonio da Silveira Peixoto, que elle representante tem a distincta honra estar listado debaixo das Bandeiras, e Estandartes de Sua Magestade, desde o dia 21 de Setembro de 1769 no Posto de Capitam de Infantaria e Cavalaria, sem nota, que se contão thé o dia presente 10 de Fevereiro de 1803 -33 annos-7 mezes e 20 dias, exseptuando tres annos e meio que servio efectivamente no Terço de Melicias; porem comtudo não se queixa dos Ex.<sup>mos</sup> Generais que Governarão esta Capitania, por lhe não darem aséo gradual; por quanto he bem certo, que todos lhe oferecerão o que o Representante repugnava por não ter perfeita Saude para se dezempenhar nas suas obrigasoens, como o fes quando a tinha, com a qual se empenhou tanto nas Conquistas e descobrimentos de Sua Magestade, que chegou a ser prizioneiro dos Espanhoes, tratado como Espia Portuguesa, em ferros, com sentinelas a vista em obscuros calaboiços, privado de toda a comonicação e recurso, por mais de oito annos, em que oferecerão ao reprezentante que tomace partido no Serviço de aquelle Soberano, no posto de Tenente Coronel de Dragões, com o Soldo de dozentos mil réis por mes, para comandar as suas Conquistas no Reino do Perú. E porque não quis aseitar (por estimolos de honra) foi posto em mais aperto, afim de o rezolverem. E pello contrario, como o reprezentante tinha credito entre elles, comprou Sentinelas e fes realmente as fonsões de Espia, na occazião da Guerra, que teve Sua Magestade com Espanha nas fronteiras do Sul, annos de 1776 e 77, em que gastou grande soma de dinheiro seu (sem de elle ser pago, nem ter pedido) com os Correios, que mandava ao Vice Rei do Estado do Brazil para tomar (como tomou) as devidas providencias; o qual empenhava o reprezentante da parte de Sua Magestade, que o fizece a miudo (como o fazia) com grande risco de Vida, como se mostra mais largamente nos Documentos, que forão remetidos e emformados pello Ex.<sup>mo</sup> General, que foi desta Capitania Bernardo Jozé de Lorena á Secreteria de Estado do Oltra Mar. Destas confusioens de Espirito rezoltarão as Molestias, que o reprezentante padece, como mostra nos decomentos juntos, que não pode dezempenharse nas suas obrigasões do Real Serviso. E sem ter a fortuna de serem os ditos seus Servisos contemplados; razão por que recorre ao Exemplarissimo e Paternal amparo de Vossa Alteza Real com este pequeno compendio, afim de lembrar os volomozos recursos autenticos, que tem

desta patente em atenção ás molestias que padece, que o impossibilitam de continuar o Real Serviço. Parece (ao Conselho Ultramarino) que o requerimento se faz muito digno de atenção não só por ter ser-

---

remetido á dita Secreteria de Estado sem fructo &. Finalmente, Senhor, o representante tem por muita honra ter alargado os Dominios de V. Alteza Real por aquella parte, por Certoens incognitos thé uquelle tempo, em distancia de 420 Le-goas segundo o seo calculo. Tem gasto o tempo da sua Vida servindo o Estado com a sua pesoa e Fazenda. Tem o seu Patrimonio no Serviço da Coroa. E hultimamente perdida a sua estimavel Saude. Hóje se acha no miseravel estado de Velhice, razão porque: Pede a V. Alteza Real, que por efeito de Sua Real grandeza se digne mandar reformar ao representante com o soldo que ora percebe, conforme a Lei de 16 de Dezembro de 1790, por ter os ditos annos de Serviso (e tão ariscado) e que pella mesma cauza se sirva gratificar-lhe com aquella justa recompença que á Sua Genorizidade e Grandeza for servido, no que R. Merce. *Antonio da Silveira Peixotto, Capitam*».

«Joaquim Jozé de Macedo Leite, Sargento Mór da Brigada de Cavalaria da Legiam de Voluntarios Reais desta Cidade (*S. Paulo*) por Sua Alteza Real a que Deus Guarde e Comandante da dita Legiam, &.

Attesto que o Capitam Antonio da Silveira Peixoto foi reformado no Posto de Sargento Mór por Comição em Promoção do dia 18 de Agosto de 1801 pelo Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sñr. Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, Governador e Capitam General que então era desta Capitania: e que por cauza das Molestias que padece já antes da sua reforma, se achava dispençado das obrigaçõens. E por ser verdade o referido, e me ser mandado por Despacho de 31 de Janeiro do corrente anno do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sñr. Antonio José de Franca e Horta Governador e Capitam General desta Capitania fiz passar a prezente que vai por mim assignada e sellada. *Joaquim Jozé de Macedo Leite, Sargento Mór Commandante*».

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sñr. Diz o Capitam Antonio da Silveira Peixotto que elle Suplicante padesse de hũa grave molestia de ourinas, e outras que são manifestas, por cuja cauza foi dispençado do Serviço diario á mais de 3 annos, e porque precisa justificarse na respeitavel presença de V. Ex.<sup>a</sup> por iço Pede a V. Ex.<sup>a</sup> Seja Servido mandar que o Doutor Fyzico, ou outro qual quer proffeçor ateste a verdade do Suplicante no que R. Merce.

*No alto da folha está o seguinte despacho:* O Dr. Fyzico Mór desta Cappitania informe do Estado de molestia do Supplicante, para lhe differir conforme for justiça. S. Paulo 30 de Janeiro de 1803. *Com a rubrica do General*».

«Eu abaixo assignado, Bacharel Formado em Philosophia e Medicina pela Universidade de Coimbra, e Physico Mór desta Capitania; Certifico que o Capitam Antonio da Silveira Peixoto, alem de duas herneas aquosas, que padece, e lesão no Canal da Urethra, que lhe cauza continuadas retensoens de ourina, tem de mais a mais falta de movimento na articulação de alguns dedos não só na mão esquerda, como na direita, sendo tambem pela idade valetudinario: o que levo dito he verdade, e sendo necessario affirmo de baixo do juramento do meu grau. Sam Paulo 30 de Janeiro de 1803. *Marianno Jozé do Amaral*».

vido mais de 40 annos, com bom prestimo, mas tambem pelos incomodos que padeceu na prisão de Buenos Aires por tempo de 8 annos, com grave detrimento da sua saude e bens, acrescendo as molestias que o impossibilitão á continuação do serviço activo, favorecendo-o egualmente o Alvará de 16 de Dezembro de 1799. Lisboa 15 de Abril de 1807».

Sôbre esta consulta recaiú êste despacho do Príncipe Regente: «S. A. R. — Conformando-se com o parecer do Conselho: Hei por bem reformar o Supplicante no Posto de Sargento Mór com o soldo por inteiro desta Patente. Palacio de Mafra, 6 de Maio de 1807 — Com a Rúbrica do Príncipe Regente».



Santa Catarina de Castello Branco da Ilha do Faial.

Tinha então 70 annos, como se vê dêste documento, pois nascera em 15 de Fevereiro de 1737.

Ora na sua paróquia natal não são raros os casos de longevidade. No jornal *O Açoriano*, que se publicava na cidade da Horta, Ilha do Faial, no seu n.º 26 de 1 de fevereiro de 1885, lemos que «a freguezia de Castello Branco é uma das mais salubres do Fayal. A vida ali é mais longa do que em qualquer ponto da ilha. Prova-se isto bem com os seguintes dados: No recenseamento eleitoral apparecem n'aquella freguezia 437 eleitores, dos quaes 137 são velhos de mais de 60 annos. Dos 60 annos aos 70, ha 64 individuos; dos 70 aos 80, 49; dos 80 aos 90, 17; e alem d'isso existem 5 individuos de 91 annos, 2 de 92, 1 de 93 e 1 de 98... Não se encontra esta longevidade em nenhuma outra freguezia».



Singularmente grande é esta figura de António da Silveira Peixôto, calcada nos moldes dos heróis, cujos feitos esmaltam a história de

Portugal. Abandonando os seus grandes haveres ei-lo a caminho do sertão, à frente de 100 homens, e onde arrasta perigos sem conta: umas vezes os elementos enfurecidos, outras a hostilidade de tribus selvagens e bárbaras e ainda em luta com as feras.

É verdadeiramente épica a façanha de, logo que avançou sessenta léguas, deixar o grôso das fôrças que comandava e seguir ávante apenas com um alferes, dôze soldados e dois escravos, diminutos elementos para conquistar, como de facto conquistou, em trêse mêses, quatrocentas e vinte léguas de terreno que, por êste título, se declarou ficarem pertencendo à corôa portugueza no tratado de paz que posteriormente se celebrou com a Espanha, sem com isto o erário público gastar um só rial, «porque matava e comia as mesmas feras de que se devia refujiar».

Incomunicável numa estreita prisão, carregado de ferros, «por mais de 8 annos», conseguiu subornar as sentinelas, para mandar vir de sua casa bastante dinheiro e assim poder avisar os governadores e generais portuguezes dos planos dos espanhois, governadores e generais que não empregavam o menor esôrço por o libertarem do cativeiro!

Feita a paz, é ainda com o resto do seu dinheiro e crédito que conduz por terra, na larga marcha de cento e oitenta léguas, a 134 portuguezes, das guarnições da Colônia do Sacramento e de Santa Catarina, que se encontravam prisioneiros.

E ao homem que assim procedeu, ao patriota que tudo sacrificara: fortuna, saúde e vida, nem ao menos se pagavam os seus sôldos, sob o pretexto de falta de dinheiro, nem a venera da Ordem de Cristo pendeu ao peito de tão grande portuguez.

E poudo êle, sem o auxilio pecuniário do Estado, executar a grandiosa emprêsa de conquistar um imenso território com o qual acrescentava na América os domínios da sua pátria!

Vindo a Lisboa, obteve uma audiêcia da soberana, a Rainha Dona Maria I, que o mandou continuar no mesmo pôsto de capitão! Com razão exclama: «que se não podia esperar mais de um vassalo, do que ele tem feito».



Honrar-se-ia a Ilha do Faial prestando qualquer homenagem a António da Silveira Peixôto, que ali nasceu, e donde também fôram seus pais, avós e bisavós.

É uma glória e das mais puras, da pequena Ilha.

Patriotismo, abnegação até o sacrificio e coragem sem limites, tais são os títulos que recomendam à posteridade e à gratidão nacional o

conquistador de Tibají que teve lances de herói, constância de estóico e resignação de mártir.

¿Em que ano faleceu?

Ignoro-o por agora. Apenas sei que em 30 de Janeiro de 1803 o Doutor-Físico (assim se chamava aos médicos), atestando como se viu, que além de duas hernias aquosas e lesão no canal da uretra, que lhe causava continuada retenção nas urinas, tinha falta de movimento na articulação de alguns dedos em ambas as mãos, sendo também pela idade valetudinário, não era provável que ainda se dilatasse por largo tempo aquela vida tão cheia de trabalhos que foram glórias mas também ruínas, decepções e desgostos, frutos da ingratidão oficial.

¿Ainda estaria vivo em Maio de 1807, quando obteve a reforma no posto de Sargento Mór?

## DOCUMENTOS E NOTAS

### I

#### «Investigação histórica

Escreve-nos de Portugal o sr. António Ferreira de Serpa, homem de letras e consul geral da Republica Centro-Americana de Guatemala em Lisboa, interessante carta em que solicita que o auxiliemos nas investigações seguintes:

«António da Silveira Peixôto, capitão de cavalaria agregado à legião de voluntários reais da capitania de S. Paulo antes de 1781, natural da Ilha do Faial, Açôres, filho de Manuel de Ávila Peixôto e de D. Margarida Josefa, neto, pela parte parte, do capitão Jorge Gularte da Silveira e de sua esposa D. Maria de Faria, e pela materna do alferes Lourenço Pereira e de D. Maria de Béthencourt, teve em S. Paulo opulenta casa.

Elle armou à sua custa uma expedição e internou-se nos vastíssimos sertões de Tibají, conquistando assim em trêse mezes 420 léguas de terras que por êste título se declara ficarem pertencendo aos domínios portuguezes, no ultimo tratado de limites com a corôa de Espanha.

Avançou tanto que chegou ao território espanhol; aí foi aprisionado e levado para Buenos-Aires, onde esteve oito annos prêso, até se concluir a paz com a Espanha; sôlto então, teve como prémio de seus serviços a carta de brasão de armas passada a 3 de Agôsto de 1781.

Creio que a conquista de Tibají seria entre 1770 e 71, provavelmente nesta última data.

O que consta de António da Silveira Peixôto nos arquivos públicos de S. Paulo? Sabe-se que êle ainda vivia em 1794.

Nos registros militares estará a sua certidão de idade ou o termo de assento de praça como soldado ou alferes?

Haverá descendentes de Silveira Peixôto em S. Paulo? — Encontrar-se-á o seu retrato? — O nome Sibaji ou Tibají está correcto?

Para obter a carta do brasão de armas justificou a sua nobresa: onde pára esta justificação?

No arquivo da Municipalidade de São Paulo encontrar-se-á algum esclarecimento? — pois trata-se de assunto pertencente à antiga capitania de S. Paulo.

António da Silveira Peixôto seria casado? e com quem?

Como se vê, o assunto é inteiramente histórico e não pode deixar de merecer interêsse em S. Paulo, mas importa, também, um grande trabalho de investigação; necessito dos dados mais completos que puder conseguir — porque tenho empreendido escrever a biografia dêste notável faialense.

— Ainda lhe posso dar um esclarecimento: António da Silveira Peixôto teve a patente de capitão de ordenanças, passada pelo governador da capitania de S. Paulo em 12 de Janeiro de 1770; portanto, acredito que nos arquivos daí existam documentos a êle relativos, anteriores a 1770 e a terminar em 1790 e tantos.

Tudo o que se puder apurar neste sentido será muito bem recebido pelo escritor sr. Antonio F. de Serpa.

\*  
\*   \*  
\*

Publicando estes dados tivemos em vista despertar o interesse dos estudiosos de nossas antiguidades nacionaes, desejando deste modo corresponder á expontanea delicadeza do digno cavalheiro portuguez.

No archivo do Estado, repartição de elevado valor historico, dirigida pelo sr. dr. Adolpho B. de Abreu Sampaio, competente continuador da applicação e do zelo do fallecido sr. dr. Antonio de Piza, e talvez que no archivo da Camara Municipal, existam alguns documentos sobre a individualidade de Antonio da Silveira Peixoto e que possam, *data venia*, ser publicados.

Esperamos que alguns dos investigadores do S. Paulo historico desejem attender ao appello que consta dos dizeres da carta que acima transcrevemos, pois será mais uma contribuição para o conhecimento do passado paulistano. — *Leopoldo de Freitas* <sup>1</sup>.

«Por este *Diario* de ante-hontem, o laborioso e illustrado homem de letras sr. dr. Leopoldo de Freitas deu conhecimento da carta endereçada pelo sr. Antonio Ferreira de Serpa, de Lisboa, solicitando noticias da vida de Antonio da Silveira Peixoto, chefe de uma das muitas expedições exploradoras, em meios do seculo XVIII, que entraram os então chamados «Sertões de Tibagy» (e não — *Sibaji* — como escreve o missivista), consideravel e opulenta zona da parte occidental do actual Estado do Paraná, ladeada pelos rios Paranapanema e Iguassú e extremada ao fundo pelo rio Paraná.

Eis o que de prompto me occorre da rapida leitura dos documentos interessantes áquella expedição de extranha actividade, na administração da capitania de S. Paulo, quando governou o Morgado de Matheus, d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão (1765-1775).

No afan de descortinar as «espaçosas matas do Tibagy», de cujas riquezas mineiras corriam noticias, e das mais incitadoras, o Morgado de Matheus organisou varias expedições armadas, com a mira de devassar aquelles sertões. Assim, as ex-

<sup>1</sup> *Diário Popular*, de S. Paulo (Brasil), n.º 8204, ano XXVI, de 23 de Abril de 1910.

pedições partidas sob o commando do tenente Domingos Lopes Cascaes, a 5 de Dezembro de 1768; do capitão de Auxiliares, Estevam Ribeiro Baião, a 20 de Junho de 1769; do capitão de Auxiliares, Francisco Nunes, a 12 de Agosto do mesmo anno, seguida, dezeseis dias depois, pela de Bruno da Costa Filgueiras, que, passando do rio Putinga ou Pitinga para o do Registro (Iguassú), foi ter aos campos de Apotribu (Patribú), donde regressou temendo, se proseguisse na jornada, varar pelas Missões Castelhanas. Em seguida desta, e por escolha do tenente coronel Affonso Botelho de São Payo e Souza, se aprestou a expedição de cujo commando foi investido o capitão Antonio da Silveira Peixoto, alferes de Auxiliares da villa de Paranaguá.

Antonio da Silveira Peixoto, que o sr. Ferreira de Serpa dá por nascido na ilha do Fayal e filho de Manoel d'Avila Peixoto e de sua mulher Margarida Josepha, é por Azevedo Marques, em seus *Apontamentos Historicos*, levado á conta de natural de Paranaguá, e dentre os mais destemidos sertanistas paulistas. De positivo, porém, sabe-se que Silveira Peixoto, ao emprender a expedição tão desastrosamente rematada, era negociante, de largos haveres, havia annos, em Paranaguá, «estabelecido com huma loja de Fazendas das melhores da Terra», nos termos da carta, em 15 de Novembro de 1770, dirigida ao Conde de Oeyras pelo Morgado de Matheus. Se teve familia, se deixou descendentes, nada se colheu.

Abandonando os seus interesses commerciaes e, no dizer da alludida carta, «abraçando o Real Serviço com valor e constancia», Silveira Peixoto foi a capitanear a nova expedição. «Tive ordem, relata na carta escripta a 16 de Abril de 1770, das prisões de Buenos Aires, para entrar pelo Rio Grande de Registro de Curitiba com cem homens e marchar por agua ou por terra thê achar a Barra que faz com o Paraná e na dita fazer uma Povoação para por meyo desta reduzir á Santa Fé Catholica os Indios infieis que nos ditos certos existem, e descobrir os haveres que nelles se prometem, etc.»<sup>1</sup>.

«A expedição confiada a Antonio da Silveira Peixoto se compunha de duas esquadras, levando com: o seu pessoal 85 praças. Partiram ambas do porto do rio Pitinga ou Upetinga, affluente da margem esquerda do rio do Registro (Iguassú); uma a 17 de Novembro de 1769, sob o commando immediato de Silveira Peixoto, e composta de sete canoas; outra, aparelhada de nove canoas, no dia 28 do mesmo mez, e dirigida pelo tenente de Auxiliares de Paranaguá Manoel Telles Bittencourt.

Desta viagem deixou Silveira Peixoto dois roteiros minuciosos a contar de 18 de Dezembro daquelle anno até 1770, rio Iguassú abaixo; enviadas as ultimas noticias, do porto que denominou de *Nossa Senhora da Luz*, barra ou do rio Chopim, ou do rio S. Antonio Guassú, que, por equivoco cuidou ser o rio Marombas ou Canoas. Partiu do Porto das Almas, barra do Pitinga, chegando horas depois ao Porto do Salto, onde lançou os primeiros fundamentos de uma povoação, a que deu o nome de *Nossa Senhora da Victoria* (hoje União ou União da Victoria); e depois de cerca de dous mezes de afadigada travessia, foi sahir no rio Paraná pela embocadura do Iguassú.

«Tendo lidado hum anno, escrevia o Morgado de Matheus a 13 de Novembro de 1770, com as grandissimas difficuldades do dito rio (Iguassú), abriu caminho franco por espaço de 400 léguas enthé a sua barra (no Paraná) onde se acha ainda vivo, mas cortado dos trabalhos e achaques. Os dous tenentes Bruno da Costa e Manoel Felix Bittencourt, que o acompanharam na sua viagem, morreram de des-

<sup>1</sup> *Diário Popular*, de S. Paulo (Brasil), n.º 8205, anno XXVI, de 25 de Abril de 1910.



graças nas caxoeiras, ajudando a vencer as dificuldades desta empresa». E concluia por pedir a el-rei de Portugal, «para o capitão Silveira, que se acha vivo, o soldo por toda a vida, com a mercê de hábito, pago tudo pela Real Fazenda».

Ao tempo dessa carta, endereçada de S. Paulo ao conde de Oeyras, ao depois Marquez de Pombal, havia já cahido prisioneiro dos hespanhoes do Paraguay, o mallogrado Silveira Peixoto, que, não conhecendo as paragens em que se encontrou nas cercanias da barra do rio Iguassú, e já em pleno rio Paraná, deu «com tres botes e varias canôas com cem homens Espanhoes e Indios, com huma ordem do Governador para .. lhe fazer entrega dos Indios e tudo o mais e que (se) retirasse das terras do seu commando». Foi isto, relata o mesmo Silveira, «grande novidade por me parecer andava no rio do Registo (Iguassú), e vendo que estava no Paraná, não puz a menor duvida .. e voltei. «Mas, de regresso, foi preso, levado em o dia 20 Outubro de 1770 á presença do Governador da provincia, que lhe poz dous pares de grilhões aos pés, tratamento igualmente dispensado ao alferes Antonio da Costa que o acompanhava; «fez-se senhor de todas armas que trazia, polvora, balla, fóra muitas canôas, dous escravos, e o resto da fazenda destinada aos indios». Assim agrilhado, Silveira foi remettido, com os demais prisioneiros, para as Missões, onde permaneceu quarenta dias, sendo afinal embarcado para Buenos Ayres, alli chegando no dia 20 de Dezembro de 1770.

Durante o seu duro captivo, veio a fallecer o alferes Antonio da Costa, a 22 de Março de 1771. Silveira Peixoto, entregue aos maus tratos de um *carcere duro*, embalde reclamou, por carta de 16 de Abril, ao governador da colonia do Sacramento, pelo relaxamento da prisão ou seu resgate. É certo que nesse proposito escreveu ao marquez de Pombal o governador da capitania de S. Paulo; mas, nessa missiva, não se desconhecendo aliás o valor e os serviços que ao commetter a arriscada empresa prestára Silveira Peixoto, o Morgado de Matheus confessa que se absteve «de toda a diligencia» e noticia ter escripto ao Vice-Rei, em Buenos Aires, «para que sendo servido... estabelecesse a negociação da sua liberdade, desculpando o melhor que pudesse as causas e os motivos que concorreram neste particular».

Silveira Peixoto conseguiu libertar-se da prisão cêrca de quatro annos depois, em 1774, data em que se recolheu a Paranaguá, arruinado em seus haveres e em sua saúde. Vivia ainda no anno de 1801.

Propondo, em officio de 13 de Maio desse anno, a promoção de officiaes em tempo de guerra, informou o governador da capitania de S. Paulo, Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, pedindo a reforma de Silveira Peixoto:

«Para sargento-mór reformado com soldo de capitão de cavallaria que actualmente recebe, o capitão aggregado á cavallaria Antonio da Silveira Peixoto. Este official, sendo capitão de Milicias, passou para capitão de Aventureiros, e foi ás expedições do Sertão no anno de 1769, onde, sendo aprisionado pelos Hespanhoes, e mettido em prisão, mereceu depois, em contemplação aos seus serviços, ser aggregado á Legiam de Voluntarios Reaes, sem que as molestias adquiridas pelos annos é maus tratamentos de prisão lhe permittissem passar a effectivo; e porque não se acha em estado de continuar no Real Serviço de Vossa Alteza Real, em que conta 30 a 35 annos... pede a sua reforma».

Depois dessa data, nada mais consta.

S. Paulo, 1910. — *Brasilio Machado*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> *Diário Popular*, de S. Paulo (Brasil), n.º 8206, ano XXVI, de 26 de Abril de 1910.

«Á illustre redacção do *Diario* agradeço a publicidade do artigo *Investigação historica* e que motivou a amplissima exposição de um bello trecho do nosso passado colonial pela erudita penna do sr. dr. Brazilio Machado, eminente cathedratico da Faculdade de Direito.

Ao sr. consul Ferreira de Serpa nenhuma declaração sobre o seu questionario ácerca do bandeirante Antonio da Silveira Peixoto poderia ser mais agradável do que esta que illustrou as columnas do *Diario Popular*.

Com a autoridade scientifica e literaria que possui o eloquente e culto sr. dr. Brazilio Machado, tivemos todos a satisfação de vêr esclarecido um ponto curioso de nossa historia de aventuras e desbravamento do sertão.

É uma lição de historia doutamente explicada e que aprouve ao illustrado sr. dr. Brazilio Machado facultar-nos gentilmente.

Mantendo com tanto brilho a tradição de cultura, na sciencia e na investigação dos assumptos historicos em que se distinguio o seu notavel progenitor brigadeiro Machado de Oliveira, o nosso preclaro Mestre e apreciado contemporaneo honrou-nos sobremodo com a elucidação do questionario que o sr. Ferreira de Serpa teve lembrança de nos enviar de Lisboa.

Para orgulho das letras paulistas e confirmação do merecimento dos nossos estudiosos coube ao erudito cathedratico da Faculdade de S. Paulo emittir sua autorisada opinião ácerca das expedições que em passados tempos destemidos sertanistas souberam emprenher.

Este episodio da entrada pelo sertão de Tibagy realisado pelo capitão Silveira Peixoto — è um dos muitos que jazia em olvido e que os conhecimentos de uma intelligencia superior e preparada como é a do sr. dr. Brazilio Machado, vieram collocar em plena irradiação da publicidade.

Agradecendo-vos, renovo pelo gracioso intermedio do *Diario* ao prezado Mestre os meus antigos testemunhos de muito apreço e veneração.—S. C., IV-910.—*Leopoldo de Freitas*<sup>1</sup>.

## II

¿O Padre Cura António de Ávila Béthencourt Peixôto, tio de António da Silveira Peixôto, seria irmão da avó paterna dêste Dona Maria de Béthencourt?

Supomos que sim e neste caso o Padre também era irmão de Dona Vitória Maria Peixôto da Silveira e todos três filhos de Manuel de Ávila Peixôto e de Beatriz da Conceição, netos de Francisco de Utra de Faria e de Catarina de Ávila, bisnetos de Francisco da Silveira Béthencourt Peixôto e de Catarina de Ávila, trisnetos de Manuel de Brum Peixôto e de Catarina de Ávila Pereira, 4.º netos de António da Silveira de Brum e de Beatriz Evangelho, 5.º neto de João da Silveira e de Catarina de Brum.

João da Silveira era filho do flamengo José da Terra (Josse van Aard ou Aertrijcke) e de Margarida da Silveira, filha de outro flamengo, Guilherme da Silveira (Willem van der Haghe) e de sua mulher Margarida de Sabio.

Catarina de Brum era filha do flamengo Guilherme de Brum (Willelm van Bruyn) e de D. Violante Vás Ferreira Pimentel, natural da Ilha da Madeira, da família dos Drummond, de ascendência rial (de Escócia).

<sup>1</sup> *Diário Popular*, de S. Paulo (Brasil), n.º 8207, ano XXVI, de 27 de Abril de 1910.

III

«O bandeirante é como que a reprodução histórica do tipo do aventureiro grego que buscava escravos e ia à conquista do Tosão de Ouro.

As pedras e os metais preciosos serviram, é evidente, de ímã para atrair os exploradores às regiões ignoradas e uma vez ali, arriscaram-se a subir aos pontos menos acessíveis.

Estes pioneiros do deserto, estes descobridores de um mundo novo, sucediam-se uns após outros, obscuros artífices de uma grande nação sem que a fortuna e a fama fizessem brilhar os seus nomes, como acontecia a respeito dos combatentes do litoral.

Estas explorações são, em suma, o registo do povoamento do país, o tecido da história social.

Tais explorações provocavam lutas: luta contra os selvagens, que se viam perseguidos até nas próprias choças e luta contra os elementos, contra a natureza, que não era a menor.

Imagine-se quanta coragem e intrepidez não seriam necessarias para, afastando-se dos logares habitados, trepar a montanhas de vegetação emaranhada e densa, expor-se a naufrágios em rios caudalosos e cheios de escolhos, defender-se das onças e tigres, das mordeduras das serpentes e insectos, das flechas dos índios, sem nenhum dos recursos modernos, sem roupas para mudar, quasi sem armas e sem provisões com a certeza de encontrar gente feroz e intratável e na dúvida de achar a riqueza ambicionada.

Indemnizavam-se, é certo, cativando os índios, aos milhares e trazendo-os para a costa afim de os fazer trabalhar nas plantações.

Era o chamado *resgate*, que pretendiam justificar, alegando que esses índios, quando prisioneiros das tribus inimigas seriam imolados nos festins do canibalismo.

E de facto a sociologia diz-nos que a escravidão é um progresso sobre o sacrificio humano.

As mais antigas viagens no interior do Brasil chamam-se *entradas*, que quando se transformaram em expedições mais numerosas e menos desorganizadas tomaram o nome de *bandeiras*.

Supúnha-se e a maior parte das vezes assim acontecia que os aventureiros se constituíam em bandos (bandeiras), se arregimentavam sob a insígnia de um chefe a quem prestavam obediência e que se lhes impunha pela bravura, pela força ou pela experiência.

Iam todos ao acaso, adultos, velhos e crianças, pessoas de ambos os sexos e todas as classes, levando consigo animais domésticos que lhes serviam, uns de transporte e outros de alimento, e iam resignados a não mais tornar a ver o mar sobre que repousavam os seus olhos; dispostos a suportar todos os sofrimentos; orientando-se pela bússola e pelas constelações; recolhendo ávidamente todas as lendas e os menores indícios; acampando, quando a caça lhes faltava, para plantar milho; abatendo os gigantes das florestas e construindo com o tronco ou a casca das árvores canoas para navegar; cometendo as piores crueldades para com os índios, se estes não se juntassem ao seu bando, emfim eliminando-se eles próprios

uns aos outros por pérfidos assassinatos que não tinham outra origem senão a ambição e a vingança.

A geografia porêem indicou a direcção do movimento de expansão brasileira. Por uma curiosa anomalia os cursos de água da região de S. Paulo ao Paraná correm do litoral para o interior como se fossem predistinaados a conduzir ali os aventureiros.

Os Jesuítas obtiveram, por várias vezes, a condenação, pelos Reis, das expedições muito freqüentes, contra a liberdade dos indígenas e cujos resultados indirectos tinham sido a descoberta e a occupação de novos territórios a acrescentar aos que já formavam o Brasil, um Brasil mui pouco semelhante em extensão ao que deveria ter sido, sôbre a fé dos tratados.

O século xvii principalmente é o século dos grandes e contínuos conflitos entre missionários e *bandeirantes*, que não recuavam (estes últimos) diante de nenhum obstáculo, para afastar os defensores dos índios, empregando as maiores violências e chegando até à rebelião contra as autoridades civis<sup>1</sup>.

#### IV

O *Diário de Noticias*, de Lisboa, de 25 de Julho de 1914 dedica o seu editorial aos *escoteiros*, palavra que diz ser sinonímica de *aviado* e de *bandeirante* e refere-se ao major americano Sidney Peixôto, que foi director das excursões *boys-scouts* pertencentes ao *Columbia Park Club*, de S. Francisco da Califórnia.

Por se tratar de *bandeirantes* e de um *Peixôto*, o que é uma curiosa coincidência, reproduz-se o mencionado artigo:

#### «Escoteiros

Preparam-se os escoteiros de Portugal para breve visitar a Inglaterra. Rapazes novos, cheios de brio, quase no alvorecer da vida, tendo por objectivo uma missão altamente patriótica, hão de saber honrar o seu nome e a nação a que pertencem. Esta é a retribuição da efectuada ha tempos pelos *boys-scouts* d'aquelle país. Exultamos com esta troca de visitas. A mocidade é a melhor e a mais entusiastica das embaixatrizes. Nenhum diplomata, por mais experimentado, astuto e talentoso que seja, consegue melhor estreitar relações entre dois povos. A juventude portuguesa tomou uma sensata e proficua resolução. Não nos cansaremos de a aplaudir.

O *escoteiro* e o *aviado* são duas designações inolvidaveis na incomensuravel obra da nossa civilização africana e americana, tão grande, tão gloriosa, tão activa, falando tanto por si, que a Historia justa e imparcial nunca poderá conceder a primazia a nenhuma outra nacionalidade. Antes de se aporuguesar o vocabulo francês «*pionnier*», de que os exploradores britannicos tanto se teem aproveitado, o *aviado* de Angola e o *escoteiro* de Moçambique, de Goiás, de Minas, de Pernambuco, percorriam os invios sertões, da costa á contra costa, atravessavam selvas inhospitas, cortadas de rios caudalosos, semeadas de paúes mortiferos, galgavam serras alcançtiladas, caçavam feras bravias, dominavam, evangelizavam, abriam mercados no seio de tribus barbaras, guerreiras, ferozes, antropófagas.

Foram os *escoteiros* e os *aviados* que ensinaram aos indígenas de todas as la-

<sup>1</sup> Oliveira Lima, *Formation Historique de la Nationalité Brésilienne*, págs. 67-77.

titudes a respeitar o portador desarmado de uma carta atravessada n'uma cana. Ainda hoje, não obstante todos os percalços determinados pelas extorsões e violencias, ninguém impede a marcha ou toca num emissario amigo ou inimigo, cruze ou não territorio no goso pleno da paz ou convulsionado pelas tormentas da guerra.

*Escoteiros, aviados e bandeirantes*, foram os primeiros exploradores, os primeiros negociantes, os primeiros missionarios, os primeiros soldados da nossa prodigiosa cruzada dos seculos xv ao xix no continente de Africa e nas brenhas tão opulentas e florescentes do Brasil. Foram eles os arautos da epopeia assombrosa que escrevemos no Ultramar, mais com a palavra, com a persuasão, com o exemplo, com a benevolencia, que com a ponta da espada ou com a boca dos bacamartes. Foram eles os primeiros a tomar contacto com os sertanejos, a quebrar-lhes os arrancos iniciais da natural hostilidade, a amaciar-lhes os impetos da inata fereza, a abalar-lhes as manifestações da cega desconfiança, a afugentar-lhes as trevas da secular ignorancia, a incutir-lhes as noções rudimentares da civilisação que em si continham. Por muito longe que qualquer viajante estrangeiro tenha penetrado no amago da Africa, da America ou da Asia, ali encontrou sempre vestigio de ter sido precedido por um dos nossos, sacerdote ou leigo, militar ou civil, ilustrado ou rude. O titulo de *escoteiro* ou *aviado* vale a mais nobiliarquica mercê que comemore uma acção de estrondo.

\*  
\*   \*  
\*

Quando rebentou a guerra anglo-boer, em 1899, o coronel inglês Baden-Powel comandava a força britanica que guarnecia Mafeking. Esta povoação, hoje uma cidade, era, por assim dizer, a capital dos Barolong, tribu dos bechuanas, da Africa do Sul. Foi de Pitsani Potlugo ou Potlogo, vinte e quatro milhas ao norte de Mafeking, que o dr. Jameson partiu, a 29 de dezembro de 1895, para o seu celebre *raid* no Transwaal. Declarada a guerra, Mafeking foi imediatamente investida por diversos *comandos* boers. O coronel Baden-Powel manteve-se ali intrepidamente durante duzentos e dezeseite dias. Uma coluna enviada em seu socorro libertou-o do apertado assedio. A valentia e pertinacia da defeza despertou viva simpatia em Inglaterra. Quando se soube ali da libertação houve ruidosos festejos. Surgiu então um novo vocabulo *mafficking*, para definir o procedimento da multidão em momentos de extravagantes demonstrações de origem patriotica.

Baden-Powel compreendeu todas as vantagens que havia em aproveitar na guerra moderna um serviço de exploração rigoroso, e que alta conveniencia ressaltava de educar a juventude na pratica de exercicios campezinis. D'ahi nasceram os *boys-scouts*, a quem esse general britanico tem dedicado uma boa parte da sua vida, escrevendo livros e realisando em todos os sentidos uma propaganda tão activa que poucos são os países que não contam muitas associações d'esse genero. A organisação começou em 1908 e já em 1910, em Inglaterra, se tinham alistado alguns centos de milhares de rapazes com ramificações importantes por toda a parte.

A palavra inglesa *scout*, do francês antigo *escoutes*, moderno *écouter* e do latim *auscultare*, significa, como é sabido, ouvir. Aplica-se ao soldado que observa o inimigo e traz a respeito do seu numero, movimentos, designios, a maior soma de informações. O almirantado inglês applicou o termo a uma classe particular de cruzadores de grande velocidade, incumbidos de serviço identico ao das nossas antigas *mexeriqueiras*.

Lembram-se os leitores de que entre nós se apresentaram diversos alvitres para

denominar com uma palavra bem portuguesa na essencia e na intenção o novel organismo. Foi escolhido o nome *escoteiro*. É preciso, historico, genuinamente nacional e evocativo das nossas mais lidimas glorias e prestantes serviços.

\*  
\*   \*  
\*

Ha pouco tempo visitaram a Europa uns cincoenta norte-americanos pertencentes ao *Columbia Park Boy's Club*, de S. Francisco da California. Esses rapazes, interessantes todos, contavam de onze a dezoito anos. Empreenderam a viagem sob a direcção do major Sidney Peixoto, a ajuizar pelo nome, de origem portuguesa, e dispõem-se a dar a volta ao mundo. A larga jornada iniciou-se sem um centavo na algibeira. Calculam, e teem-no conseguido até agora, prover ás suas necessidades quotidianas dando concertos e espectaculos gymnasticos.

O grupo desembarcou em Liverpool e dirigiu-se imediatamente para Londres. Esse grupo é conhecido nos Estados Unidos *boys* 100 %. São escolhidos entre os melhores membros do club. O seu director obteve com eles o rendimento maximo do esforço. O programa de educação fisica e moral que lhes foi applicado é dividido em cinco capitulos, a cada um dos quais se atribue um coeficiente de vinte por cento a saber: estudos, desenvolvimento moral, aptidões musicais, aptidões atleticas e cultura fisica.

O *Columbia Park Boy's Club* foi fundado pelo major Sidney Peixoto ha cerca de vinte anos, por consequencia antes de principiari a activa propaganda do general inglês Baden-Powel a que atrás nos referimos. São admitidos ricos e pobres sem excepção. Todos aí aprendem em conjunto a «colocar-se em frente dos deveres da vida». Desde a sua criação, o club tem recebido cerca de quatro mil rapazes. O seu efectivo actualmente é de tresentos e vinte membros. O major Sidney Peixoto reivindica para si e para o seu club a honra de serem os precursores do movimento dos *boy-scouts*. Assegura ele que muito antes de nascer esse movimento já os socios se entregavam a todos os exercicios do desporto e da vida ao ar livre, que constituem hoje o programa dos *boy-scouts*. Foi d'essa forma que os rapazes californianos realisaram excursões pedestres extremamente duras, como a de S. Francisco e Los Angeles, isto é, percorrendo uma distancia de oitocentos kilometros e que surpreendeu os mais experimentados caminheiros.

No decorrer da presente viagem, que deve ir muito adeantada, o grupo visitou ou deve visitar Londres, Paris, Roma, a Australia. Desfralda duas bandeiras: uma, a bandeira nacional, as «Stars and Stripes» e outra a privativa do club, azul com franjas de oiro e onde se lê a seguinte inscrição: «S. Francisco. C. P. B. 1915».

Esta data de 1915 é a da inauguração do canal do Panamá. Os norte-americanos ligam uma tal importancia a essa data que por toda a parte por onde vão, e principalmente nos hoteis, depois de escreverem os seus nomes nos registos, adicionam essa data. É por estes e outros meios que eles lançam a grande exposição do Panamá. A febre é tão funda, tão intensa, sacode de tal modo todos os grandes patriotas, que não ha colarinho lavado ou engomado em territorio da União, ou por norte-americanos ou norte-americanas em qualquer país, que não traga essa data impressa no cós.

A iniciativa dos *escoteiros* portugueses vai adeantada. Existem já uns poucos de grupos importantes. Anima o mesmo entusiasmo alistados e instrutores. São os homens de amanhã que se preparam adquirindo a força, a confiança em si, a resolução pronta, o espirito do dever, a cultura intelectual, a energia precisa nos com-

bates da vida em presença da natureza, a alavanca consubstanciada na máxima latina *mens sana in corpore sano*. É necessário preservar n'esse patriótico designio: criar portugueses em Portugal».

## V

## •Notícia da família Béthencourt à qual pertencia António da Silveira Peixôto

É a família de Béthencourt oriunda do Reino de França, onde conserva sua casa e solar na Província de Normandia: dela saíram grandes capitães e principalmente os que conquistaram as Ilhas Canárias, armando para isto navios à sua custa, como foi João de Béthencourt, que ganhou à fôrça de armas algumas destas Ilhas, das quais se fez Rei e Senhor, o qual era descendente da dita casa e irmão de Reinaldo de Béthencourt, herdeiro da mesma, a quem se fizeram algumas doações no tempo que Henrique 6.º de Inglaterra tinha a Cidade de Paris sôbre seu verdadeiro Rei Carlos 7.º, que foi no ano de 1407. E na mesma doação se nomeia o dito João de Béthencourt com o título de Senhor das Canárias.

Era este João de Béthencourt qualificado cavaleiro, com o título de Barão, nome de dignidade eminente; a sua baronia era a de São Martinho, o Galhardo, no condado de Eu, onde havia uma fortaleza, que herdou de sua avó Isabel de São Martinho, cuja casa teve princípio do cavaleiro Gautier de São Martinho, irmão de Guilherme Martel, filhos ambos de Guilherme de Baqueville e da segunda filha de Hersaut, irmão da Duquesa Gunor, que foi mulher de Ricardo 1.º, Duque de Normandia e mãe do Duque Ricardo 2.º, chamado *Sem Pavor*.

Este senhor de Béthencourt era também senhor de Grainville e Tinturière, em Caux, que é uma terra sujeita ao Ducado de Longueville. Foi camareiro (camarista) de El Rei Carlos 6.º e de Filipe, Duque de Borgonha; empenhou as suas terras para a dita conquista das Canárias.

O solar e cabeça desta família é em Bay, a terra de Béthencourt, sita na jurisdição de Caux, viscondado de Neuf, castelo na freguesia de São Sigy e outra sita na mesma jurisdição sendo viscondado de Arquez, pertence ao senhor de Béthencourt, Desembargador do Paço em Rouen?

A antiguidade desta casa é grande, porque já se acha no ano de 1067 um Béthencourt que era gentil homem normando e acompanhava Guilherme, Bastardo, Duque de Normandia, na conquista de Inglaterra, depois se acha memória de um Filipe de Béthencourt, no tempo de Luís VIII, enterrado na Igreja de Sigy, onde se viu por muitas pessoas a sepultura, como também a de outros do mesmo apelido: e como não sabemos a filiação dos tais e só temos notícia da descendência d'este Filipe de Béthencourt, nele daremos princípio à série desta família, que principiamos a descrever pelo modo seguinte:

## § 1.º

1.º Filipe de Béthencourt que viveu em tempo de Luís VIII, Rei de França, e se viu sua sepultura na Igreja de Sigy, foi chamado Cavaleiro e Senhor de Béthencourt e de São Vicente de Rouvay. Casou...

e teve

2.º Reinaldo de Béthencourt que segue

2.º Reinaldo de Béthencourt, filho d'este Filipe de Béthencourt, succedeu na casa e senhorio de seu pai, como se vê de uma escritura latina de 1282. Casou...

e teve

3.º João 1.º de Béthencourt que segue

VOL. V, N.º 3 E 4

3.º João 1.º de Béthencourt, filho de Reinaldo de Béthencourt, como parece, por escritura do ano de 1342. Sucedeu na casa de seus pais e faleceu em Honnefleu (Honfleu) em companhia do Marechal de Chermont, no ano de 1357.

Casou com Isabel de São Martinho (Saint Martin), que depois de viuva, foi mulher de Mateus de Bracamonte (Braquemont), era filha natural do Barão de São Martinho, o Gaillard, condado de Eu

e teve

4.º João 2.º de Béthencourt que segue

4.º N... de Béthencourt, mulher do Senhor Pedro de Neufuille e ao depois do Senhor Estacio de Ermaville, do qual

teve

5.º Filipota de Ermaville, mulher do Senhor de Maurepas

e teve

6.º Uma filha, casada com o Senhor Bouterviller.

4.º N... de Béthencourt, casada com Ange, donde nasceram a Senhora de Espreville, os Senhores de Viparas e Midos e a mulher de Angles.

---

4.º João 2.º de Béthencourt, filho de João 1.º, como parece de outras escrituras do ano de 1358, succedeu na casa e senhorio de Béthencourt. Faleceu na jornada de Cocherd em 1364, em companhia do Senhor Bernardo de Guesclin. Casou no ano de 1358, como parece, pela própria escritura de casamento, feita no viscondado de Longueville, com Maria de Bracamonte (Braquemont), filha do Cavaleiro Senhor de Traversain, como parece da mesma escritura.

Don José de Pillicer, Cronista-Mór de Espanha, escrevendo acerca da família de Bracamont (Braquemont), no memorial de Don Cristóvam Afonso Solis, Adiantado de Yucatan, a fl. 103, dá o nome de Joana a esta Senhora, fazendo-a filha de Mossem Guilherme de Bracamonte (Braquemont), Senhor desta casa e de uma filha natural de João, Senhor de Galbon, em Normandia e lhe dá por irmãos, à dita Dona Joana, Mossem Guilherme, casado com Inês de Hannecourt, irmão de João, Senhor de Hannecourt, em Picardia, dos quais diz ser filho segundo Mossem Robim de Braquemont, Almirante de França e tronco da casa de Braquemont em Castela, dizendo ser primo-irmão de João de Béthencourt, Rei e Conquistador das Canárias, no qual diz êle ceder o direito daquela conquista, por lhe haver feito mercê dela a Rainha Dona Catarina

e teve

5.º João 3.º de Béthencourt, Senhor de Gainville (Grainville), Riville, do Grande Quesnay e Huquelen, de São Martinho, intitulado Rei das Canárias, pela sua conquista, faleceu no ano de 1425, como parece, por muitos autos, ficando herdeiro de seus bens Reinaldo de Béthencourt, seu irmão.

Casou com uma senhora da casa de Fayel em Champagne, como diz esta História<sup>1</sup> e não tiveram filhos.

5.º Reinaldo de Béthencourt que segue

5.º Reinaldo de Béthencourt, filho segundo d'êste João 2.º de Béthencourt, succedeu na casa e senhorio de seu pai, por falecimento de seu irmão João 3.º, do qual foi também herdeiro. Foi chamado Cavaleiro e Gram-Mestre da Casa de João, Duque de Borgonha e Cavaleiro da Guarda em Paris, no tempo que era dos Ingleses.

Casou a 1.ª vez com Maria de Bréaute, Senhora de Rovray e Vernevil, de que

---

<sup>1</sup> À margem lê-se: Pellicer, dito Memorial, fl. 103, n.º 76.



parece não teve filhos, por cuja morte casou 2.<sup>a</sup> vez com Filipota de Troyes, natural de Paris, que estava viuva, com três filhos de seu primeiro marido, casados em Inglaterra, donde saíram os Senhores de Galet, de Houdetot e Someroy, e outros, tanto em Inglaterra, como em Flandres e França. E dêste segundo matrimonio

teve

6.<sup>o</sup> João 4.<sup>o</sup> de Béthencourt que segue

6.<sup>o</sup> Miciot Béthencourt § 3.<sup>o</sup>

6.<sup>o</sup> Henrique Béthencourt § 4.<sup>o</sup>

6.<sup>o</sup> Jorge de Béthencourt que passou de França a Castela, onde casou em Valladolid com Glória de Ávila, irmã de Gil Gonçalves de Avila, Senhor de Cespedosa, filhos de Estêvam Domingos de Ávila, Senhor das Navas de Cespedosa, de quem nasceu

1.<sup>o</sup> João Sanches de Béthencourt, cuja geração seguiu os apelidos de Ávila e Béthencourt.

---

6.<sup>o</sup> João 4.<sup>o</sup> de Béthencourt, filho 1.<sup>o</sup> dêste Reinaldo de Béthencourt, sucedeu na casa de seu pai e viveu em França, onde seguiu a sua descendência. Casou com Joana de Noyon, filha de Crispin de Noyon, Senhor de Cachenoche

e teve

1.<sup>o</sup> Luís de Béthencourt que segue

1.<sup>o</sup> Jaques de Béthencourt que foi pai de João 6.<sup>o</sup> de Béthencourt, Senhor de Mauguenchy, Randilon, São Pedro, Quesnay, Glatigny, Huquelen, Quenouville, o qual de sua mulher Maria Oclere

teve

7.<sup>o</sup> Galeno de Béthencourt, Senhor das ditas terras e desembargador do Paço em Ruão que foi pai de

8.<sup>o</sup> Galeno 2.<sup>o</sup> e de

8.<sup>o</sup> Jaques de Béthencourt, visitador em Ruão.

1.<sup>o</sup> Antônio de Béthencourt, que foi sacerdote.

1.<sup>o</sup> N... de Béthencourt, mulher do Senhor de Belleville.

1.<sup>o</sup> N... de Béthencourt, mulher de Passart, Senhor de Gaucourt.

1.<sup>o</sup> Luís de Béthencourt, filho primeiro dêste João 4.<sup>o</sup> de Béthencourt, sucedeu na casa de seu pai. Casou com Francisca Raynhard, filha de Guilherme Raynhard, Senhor de Feleville

e teve

9.<sup>o</sup> João 5.<sup>o</sup> Béthencourt que segue

9.<sup>o</sup> Jaques de Béthencourt

9.<sup>o</sup> João 5.<sup>o</sup> de Béthencourt, filho primeiro dêste Luís de Béthencourt, sucedeu na casa de seu pai e foi o que deu esta genealogia dos Béthencourt, no ano de 1540 aos comissários de El Rei e foi esta trasladada do original no ano de 1556, constando todo o sobredito por bons títulos e autos que foram apresentados pelo Senhor de Béthencourt desembargador do Paço em Ruão. Casou com Maria de Belleville

e teve

10.<sup>o</sup> Mateus de Béthencourt que casou com Bonne de Espinay, filha do Senhor de Luc s. g.

§ 2

9.<sup>o</sup> Jaques de Béthencourt, filho 2.<sup>o</sup> de Luís 1.<sup>o</sup> de Béthencourt § 1.<sup>o</sup> N.<sup>o</sup> 7, casou com Margarida Regnaut

e teve

10.<sup>o</sup> Luís 2.<sup>o</sup> de Béthencourt que segue

10.º Ricardo de Béthencourt, que foi pai de Duarte de Béthencourt, Senhor da Capella.

10.º Luís 2.º de Béthencourt, filho 1.º de Jaques de Béthencourt casou com Maria De Fray

e teve

1.º N... de Béthencourt, mulher de João de Beville, Senhor de Berengueville.

1.º N... de Béthencourt, mulher de Mateus Roquet, Senhor de Saumont, as quais ambas possuíram a terra de Béthencourt em Bay, da antiga casa de Béthencourt.

Maciot de Béthencourt, filho 2.º de Reinaldo de Béthencourt... trespassou a Ilha de Lançarote no Infante D. Henrique, filho de El Rei Dom João I de Portugal e por ela lhe deu várias terras de sesmaria na Ilha da Madeira e vinte mil (reis?) de juro, que ao depois trocou seu genro Rui Gonçalves da Câmara com o Infante Dom Fernando, pai de El Rei Dom Manuel, pelas saboarias da mesma Ilha, onde se passou a viver com seus sobrinhos.

.....

§ 4

6.º Henrique de Béthencourt, filho 3.º de Reinaldo de Béthencourt, acompanhou seu tio João de Béthencourt, juntamente com seu irmão Maciot de Béthencourt, na conquista das Canárias, onde ficou governando por sua ausência. Casou com sua sobrinha, filha de seu irmão Maciot de Béthencourt

e teve

1.º Maciot de Béthencourt que casou nas Canárias com Leriza (Lerida?) de Guardateme (Guanasteme), da geração dos Reis das mesmas Ilhas, filha ou neta de Guardateme que depois de batizado se chamou Fernando, Rei delas e foram pais de André de Béthencourt, que justificou sua ascendência, tirando brasão de armas em França e em Castela, os quais confirmou depois El Rei Dom Manuel, a Gaspar de Béthencourt, como adiante se dirá.. 1.

VI

Monsieur João de Béthencourth foi Senhor de Béthencourt em Normandia, casado com Maria de Braquemont, filha de Reinaldo de Braquemont, Senhor de Braquemont, tudo em França.

Teve

Monsieur João de Béthencourt, que veio a Espanha com Robim de Braquemont, Almirante de França, a cuja instância a Rainha Dona Catarina, mãe de El Rei Dom João, o 2.º, lhe fez mercê, no ano de 417 das Ilhas das Canárias, com título de Rei e tendo-as subjugado Lançarote, Forteventura e Ferro, se voltou a França, deixando o govêrno a seus sobrinhos e lá era Camareiro-Mór do Duque de Borgonha; dizem deixara filhos bastardos, de que há descendência nas ditas Ilhas.

Reinaldo de Béthencourt

2. Reinaldo de Béthencourt, filho de João de Béthencourt, casou em França e teve

Maciot de Béthencourt.

Henrique de Béthencourt.

<sup>1</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Arvores Genealógicas*, 21, F., 11.

Jorge de Béthencourt.

3. Maciot de Béthencourt, filho d'este Reinaldo, não podendo sustentar-se nas ditas Ilhas, as trespassou, dizem alguns a Dom Henrique, Conde de Niebla e João de Barros que ao Infante Dom Henrique, filho de El Rei Dom João, o 1.º e se passou à Ilha da Madeira, onde teve as saboarias e outras rendas, por troca que dizem lhe dera o dito Infante. Foi cavaleiro do hábito de (?).

Teve bastardos

Dom Rodrigo de Béthencourt, de que diz Dom Luís Lobo que deixou descendência nas Canárias.

Dona Maria de Béthencourt, mulher de Rui Gonçalves da Câmara, primeiro capitão da Ilha de São Miguel s. g. que deixou o morgado que instituiu na dita Ilha, chamada da «Água do Mel», a seu primo Gaspar de Béthencourt.

§ 2

4. Henrique de Béthencourt, filho segundo de Reinaldo de Béthencourt (n.º 2), era casado em França, quando passou à dita conquista, com Lerida de Guardateme, filha de Fernando de Guardateme.

Teve

Maciot de Béthencourt, casado em Castela e teve André de Béthencourt, casado nas Canárias.

Henrique de Béthencourt.

Gaspar de Béthencourt.

5. Henrique de Béthencourt, filho d'este Henrique de Béthencourt, passou à Ilha da Madeira e casou na Ribeira Brava com Dona . . . , filha de Inácio (?) de Morais e de . . .

e teve

João de Béthencourt da Ribeira Brava.

João de Béthencourt Cavaleiro.

Gaspar de Béthencourt s. g.

Henrique de Béthencourt s. g.

6. João de Béthencourt da Ribeira Brava, filho d'este Henrique de Béthencourt, casou com Bárbara Gomes Ferreira, filha de João Gomes e de . . .

Teve

Pedro de Béthencourt.

Francisco de Béthencourt.

Henrique de Béthencourt.

Gaspar de Béthencourt, que casou com Isabel de Ornelas.

D. Inês de Béthencourt, mulher de Dom Luís de Moura, Estribeiro-Mór do Infante Dom Luís.

Dona Catarina ou Guiomar de Béthencourt, mulher de Luís de Atouguia, filho de Francisco Álvares da Costa.

Dona Isabel de Béthencourt, 2.ª mulher de António Correia, o Velho, filho de Inácio (sic) Correia.

2. Pedro de Béthencourt, filho d'este João de Béthencourt, casou com Maria de Freitas, filha de João de Freitas, Vedor da Fazenda da Ilha da Madeira e de Guiomar de Lordêlo.

.....  
Jorge de Béthencourt, filho terceiro de Reinaldo de Béthencourt (n.º 2), fôra Senhor de Nava Redonda. Casou em Castela com Elvira de Ávila, filha de Estêvam

Domingos de Ávila, Senhor das Navas, irmão de Gil Gonçalves de Ávila, Senhor de Cespedosa.

Teve

João Sanches de Béthencourt, que foi Senhor de Nava Redonda, casou com Maria Vás de Vadello (Vadillo? Badillo?), filha de ...

Teve

Antão Gonçalves de Ávila.

Dona Maria de Béthencourt, que casou em Castela.

Antão Gonçalves de Ávila, filho dêste João Sanches, passou à Ilha Terceira, no tempo da comunidade (de Castela): lá casou com Inês Gonçalves de Antôna, filha de Agostinho Gonçalves de Antôna e de

Teve

Belchior Gonçalves.

João de Ávila.

Dona Filipa Gonçalves de Ávila, mulher de João Vás Nogueira, de Figueiró dos Vinhos.

Joana Gonçalves de Ávila, mulher de João Gonçalves Machado, filho de Gonçalo Anes da Fonseca e de Maria (Mécia) Anes de Andrade.

Catarina Gonçalves de Ávila, mulher de Martim Anes da Aveleira.

Maria Gonçalves de Ávila, mulher de Antão Fernandes Lial.

Guiomar Gonçalves de Ávila, mulher de Francisco Álvares.

---

Belchior Gonçalves de Ávila, filho dêste Antão Gonçalves, casou com Inês Gomes, filha de Gomes Lourenço e de Iria Vás.

Teve

Antão Gonçalves de Ávila, s. g.

João de Avila, que casou, s. g.

Belchior Gonçalves.

Fernão de Ávila.

Filipa Gonçalves de Ávila, mulher de Damião Dias Picanço.

Catarina Gonçalves de Ávila, mulher de Simão Fernandes Quadrado, s. g.

Inês Gonçalves de Avila, mulher de Guilherme da Silveira, s. g.

Maria de Avila Béthencourt, mulher de Jorge de Lemos, o Velho.

Francisca de Avila Béthencourt, mulher de João Gomes de Lemos.

(Bastardo) Artur Gonçalves de Avila, que casou na Graciosa, de quem não há geração.

---

Belchior Gonçalves de Avila, filho terceiro dêste Belchior Gonçalves, casou na Graciosa com Guiomar da Cunha, filha ...

Teve

Simão da Cunha.

Cristóvam da Cunha.

Belchior de Avila da Cunha<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Livro das Famílias Nobres dêste Reino de Portugal, dos apelidos que pertencem à letra B*, por Bernardo Pimenta do Avelar Portocarrero, ano de 1719.

VII

**Informações dadas pelo Ajudante Afonso Botelho de S. Paio,  
datadas de Curitiba em 8 de Setembro de 1769**

.....  
«Como se achão entradas para o Sertão duas Companhias..... vou pôr na presença de V. Ex.<sup>a</sup> as razões porque tenho disposto assim estas expedições.....  
... se uma expedição não tiver facilidade de chegar aonde se espera, poderá outra conseguir o que se pretende, e em qualquer caso se podem valer huma da outra e juntamente do que agora entra pelo Rio do Registo.

Esta terceira expedição hé composta de gente de Parnaguá; é Cap.<sup>m</sup> o Alferes de Auxiliares da mesma Villa Antonio da Silveira Peixoto. Esta gente, por ter sido criada na borda do mar e ter uzo de andar embarcada, ha-de embarcar até aos 20 ou 26 deste mesmo Porto de N. S.<sup>ra</sup> da Conceição de Cayacanga, do Rio do Registo, e descendo por elle abaixo, seguindo o caminho que foi abrir o Sargento do numero da mesma Companhia, que em tres canoas partiu aos 28 deste mez passado; tanto que pudessem abrir caminho por terra ou por Rio que saya a campo por baixo do salto grande do mesmo Rio, nas margens delle se hão de estabelecer na parte mais cômoda que acharem para Povoação, com as circumstancias que V. Ex.<sup>a</sup> declara, e tanto que acharem lugar como V. Ex.<sup>a</sup> ordena hão de parar, botar rossa que chegue para si e para a mais gente que anda no Sertão, e for preciso entrar, e se não tiverem noticia das duas Companhias que entrarão por terra, deixando ali aquella gente que for preciza, hão de continuar embarcados se for possível a navegação do mesmo Rio do Registo, até chegar ao fim delle ou aonde puder ser, e em tudo seguirem as ordens de V. Ex.<sup>a</sup>; e emquanto se achão occupados com as rossas, as Companhias que vão pelo Sertão chegarem aonde se lhes ordenou, dando parte ao Comandante de toda esta expedição, que ha de estar no primeiro lugar em que a gente se estabelecer nas margens do Rio do Registo o dito Comandante com a gente que se achar no Sertão, que ha de ser ao pé de 300 homens, pode dispôr conforme as noticias que tiver, e com o dito corpo fazer-se forte em toda a parte.

Esta a formalidade com que se tem feito e vay fazendo esta expedição, que todo o meu fim se encaminhe pelas ordens q' V. Ex.<sup>a</sup> me dá, dispondo para com a maior brevidade adquirirmos as noticias que se pretendem; e logo que as houver pôr em termos de podermos sustentar-nos em qualquer parte para que a dilação não faça infructifero todo o trabalho e despeza que tem havido. Se Deos fôr servido parece-me chegaremos a concluir esta deligencia com felicidade, pois hé para honra e gloria sua»<sup>1</sup>.

VIII

**Carta de Bruno da Costa Filgueiras informando sobre o que se tem feito no Sertão,  
datada do Sertão do Pouzo dos Córvos, em 5 de Novembro de 1760**

«S.<sup>r</sup> Affonso Botelho:—Vindo na deligencia da ordem de V. S.<sup>a</sup> a dar socorro a meu Irmão achei escripto e caza com mantimentos acondicionados, e elle subiu

<sup>1</sup> Arquivo do Estado de S. Paulo, *Publicação oficial de documentos interessantes para a história e costumes de S. Paulo*, vol. XXXIV, págs. 87 e 88.

á meya carga pelo *Pitinga* acima a ver se achava capacidade ou não; em meyo caminho tornou por hum rio que vinha da parte esquerda, e deixou escripto o nome de *Rio Verde*. Marchey pelo dito Rio acima, onde cheguey ás canoas e procurey a picada e me puz ao alcance; ao cabo de seis dias de viagem, com os camaradas carregados, encontrei com elle já com tres dias de volta, procurando socorro, e vinhão lesto de tudo, que já havia hum mez que passavão a caça, já não sabiam o gosto do sal, só trazião o tempero para alguma mezinha, e aqui damos parte ao Cap.<sup>m</sup> Antonio da Silveira, e nos partimos para o Rio a esperar que chegue o Cap.<sup>m</sup>, e com brevidade pedimos 20 homens armados a fortificar o barranco do Rio e fazer canoas para, em chegando o Cap.<sup>m</sup>, estarmos promptos a seguir as ordens determinadas, . . . . .»<sup>1</sup>.

**Outra carta de Bruno da Costa Filgueiras, da mesma data**

. . . . .  
 «. . . encontrei a meu Irmão com o socorro que V. S.<sup>a</sup> me mandou, que eu arribava a buscar socorro par vir estabelecer a paragem e dar parte a V. S.<sup>a</sup>, e como encontrei o socorro arribo a estabelecer a paragem, que me parece que antes de muitos dias hão de vir reconhecer o rasto gentes da qualidade que for, e para mayor prevenção mandey em continente pedir ao Cap.<sup>m</sup> Antonio da Silveira que me mandasse 20 homens armados até chegar o dito Cap.<sup>m</sup>, assim rogo a V. S.<sup>a</sup> me mande armas e polvora e balla para prevenção do que nos poderá acontecer, de que espero em S. Francisco de Paula que não seja preciso levar nada pela força, senão por geito»<sup>2</sup>.

IX

**Carta do mesmo Ajudante Afonso Botelho de S. Paio a D. Luís António de Sousa, datada de Paranaguá, em 16 de Novembro de 1769**

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Partiu a expedição composta de gente desta Villa de Paranaguá pelo Rio do Registo aos 16, e 28 de Outubro<sup>3</sup> se embarcarão em duas esquadras, e forão municidados para tres mezes, e de tudo bem preparados pelo mesmo Rio abaixo.

De Bruno da Costa, que em 28 de Agosto partiu, não ha novas, mas recomendei ao Cap.<sup>m</sup> Silveira, tanto que o topasse ou delle tivesse noticia, mandasse assim dar novas do que tinha obrado, e o mesmo Cap.<sup>m</sup> dêsse conta da sua viagem e do que tivesse visto até onde se achasse. Espera-se que o dito Bruno da Costa tenho vencido as difficuldades do Salto Grande, e agora lhe foi soçorro, e hum Irmão com oito homens para os acompanhar até o fim desta deligencia, emquanto o Cap.<sup>m</sup> Silveira bota rossa e se estabelece no lugar mais comodo, abayxo do salto grande ou acima conforme a occazião que tiver. Espera se ter noticia até o Natal do que se obra nesta expedição, que fora pelo Rio do Registo abayxo e emtanto se estão fazendo seis canoas e apromptando mantimentos para lhe hirem tanto que houver noticias e vier gente para dar parte do que hé preciso»<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> *Ob. cit.*, pág. 115.

<sup>2</sup> *Ob. cit.*, pág. 118.

<sup>3</sup> Atrás dizia este Ajudante que a expedição partiria entre 20 a 26 de Setembro.

<sup>4</sup> *Ob. cit.*, págs. 109 a 110.

Outra carta do mencionado Ajudante a D. Luís António de Sousa,  
datada da Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres da Barra de Paranaguá,  
em 30 de Novembro de 1769

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.: Chegarão as cartas do Sertão e nellas achará V. Ex.<sup>a</sup> as noticias que dá Bruno da Costa das deligencias que tem feito, pois para melhor informar a V. Ex.<sup>a</sup> remeto as mesmas cartas e dos mesmos Officiaes, pois dellas se conhece o quanto estamos perto da gente que tem civilidade, e porque Bruno da Costa hé prudente e bastante acautellado, em reconhecendo a gente de que dá noticia, se ha de haver com bom modo e se adiantar o que for possivel, pois como vay o Cap.<sup>m</sup> Silveira animal-o, aonde elle chegar não o hão de fazer retroceder sem huma grande força; e como Deos foi servido abrir caminho tão breve para lhe poder ir socorro, por falta deste não ha de a deligencia perecer.

Alem das cartas que ponho na presença de V. Ex.<sup>a</sup>, outras mais noticias fazem perceber que dentro de oito dias se chegará do Porto de N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição do Cayacanga, do Rio do Registo, ao Porto onde chegou o Bruno, que ficará chamando-se o estabelecimento que ally se formar *O Porto de N. Sr.<sup>a</sup> dos Prazeres de Matheus*. Esta distancia não hé nada para o Sertão tão dilatado, como dizem as noticias antigas, porem sempre se fazem boas oitenta legoas. Parece-me que tanto o Cap.<sup>m</sup> Silveira como o Bruno farão por chegarem ás margens do Rio Paraná, ou ao menos adquirirem as noticias que se pretendem do mais resto do Sertão e do dito Rio, e onde elles chegarem agora, logo darão noticias do que tiverem encontrado; e para que elles possam continuar vão agora os mantimentos que já estão promptos e o mais que elles pedem. Só armas não se poderão remediar pelos não haver, pois as 96 que tinham vindo para a expedição de Francisco Pinto, repartidas pelas quatro expedições não foram bastantes. ....<sup>1</sup>.

## X

Offício n.º 4, datado de 1 de Março de 1770, ao Governador da Capitania de S. Paulo,  
D. Luís António de Sousa, ao Conde de Oeiras,  
noticiando as explorações em andamento na Capitania

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup> Pela recapitulação da carta letra A, do Ajudante das Ordens Affonso Botelho de S. Payo e Souza, de 8 de 7br.<sup>o</sup> do anno proximo preterito, escripta em Curitiba, será V. Ex.<sup>a</sup> informado do numero de companhias ou bandeiras com que se deu principio á conquista do Sertão do Tibagy; das quaes duas passarão este Rio ou Porto de S. Bento, seguindo o caminho a procurar o Rio Ubatuba ou do Peixe, ..... e a terceira seguiu pelo Porto de N. S.<sup>ra</sup> da Conceição de Cayacanga, do Rio do Registo, para explorar o dito Rio, tendo navegado adiante outra expedição mais pequena ás ordens de Bruno da Costa, para lhe abrir caminho, ou por agua ou por terra, para se poderem vencer os grandes saltos deste Rio. .... tambem verá V. Ex.<sup>a</sup> ... as noticias que deu o Commandante Bruno da Costa, da sua deligencia, entendendo tinha vencido os saltos do Rio do Registo e se achava defronte das Campanhas das Missões; mas porque isto foi engano, nascido da grande distancia da serra que atravessou, em que gastou mez e meio, quando chegou o

Capitão Antonio da Silveira Peixoto, que o seguia, achou que elle ainda não tinha vencido o ultimo salto e se achava defronte dos campos do Aputrebú; e sem embargo de que estava fazendo grandissimas diligencias por se restaurar, envergonhado de não ter conseguido o verdadeiro fim da sua derrota, o prendeo o dito Capitão e remeteo para diante com grandissima emulação de conseguir elle só a gloria desta empreza<sup>1</sup>.

## XI

## Para o Conde de Oeiras, sobre as expedições aos sertões de Curitiba

•Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup>: Depois de ter dado conta a V. Ex.<sup>a</sup> da derrota que seguiu o Cap.<sup>m</sup> Antonio da Silveira Peixoto em descubrimento do trabalho Rio do Registo, me chega a carta do Ajudante de Ordens Affonço Botelho de S. Payo e Souza, escripta de Paranaguá, de 9 de Junho deste presente anno, em que me diz que as noticias que podia dar das expedições erão terem vindo buscar fora mantimentos para a expedição do Cap.<sup>m</sup> Silveira e que lhes ficara apromptando, porque por falta delles não a havia deixar perecer.

Que tinha havido alguma desunião entre os Officiaes da Companhia e por esse motivo mandou prender lá mesmo o Alferes, reprehender o Tenente e advertir o Capitão e que lhe parecia seria esta demonstração bastante para se emendarem;

Que por lhe parecer que Bruno da Costa seria de grande utilidade para reforçar ao Cap.<sup>m</sup> Silveira, se rezolvêra a lhe entregar o seu corpo, e que dando-lhe as ordens necessarias para o bom fim daquella expedição, partira a 2 de Abril, e que esperava daquelle Official hum bom serviço por lhe ter determinado que logo, immediatamente depois de terem chegado á barra do Rio do Registo e examinado o que aly houvesse, ficaria naquelle posto o Cap.<sup>m</sup> Silveira e o Bruno voltaria com a sua gente para abrir hum caminho desde a paragem onde o Rio do Registo principia a ser navegavel, abaixo dos saltos, para sair com o mesmo caminho pela parte de fora do Rio, acima dos saltos, naquella parte mais cõmoda que possa facilitar a cõmunicação e transportes desde o principio do mesmo Rio emté o fim, por ser mui difficuloso o tranzito pelos despenhadeiros e grandes caxoeiras que tem.

Tãobem dá a noticia que em huma destas caxoeiras se perdera huma canoa, morrendo afogado hum Soldado e escapando os outros milagrozamente, e que em outra caxoeira correra grande risco o mesmo Cap.<sup>m</sup> com todos os que o acompanharão, porque indo navegando em Rio manço repentinamente derão em huma correnteza tão vehemente que por muito espaço os levou arrebatamente, sem se poderem valer, e julgando-se perdidos, chamando, por N. Sr.<sup>a</sup>, por acazo puderão apegar-se a huns ramos em que se salvarão, e a canoa se foi, perdendo-se nesta occazião as armas, ferramentas e tudo o que levavão, e que nada disto fora bastante a desmayar o animo deste honrado Capitão; mas, antes constante e valerozo, procurando com muito trabalho e deligencia chegar ao Rio manço e navegavel, se tornou a embarcar mais abaixo da caxoeira em dias de Março, e fizera avizo passados alguns dias de viagem dando parte de que hia navegando sem embaraço, e se espera em Deos que tenha chegado ao fim da sua grande empreza e que muito breve tenhamos a noticia certa do bom successo;

Que das expedições que entrarão pelo Porto de S. Bento e descerão pelo Rio

<sup>1</sup> *Ob. cit.*, págs. 81 a 83.



de D. Luiz <sup>1</sup> não havia por ora outra certeza mais do que ter chegado o Cap.<sup>m</sup> Nunes a estabelecer-se no Rio Paraná; que tinha expedido para aquellas partes duas conductas de munições e tudo o mais que era precizo; que ficava de partida para a Curitiba, de onde havia de mandar mantimentos para todas as expedições, especialmente para a do Rio do Registo; que todos tinham requerido por muitas vezes o seu pagamento por andarem nós e ter-lhes o mato rompido as roupas que levavão; e que ficava na deligencia de ver se achava alguém que lhe quizesse mandar algumas peças de baêta e algodão para se poderem cobrir e agazalhar dos grandes frios qua ha por aquelles sertões, emquanto não dava providencias para lhes fazerem pagamento;

Que agora em Curitiba tinha de pagar todos os mantimentos e despezas que se tinham feito depois da ultima carta que dera em 9br.<sup>o</sup> do anno passado, cuja divida importaria em 500<sup>000</sup> até . . . . 600<sup>000</sup>, para a qual ainda tinha setecentes e tantos mil reis de sobejos dos 2 000<sup>000</sup> que lhe mandei pelo Cap.<sup>m</sup> Aranha

Mais me diz que os 16 Soldados que tinham dezertado com o Sargento Tomé Ribeiro, todos da Companhia do Capitão Estevão Ribeiro, fallecido, atravessando matos, sahirão aonde se chama *O Carrapato*, nos Campos Geraes, e ally espalhando-se se auzentarão para onde não puderão ser prezos, mas que tendo noticia de hum bando que se mandara publicar cinco ou seis se tinham vindo apresentar e offerecer-se para o que fosse necessario.

Hé tudo o que se me tem participado até o presente das expedições ao sertão e logo, immediatamente que expedir estas cartas, vou promover estes dezignios com a mayor eficacia que me couber no possivel.

Deus G.<sup>do</sup> a V. Ex.<sup>a</sup> S. Paulo 4 de Julho de 1770. Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup> Conde de Oeyras. — *D. Luiz Antonio de Souza*<sup>2</sup>.

XII

**Relação da viagem de António da Costa Pimentel, Oficial da Companhia do Capitão António da Silveira Peixôto, em forma de carta e dirigida a Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, datada de 15 de Julho de 1770**

« . . . . .

Aos 22 (de Junho de 1770) marchamos e chegamos aonde estava o Capitão no Porto das Antas ao qual achamos charquiando huma anta e tres porcos que tinham morto. . . . .

Aos 23 marchamos todos embarcados pelo Rio manço cousa de dez leguas e em 24 marchamos pela mesma mansidão.

Aos 25, ao meio dia, achamos um grande salto, onde se fez porto pela parte de cima, cujo porto se intitulou *Porto de Souza*, e varou a travessia por terra que terá quatro leguas, por cujo salto passou por terra o Capitão huma canoa, varando por cima de rollos com tanta difficuldade que ninguem julgou passar-se, mas quiz Deos que assim se fizesse.

Passado elle e posta no remanço, embarcadas as cargas, navegou somente hum dia e logo deo-se em outros tantos despropositos de saltos, que hé couza grande,

<sup>1</sup> O porto de S. Bento era no rio Tibagy; dali partiu uma das expedições, emquanto outra descia pelo Rio Yvahy, aqui chamado *Rio de D. Luiz*, e uma terceira rodava pelo Rio do Registo ou Yguassú.

<sup>2</sup> *Ob. cit.*, págs. 244 a 246.

mandando o Capitam explorar por dous soldados; gastarão tres dias e vierão dizendo passarão seis saltos, huns atraz dos outros, e que não chegarão ao grande, mas que era tão grande a zoadá e rumor que fazia que parecia continua peça de Artilharia, com grandes fumaças que imitão o mesmo fogo, e estas nós todos vimos resurgir de entre humas grandissimas serras e neste principio do primeiro salto dezagua hum rio muito grande que vem da parte do Sul, que terá 100 braças, mas innavegavel ao que se tem visto, a cujo Rio e Porto se poz o titulo de *N. Senhora da Luz*, e este Rio se supoem ser ou das Canoas ou das Marombas <sup>1</sup>, e neste ficão duas canoas, huma de cada parte para passagens, e a tres dias que se anda furando a travessia. Deos permita ver-nos fora disto brevemente, que ao nosso ver será este o ultimo incauto em que com elle pretenda dar a V. S. as Alviassaras e alcançar V. S. o galardão que merece e repartir com aquelles que melhor souberem merecer o agrado de V. S., . . . . . <sup>2</sup>.

## XIII

Para o Marquês de Lavradio, Vice-Rei do Estado,  
sôbre os progressos feitos pelas expedições ao sertão de Tibajj

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup>: — Dou parte a V. Ex.<sup>a</sup> como por todo este mez proximo preterito me tem chegado frequentissimas noticias, humas depois das outras, dos adiantados progressos que tem feito as bandeiras desta Capitania em os descobrimentos dos Certoens de Tibagy e Yvahy; não só tenho esta certeza pelas muitas cartas dos Officiaes das mesmas Bandeiras, escritas de diferentes partes e diversas alturas, mas tambem tive o gosto de as houver referir ao Rd.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Fr. Athonio de Santa Thereza, Religiozo Benedictino e muito inteligente para estas couzas, o qual tendo entrado por Curitiba ha mais de hum anno por ordem minha em qualid.<sup>o</sup> de Capelão de huma das sobreditas Bandeiras, depois dó vagar com ellas por aquelles dous grandes Certoens e deixar examinada toda a corrente do Rio de D. Luiz, do Rio Tibagy, do Rio Pequiry, Salto Grande do Guayrá e Rio Guarey, e o transito das passagens dos Indios, que são as unicas que pode haver para o nosso continente; descobertos os fundamentos das antigas Povoações Castelhanas, que destruhirão os Paulistas no seculo passado <sup>3</sup>; feitas as estradas francas para passar toda a sorte de cargas; abertos os Portos nos Rios e os vasadouros nas caxoeiras por espaço de trezentas legoas, com incriveis e admiraveis acçoens de valor e constancia, abrirão a comunicação desde Curitiba ao Guatemy, por onde já me vem cartas daquela Praça, e desde o Guatemy até S. Paulo pela parte do Norte, por onde o dito Religiozo se recolheo a esta cidade trazendo-me huma exacta *Carta Geografica* da sua derrota e da verdadeira disposição deste largo Continente <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> O narrador estava enganado: O rio Marombas é affluente da margem direita do rio Canoas e ambos juntos vão desaguar na margem direita do rio Uruguay e não na margem esquerda do Iguassú, como o explorador suppõe. E mais provavel que o rio em questão seja o Chopim ou mesmo o Santo Antonio Guassú, que vem do sul desaguar no baixo Iguassú. O rio Santo Antonio forma hoje parte da linha divisoria do Brasil com as Missões Argentina.

<sup>2</sup> *Ob. cit.*, págs. 321 a 322.

<sup>3</sup> As povoações castelhanas de Guayrá (hoje Estado do Paraná) foram arrasadas pelos paulistas Antonio Raposo e Manuel Preto Morcira nos annos de 1630 a 1632, e as povoações, igualmente castelhanas, de Matto-Grosso foram destruidas pelo mesmo Antonio Raposo pelos annos de 1648 a 1650, na sua passagem para a Bolívia e Perú.

Não existe neste archivo copia deste mappa.